

**PEDRO RODRIGUES DE MIRANDA**

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A WEB  
2.0 EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CORUMBÁ/MS**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
Campo Grande – MS  
Julho – 2014**

**PEDRO RODRIGUES DE MIRANDA**

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A WEB  
2.0 EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CORUMBÁ/MS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação Educação da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

**Área de Concentração:** Educação.

**Orientador:** Prof. Dr. Neimar Machado de Sousa.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**  
**Campo Grande – MS**  
**Julho – 2014**

Ficha catalográfica

Miranda, Pedro Rodrigues de  
M672c Concepções de professores e alunos sobre a web 2.0 em duas escolas  
públicas de Corumbá/MS / Pedro Rodrigues de Miranda; orientação Neimar  
Machado de Sousa. 2014.  
129 f. + anexos

Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Católica Dom  
Bosco, Campo Grande, 2014.

1. Tecnologia da informação 2. Comunicação na tecnologia  
3. World Wide Web (Sistema de recuperação da informação)  
I. Sousa, Neimar Machado de II. Título

CDD – 371.33

# CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A WEB 2.0 EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CORUMBÁ/MS

**PEDRO RODRIGUES DE MIRANDA**

**Área de Concentração: Educação**

## **BANCA EXAMINADORA**



CAMPO GRANDE, 23 DE JULHO DE 2014.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO BOSCO**

**UCDB**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais pela colaboração, ajuda e cobrança durante toda a minha vida de aluno, sempre com palavras de estímulo, para que eu sempre seguisse em frente, aproveitando as pedras no caminho como obstáculos a superar.

Dedico a mim mesmo, que inicio aqui uma nova fase da minha vida, pois acredito que só a educação pode transformar o ser humano.

Dedico também aos "outros", que de uma forma ou outra colaboraram com a minha formação humana e acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, e também porque não me deixou esmorecer, nem nos momentos mais difíceis da minha vida.

Agradeço também ao meu pai Manoel (in memoriam) e à minha mãe Albertina pela eterna ajuda na minha formação.

Aos meus irmãos, Érico (in memoriam), Solange, Jorge, Rosemary, Rosângela e Angélica, pela força que sempre dispensaram a minha pessoa.

À senhora Tânia Therezinha Ortega de Freitas, agente de viagem da empresa de Turismo Pantur, pelas passagens no trajeto Corumbá - Campo Grande.

Ao professor Amaro pelas caronas, até a rodoviária da cidade, para que eu pegasse o ônibus que me levaria ao conhecimento.

A duas grandes professoras e amigas, professora Ruth Esnarriaga e professora Maria Darcila Antunes de Brito, que foram espelhos para o meu sucesso como professor.

Aos meus amigos de todos os dias, Wilson, Sandro, Geraldo e Nielson pelas farras que nos faz bem.

Aos colegas de linha de pesquisa, Eliel, Rose, Lilia e Wanessa pelo incentivo e apoio na pesquisa que realizei.

Aos demais colegas de mestrado e doutorado da turma de 2012, que me ajudaram muito na minha caminhada.

A minha colega de mestrado Patrícia, pela carona amiga, do hotel até a UCDB.

Ao Hotel da FETEMS, pela acolhida nas terças-feiras e quartas-feiras, no decorrer dos anos de 2012 e 2013.

Ao meu professor e orientador, Neimar Machado de Sousa, pelas orientações, dicas e cobranças para a construção desta dissertação.

A professora Adir, que sempre foi a mãezona, que acolhe a todos.

Ao professor José Licínio, pela cobrança rígida e necessária, para que possamos enxergar os nossos erros.

Ao Grupo de Pesquisa, Educação e Interculturalidade, que auxiliou-me na desconstrução e construção de alguns conhecimentos.

Ao Grupo de Pesquisa GETED, que virtualizou o meu conhecimento.

As escolas, Julia Gonçalves Passarinho (JGP) e Pedro Paulo de Medeiros (PPM), pela colaboração e participação nesta pesquisa.

A Prefeitura Municipal de Corumbá, em especial a Secretaria Municipal de Educação, pelo afastamento, com ônus, das minhas atividades diárias, para que eu pudesse estudar, colaborando, assim, com a minha formação.

As professoras Maria Cristina Lima Paniago e Elizabeth Matos Rocha que aceitaram prontamente em participar da minha banca, contribuindo com dicas valiosas para a construção desta dissertação.

Sendo assim, expresso a todos o meu muito OBRIGADO!

MIRANDA, Pedro Rodrigues de. **Concepções de professores e alunos sobre a web 2.0 em duas escolas públicas de Corumbá/MS**. Campo Grande, 2014. 129 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

## RESUMO

Esta dissertação, vinculada à linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena e ao Grupo de Pesquisa Educação e Interculturalidade do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – UCDB tem como objeto a relação entre as tecnologias de informação e comunicação e a concepção em duas escolas públicas no município de Corumbá/MS. O objetivo é refletir sobre as concepções da WEB 2.0 de professores e alunos usuários da sala de informática de duas escolas públicas no município de Corumbá, MS. Os objetivos específicos consistem em: a) compreender a utilização dos recursos tecnológicos, especialmente os computadores e a internet, em duas escolas públicas, pelos professores e alunos; b) averiguar junto aos usuários das STEs o uso e os limites de uso das tecnologias da web 2.0; c) Analisar o Regimento Interno, Projeto Político Pedagógico das escolas pesquisadas, no que tange ao uso da WEB no processo Ensino Aprendizagem. Como procedimento técnico-metodológico, tendo em vista o pressuposto apresentado para a construção do presente projeto de pesquisa e a questão a ser investigada, optou-se por adotar técnicas qualitativas, com aporte etnográfico/netnográfico e documental. A perspectiva teórica adotada para fundamentar a pesquisa foram os autores dos estudos culturais e pós-coloniais, como Bhabha, Bauman, Fleuri, Hall e Augé, entre outros, que participaram como interlocutores nas reflexões, e também os autores que abordam a temática das tecnologias, como Castells, Bonilla, Lévy, Martino, Mattar, entre outros, para compreensão e análise dos dados produzidos durante a pesquisa. As avaliações da tecnologia e de suas repercussões no contexto social precisam seguramente tomar rumos mais claros e intensos nas atividades didáticas. Discussões sobre as tecnologias tornaram-se permanentes na maioria das instituições de ensino do mundo, realçando a pertinência e reforçando a necessidade dessa reflexão nas escolas brasileiras a respeito do uso de ferramentas tecnológicas. Educar na sociedade digital não é apenas ensinar como usar os aparatos tecnológicos no ambiente escolar, mas posicionar-se criticamente em relação a esses dispositivos, especialmente num contexto social em que os discursos ressaltam a necessidade de indivíduos adaptáveis, conectados e disponíveis para lidar com a rapidez na fluência de informações, tornando-se parte delas. A pesquisa demonstra que há um grande avanço, com relação ao uso das tecnologias pelos professores e alunos, como um recurso a mais na produção do ensino e conhecimento. Entretanto, há grandes desafios a superar rumo à construção de uma educação que contemple todas as formas de ensinar e aprender valendo-se de todos os recursos disponíveis que a sociedade moderna oferece.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias da Informação e Comunicação, Concepção, Educação e Web 2.0.



MIRANDA, Pedro Rodrigues de. **Conceptions of teachers and students about web 2.0 in two public schools Corumbá / MS.** Campo Grande, 2014. 129 p. Dissertation (Master) Dom Bosco Catholic University.

## **ABSTRACT**

This dissertation, linked to the Cultural Diversity Research and Indigenous Education line and the Group Research and Intercultural Education of the Master Program of Graduate Studies in Education - UCDB focuses the relationship between technologies of information and communication and design in two public schools in the city of Corumbá / MS. The aim is to reflect on the concepts of Web 2.0 to teachers and students, users of the computer room of two public schools in the city of Corumbá, MS. The specific objectives are to: a) understand the use of technological resources, especially computers and the internet, in two public schools, teachers and students; b) check with users of STEs the use and limits of use of web 2.0 technologies; c) Analyze the Internal Rules, Political Pedagogical Project of the schools surveyed, regarding the use of the Web in Teaching Learning Process. As technical and methodological procedure, in view of the assumption presented for the construction of this research project and the question to be investigated, it was decided to adopt qualitative techniques with ethnographic contribution / netnographic and documentary. The theoretical perspective adopted to support the research were the authors of cultural studies and postcolonial, as Bhabha, Bauman, Fleuri, Hall and Augé, among others, who participated as speakers in the reflections, and also authors who address the topic of technology as Castells, Bonilla, Lévy, Martino, Mattar, among others, for understanding and analyzing the data produced during the search. Technology and its impact evaluations in the social context must surely take more clear and intense course in didactic activities. Discussions about the technologies have become permanent in most educational institutions in the world, highlighting the relevance and reinforce the need for such reflection in Brazilian schools regarding use of technological tools. Educating in the digital society is not just teaching how to use technological devices in the school environment, but position themselves critically in relation to these devices, especially in a social context in which the speeches underscore the need for adaptable, connected and available to individuals deal with speedy flow of information, becoming part of them. The research shows that there is a breakthrough, with respect to the use of technology by teachers and students as an extra resource in the production of education and knowledge. However, there are major challenges toward building an education that relates to all forms of teaching and learning by making use of all available resources that modern society offers.

**KEYWORDS:** Technologies of Information and Communication, Conception, Education and WEB 2.0.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico de utilização dos sites de relacionamento.....	34
Figura 2 – Foto da localização de Corumbá.....	60
Figura 3 – Recorte do Facebook – Professores.....	81
Figura 4 – Chat 1.....	94
Figura 5 – Chat 2.....	94
Figura 6 – Chat 3.....	95
Figura 7 – Chat 4.....	95
Figura 8 – Chat 5.....	96
Figura 9 – Chat 6.....	96
Figura 10 – Recorte do Facebook – Alunos .....	98

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Estrutura Física da Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho.....	65
--------------------------------------------------------------------------------	----

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1.....	89
GRÁFICO 2.....	90
GRÁFICO 3.....	90
GRÁFICO 4.....	91
GRÁFICO 5.....	92
GRÁFICO 6.....	92
GRÁFICO 7.....	93
GRÁFICO 8.....	98
GRÁFICO 9.....	99
GRÁFICO 10.....	99
GRÁFICO 11.....	99
GRÁFICO 12.....	100
GRÁFICO 13.....	101
GRÁFICO 14.....	101
GRÁFICO 15.....	102
GRÁFICO 16.....	102

## **LISTA DE APÊNDICES**

APÊNDICE 1 - .....	115
APÊNDICE 2 - .....	117
APÊNDICE 3 - .....	120
APÊNDICE 4 - .....	121

## **LISTA DE ANEXOS**

ANEXO 1 – ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA .....	124
ANEXO 2 – ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA.....	126
ANEXO 3 – FOTOS DA ESCOLA MUNICIPAL PEDRO PAULO DE MEDEIROS.....	127
ANEXO 4 – FOTOS DA ESCOLA ESTADUAL JULIA GONÇALVES PASSARINHO.....	129

## **LISTA DE SIGLAS**

**ARPA** - Advanced Research Projects Agency

**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CEE** – Conselho Estadual de Educação

**CEUC** - Centro Universitário de Corumbá

**CME** – Conselho Municipal de Educação

**CNE** - Conselho Nacional de Educação

**CPAN** – Campus do Pantanal

**DA** – Deficiente Auditivo

**EEJGP** – Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho

**EMPPM** – Escola Municipal Pedro Paulo de Medeiros

**ENIAC** - Eletronic Numeric Integrator And Calculator

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IES** - Instituições de Educação Superior

**LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**MEC** - Ministério da Educação

**MPL** – Movimento Passe Livre

**MS** - Mato Grosso do Sul

**MT** – Mato Grosso

**NTE** - Núcleos de Tecnologia Educacional

**PARFOR** - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

**PF1** – Professor do sexo feminino 1

**PF2** – Professor do sexo feminino 2

**PF3** – Professor do sexo feminino 3

**PF4** – Professor do sexo feminino 4

**PF5** – Professor do sexo feminino 5

**PF6** – Professor do sexo feminino 6

**PF7** – Professor do sexo feminino 7

**PF8** – Professor do sexo feminino 8

**PM1** – Professor do sexo masculino 1

**PM2** – Professor do sexo masculino 2

**PM3** – Professor do sexo masculino 3

**PM4** – Professor do sexo masculino 4

**PPP** – Projeto Político Pedagógico

**PROINFO** - Programa Nacional de Informática na Educação

**SED/MS** - Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul

**SEMED** – Secretaria Municipal de Educação

**STEs** - Salas de Tecnologias Educacionais

**TIC** – Tecnologia da Informação e Comunicação

**UCDB** – Universidade Católica Dom Bosco

**UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais

**UFMS** – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**ULBRA** - Universidade Luterana do Brasil

**WWW** - World Wide Web



## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	5
AGRADECIMENTOS .....	6
RESUMO .....	8
ABSTRACT .....	9
LISTA DE FIGURAS .....	10
LISTA DE TABELAS .....	11
LISTA DE GRÁFICOS.....	12
APÊNDICES .....	13
LISTA DE ANEXOS .....	14
LISTA DE SIGLAS .....	15
SUMÁRIO.....	17
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I - OS ENTRE LUGARES DAS CONEXÕES .....	28
1.1 O LUGAR, O NÃO LUGAR E O ENTRE LUGARES DO ESPAÇO ESCOLAR .....	28
1.2 WEB 2.0 E REDES SOCIAIS.....	32
1.3 FACEBOOK.....	34
1.4 CONCEITO DE CULTURA.....	35
1.5 COMUNIDADE/VIRTUALIDADE.....	37
1.6 FORMAÇÕES DO PROFESSOR A PARTIR DOS ANOS 90 COM RELAÇÃO ÀS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO .....	38
1.6.1 AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A FORMAÇÃO .....	40
1.6.2 A UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES .....	44
1.7 AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	49
CAPÍTULO 2 – PERCURSO METODOLÓGICO .....	58
2.1 O CAMINHAR DE UMA VIDA.....	58

2.2 A CIDADE DE CORUMBÁ E SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	60
2.3 CONCEPÇÕES HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CORUMBÁ ...	62
2.4 AS ESCOLAS PRECURSORAS.....	64
2.5 METODOLOGIA.....	68
2.5.1 OBJETIVO.....	69
2.5.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS .....	69
CAPÍTULO 3 – O CAMPO DA PESQUISA E SUAS IMPLICAÇÕES.....	72
3.1 REGIMENTO INTERNO DAS ESCOLAS E SUAS NORMATIZAÇÕES .....	72
3.2 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS E SUAS NORMATIZAÇÕES	76
3.3 OS PROFESSORES E SUAS CONCEPÇÕES .....	80
3.4 OS ALUNOS E SUAS CONCEPÇÕES .....	93
CONSIDERAÇÕES IN/FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS .....	109
APÊNDICES .....	114
APÊNDICES 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	115
APÊNDICES 2 – QUESTIONÁRIO PROFESSOR 1.....	117
APÊNDICES 3 – QUESTIONÁRIO PROFESSOR 2.....	120
APÊNDICES 4 – QUESTIONÁRIO ALUNO 1.....	121
ANEXOS.....	123
ANEXO 1 – ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA .....	124
ANEXO 2 – ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA.....	126
ANEXO 3 – FOTOS DA ESCOLA MUNICIPAL PEDRO PAULO DE MEDEIROS.....	127
ANEXO 4 – FOTOS DA ESCOLA ESTADUAL JULIA GONÇALVES PASSARINHO.....	129

## INTRODUÇÃO

O interesse por este tema surgiu de uma situação de trabalho e convivência ao longo de 20 anos de carreira de magistério, na escola pública. Atuando como professor da educação básica, coordenador pedagógico, funcionário administrativo, técnico do Conselho Municipal de Educação/CME e professor –instrutor da sala de informática, percebi que todos os professores passam por dificuldades voltadas para sua prática, enquanto transformadoras do sistema educacional.

Mais especificamente, através de experiências como professor – instrutor da sala de informática da escola estadual Júlia Gonçalves Passarinho no Município de Corumbá(MS), a partir de setembro de 2002, quando da resistência dos professores em utilizar o computador para diferenciar sua aula. Agora eu pergunto: Onde está falha? É no sistema? É nesta **tecnologia** que chegou sem uma discussão de todos os segmentos pertencentes à comunidade escolar? Ou é na formação do professor, que sente não estar preparado para utilizar tal **ferramenta**? Tais questões me preocupam, assim como preocupa a todos os outros professores e por isso acredito ser merecedor de um estudo aprofundado a respeito dessa **tecnologia**. Faz parte da cultura escolar aquilo que não chega à maioria das pessoas? Pode ser considerado cultural, se o acesso não é para todos?

Em meio à intensidade da globalização e ao surgimento de inúmeras tecnologias que o mundo moderno requer, devemos refletir sobre questões pertinentes à educação brasileira. Até que ponto a máquina produz conhecimento? Como o professor poderia utilizar esta **ferramenta** para produzir conhecimento? Quais são os reais objetivos da implantação dessas **máquinas** nas escolas? Será que o professor está preparado para trabalhar com as **novas tecnologias**? O sistema educacional se preparou ou está preparado para as novas mudanças? Há investimentos nas capacitações dos professores para o uso das **tecnologias**? Desde a implantação e operacionalização das **salas de informática** nas escolas até o presente momento, houve alguma mudança na prática pedagógica do professor? O aluno que utiliza a **máquina** consegue perceber que seu conhecimento difere do outro aluno que não utiliza? A comunidade escolar como um todo tem acesso a essa **ferramenta**, para melhorar seu conhecimento? Quais são as políticas públicas municipais, estaduais e federais que norteiam essas **novas tecnologias** na educação?

**Recurso, tecnologia, ferramenta, máquinas, salas de informática, computador, aparatos tecnológicos, tecnologia digital, internet, web 1.0<sup>1</sup>, web 2.0<sup>2</sup>, web 3.0<sup>3</sup>, cibercultural, comunidade virtual**, entre tantos outros termos, aos olhos dos que leem e veem esta dissertação, parece que eu estou abraçando o mundo, com tantos termos e nomenclaturas que eu uso no decorrer desta pesquisa. Mas foi de propósito que eu perpasso por vários termos, a fim de aguçar a curiosidade do leitor. Mas que na verdade, todos esses termos demonstram o quanto é vasto e rico quando tratamos das tecnologias nas escolas, e que mais se aproxima da minha pesquisa é a sala de informática com os computadores e a internet.

Tais questões subsidiarão uma investigação, para dar sustentabilidade no processo de pesquisa. Segundo Certeau (1999, p. 37), “Mais que de tratar um tema tão fugídido e fundamental, trata-se de torná-lo tratável, ou seja, fornecer, a partir de sondagens e hipóteses, alguns caminhos possíveis para análises ainda por fazer”, com isso percebi que poderia abordar esta temática de uma maneira cultural, no âmbito escolar. Tema este que parece estar saturado no mercado e ao mesmo tempo bastante atual e desafiador.

A pluralidade dinâmica das ações sociais requer indivíduos produtivos, capazes de participar e interagir com forma de garantir a transformação social. É um amplo renovar da qualidade humana, mais reflexiva, crítica, participativa e interativa. Desta forma, os recursos tecnológicos da sociedade atual proporcionam meios de desenvolvimento cultural que a cada dia modificam-se, fazendo com que o homem busque mais informações com intuito de garantir sua atualização.

Os leitores da era eletrônica podem construir textos originais, cuja existência, organização e aparência dependem somente deles. Além disso, têm o poder de intervir a qualquer momento para modificar o texto e reescrevê-lo. Tudo isso, assim como a possibilidade de receber textos, imagens e sons no mesmo objeto – o computador -, altera profundamente todo o relacionamento com a cultura escrita (CHARTIER, 2000 p. 28).

De acordo com a citação acima, na qual Chartier relaciona a cultura escrita e o que está posto nas escolas, não sei se posso dizer a “cultura eletrônica”, “cultura da máquina”, ou qualquer outra denominação, só sei que a escola está mudando o seu rumo, mesmo que seja a passos curtos.

---

<sup>1</sup> Foi a implantação e popularização da rede em si.

<sup>2</sup> É a que o mundo vive hoje, centrada nos mecanismos de busca como Google e nos sites de colaboração do internauta, como Wikipedia YouTube e os sites de relacionamento social, como o Facebook e Twitter.

<sup>3</sup> Pretende ser a organização e o uso de maneira mais inteligente de todo o conhecimento já disponível.

Segundo o que diz Hutmacher (1995, p. 54), “As novas práticas são inventadas, conquistadas, construídas, coletivamente, e não no isolamento individual”. Pensando nessas práticas inventadas e construídas coletivamente, que temos que pensar numa mudança de postura no âmbito escolar.

Sendo assim, os computadores, implantados nas escolas públicas de Mato Grosso do Sul, que visam fazer uma ponte de interação entre o mundo atual e a escola não vêm cumprindo com esse papel. Eles têm a finalidade de ser mais um recurso pedagógico disponível para o professor, não passa de apenas de um recurso tecnológico, com a sua utilização estritamente para o manuseio.

A história cultural, enfim, debruçou-se também sobre os processos de escolarização, mas segundo uma outra perspectiva. Para ela, um dos maiores problemas colocados por nossas sociedades é a história das relações culturais entre culturas orais e culturas escritas e essa questão tem sido objeto de múltiplas investigações desde a década de 1970 (HÉBRARD, 2002, p. 36).

Então, estamos diante de um problema: Que tipo de cultura é essa? Qual é a prática dessa nova cultura? Qual é o caminho que a escola vai percorrer com essa nova prática no âmbito escolar? Essas perguntas nos fazem refletir sobre a nossa prática pedagógica e levam-nos a pensar que a máquina, no caso o computador, é o diferencial do momento, pois a porta está aberta, contendo informações ricas e variadas à disposição do professor, do aluno e demais membros da comunidade escolar, pois uma vez acessando a Internet, temos o mundo inteiro em nossa frente na tela do monitor; com isso verificamos que podemos, sim, trabalhar todos os conteúdos programáticos, utilizando-nos de vários recursos que uma boa sala, bem equipada com acesso à rede pode nos proporcionar.

Segundo Martino (2005, p. 65) o conhecimento não segue padrões estritamente lógicos, mas, ao contrário, caminha a partir de rupturas e descontinuidades. A passagem de uma tecnologia a outra implica a concepção de novos métodos para entender a natureza e uma nova concepção de natureza. Por isso, que tudo que é apresentado como novo, ou moderno, dá entendimento de que é melhor, de que vai produzir conhecimento, ou que indica qualidade de ensino.

Entretanto, os novos aparatos tecnológicos que são apresentados às escolas, tais como tablet, lousa digital, sala de informática, entre outros, não são garantia de ensino de ponta. Temos que repensar as nossas próprias posturas em relação a esses aparatos.

A revolução eletrônica que presidiu os últimos anos do século XX parece abrir as janelas da História a uma nova forma de cidade, de configuração do

espaço e do tempo, das relações econômicas, sociais, políticas e culturais: enfim um novo tipo de cidadão com hábitos, interesses, formas de pensar e sentir emergentes. Uma vida social presidida pelos intercâmbios a distância pela supressão das barreiras temporais e pelas fronteiras espaciais. A esta nova maneira de estabelecer as relações sociais e os intercâmbios informativos deve corresponder um novo modelo de escola (GOMEZ, 2001, p.12).

Com todas essas informações, as escolas situadas no município de Corumbá, estado de Mato Grosso do Sul, dotadas de salas específicas, equipadas com computadores conectados a internet, tendem a ser um diferencial. Com isso, passo a refletir: Que trabalho diferenciado é esse? Que prática pedagógica é essa? Que cultura é essa que está despontando nas escolas? Questões que nos fizeram refletir o rumo desta dissertação, bem como, o meu fazer pedagógico.

O referencial teórico que lastreou a abordagem do tema desta dissertação perpassou o diálogo com diversos autores. Nesse sentido, cabe destacar que a “internet é acima de tudo uma criação Cultural” (CASTELLS, 2003, p. 32). De acordo com esse princípio, começo a trilhar o rumo desta pesquisa, tendo a internet como parceira de todos os dias.

Entendemos que a internet é um entre lugares, espaço intersticial, fronteira entre as culturas manifestadas e interconectadas mediante uma conexão.

“É na emergência dos interstícios - a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationnes], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados” (BHABHA, 1998, p. 20). São essas negociações culturais que devemos perceber como são postas no âmbito escolar, principalmente as negociações mediadas pela internet, compreendendo os objetivos das tecnologias digitais como troca de informação entre aluno e professor.

Segundo Martino, “a cultura, a partir do século XIX, não existe se não considerarmos suas relações com a comunicação. Atualmente há uma relação de interdependência a tal ponto que é impossível separar exatamente comunicação e cultura (2005, p. 16). E aqui eu digo que a comunicação em questão é mediada pela internet, que é a grande disseminadora de cultura.

De acordo com Paro (2007, p. 15), que retrata o que acontece nos estabelecimentos de ensino, nas produções acadêmicas e nos discursos sobre políticas públicas é que “um dos traços que tem apresentado permanência marcante nas últimas

décadas é o generalizado descontentamento com o ensino oferecido pela escola pública fundamental”. E isso nos faz refletir sobre a escola pública, como ela está se preparando, para que haja de fato uma mudança na cultura escolar entre pessoas.

À medida que complexifica, a sociedade capitalista aumenta suas necessidades e as adequações ao momento se tornam vitais à manutenção do sistema.

Assim, algum conceito de reprodução é necessário, se é que devemos ter algum tipo de sociologia crítica da educação ou da tradição, por exemplo. É característico dos sistemas educacionais pretenderem estar transmitindo “conhecimento” ou “cultura” em sentido absoluto, universalmente derivado, embora seja óbvio que sistemas diversos, em épocas diversas e em países diversos, transmitem versões seletivas radicalmente diversas de conhecimento e de cultura (WILLIAMS, 1992, p.183/184).

A preocupação com a qualidade é a função principal da escola hoje e sua prática educativa deve estar em sintonia com as transformações sociais. Porém, a prática pedagógica da escola revela oposição de sua verdadeira função. As aulas monótonas e livrescas, conteúdos sem sintonia com a atualidade, metodologias caóticas, evasão, repetência correspondem a uma cruel realidade.

Para o professor utilizar o computador dentro da abordagem construcionista é preciso que ele integre a informática e a educação na prática pedagógica. Isso implica que ele esteja preparado para dominar os recursos computacionais, conhecer os fundamentos educacionais subjacentes aos diferentes usos do computador, reconhecer os fatores afetivos, sociais e cognitivos implícitos nos processos de aprendizagem e identificar o nível de desenvolvimento do aluno, para poder interferir adequadamente no processo de aprendizagem. (ALMEIDA, 2000 p. 137).

Entendemos que o homem está inserido num grupo e que o primeiro grupo fora da família que ele estará inserido é a escola, onde passará boa parte de sua vida, construindo a formação plena como cidadão. Percebemos então o grupo; só é grupo quando todos os segmentos desse grupo que o constitui tem o mesmo nível de entendimento. Então, queremos justificar o presente projeto, onde refletiremos a respeito das concepções de professores e alunos frente à web 2.0, no caso do computador e internet, e o conhecimento em duas escolas públicas de Corumbá/MS, que possa auxiliar o processo ensino-aprendizagem, dentro do âmbito escolar.

Numa terra onde tudo era ainda conjectural, problemático e conjugado ao futuro, a vontade de afirmar-se projeta-se na invenção de uma tradição (repto a expressão de Eric Hobsbawm) através de práticas discursivas que visam inculcar certos valores através da repetição, o que implicava, automaticamente, uma continuidade (artificial) em relação ao passado histórico apropriado (GOMES, 2000, p. 45).

Segundo Hobsbawm e Gomes que falam da “invenção de uma tradição”, acreditamos que a escola está inventando uma tradição, ou seja, está colocando mais um tipo de cultura, dentro da cultura escolar. Isso não soaria estranho, se considerarmos, por exemplo, a pluralidade da cultura contemporânea como resultado da globalização e que a internet expressa tão bem.

Com relação às pesquisas que se assemelham com a minha proposta no Programa de Pós Graduação Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, encontrei 26 dissertações defendidas que tratam do tema que eu estou propondo, sendo todos da linha 2 - Práticas Pedagógicas e suas Relações com a Formação Docente, sendo a primeira tentativa de estar abordando este tema na linha 3 – Diversidade Cultural e Educação Indígena. Encontrei também, numa perspectiva dos Estudos Culturais, vários trabalhos relacionados com o meu tema na Universidade Luterana do Brasil - ULBRA e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Delimitei os anos de 2010, 2011 e 2012 para selecionar algumas dissertações as quais ajudaram e muito a construção desta dissertação. No Programa de Pós Graduação Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB encontrei as seguintes dissertações, cujas leituras contribuíram para o enriquecimento do meu repertório, sendo elas:

No ano de 2010

1. Inter-relações professor, alunos e família no processo ensino e aprendizagem mediado pelas salas de tecnologias.
2. Implicações do uso do laptop individual nas atividades educacionais: experiência de uma escola de tempo integral da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS.
3. Tecnologias nas escolas: ferramentas ou possibilidade de interação com o mundo?

No ano de 2011

1. Projeto rádio recreio no dia a dia de uma escola municipal

No ano de 2012

1. As Tecnologias de Informação e Comunicação no ensino e aprendizagem de História: possibilidades no Ensino Fundamental e Médio.



Seguindo essa mesma delimitação temporal, pesquisei no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA e encontrei as seguintes dissertações, com trabalho consistente dentro dos Estudos Culturais em Educação, sendo os seguintes:

No ano de 2010

1. Identidades de autor literário no ciberespaço: Ziraldo, do impresso ao eletrônico.
2. O que os Metaversos ensinam sobre o consumo? O caso Second Life.

No ano de 2011

1. Como se aprende a ser fã? Uma análise das comunidades sobre Luiz Gonzaga no ORKUT

No ano de 2012

Sem nenhuma dissertação com foco mais específicos com as tecnologias.

Nessa mesma perspectiva trabalhada nas duas universidades citadas anteriormente, pesquisei também, o Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, encontrei inúmeras dissertações, bem como na base de dados da CAPES, que me orientou e norteou o rumo desta dissertação.

Nesse sentido, pensando que o Brasil tem dimensões continentais e que somos uma população totalmente miscigenada e ao mesmo tempo, bem territorializada, devemos começar a fazer pesquisa com os "nossos" sobre os "nossos", sem perder de vista o que está acontecendo lá fora, mas tentando construir o conhecimento sobre nós a partir de nós mesmo. Por isso, a importância da minha pesquisa para o Programa da UCDB, para o Estado de Mato Grosso do Sul, para a cidade de Corumbá e também para as duas escolas pesquisadas, bem como para o bem da educação como um todo. E a contribuição destas e de outras dissertações que eu pesquisei, na minha dissertação foi de suporte com relação ao rumo das pesquisas no Brasil, com relação às tecnologias.

Queremos que os professores e demais segmentos da comunidade escolar problematizem/reflitam/discutam os objetivos das salas de informática na região de Corumbá. Entendendo tudo isso, passaremos a compreender que tipo de cultura está se manifestando nas representações do contexto na cultura escolar.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em refletir sobre as concepções da web 2.0 de professores e alunos usuários da sala de informática de duas escolas públicas no município de Corumbá, MS. E os objetivos específicos consistem em: Compreender a utilização dos recursos tecnológicos, especialmente os computadores e a internet, em duas escolas públicas, pelos professores e alunos; Averiguar, junto aos usuários das STEs, o uso e os limites de uso das tecnologias da web 2.0; Analisar o Regimento Interno, Projeto Político Pedagógico das escolas pesquisadas, no que tange ao uso da WEB no processo Ensino Aprendizagem.

Entre os percursos metodológicos da pesquisa, considerou-se o pressuposto, a reflexão a respeito da relação entre as novas tecnologias de informação e comunicação, em duas escolas públicas do município de Corumbá/MS, para a construção do presente projeto de pesquisa, com enfoque qualitativo.

Optou-se por fazer uma pesquisa NETNOGRÁFICA, utilizando ferramentas da web 2.0, onde foram feitos questionários semiestruturados e observação in loco, com os “autores” da pesquisa. Para tanto, foi criada uma comunidade no facebook, para a qual foram convidados professores e alunos de ambas as escolas mencionadas, para participarem como membros dessa comunidade.

A respeito da netnografia, cabe esclarecer que se trata de um método sobre o qual pairam muitas interrogações, mas que podemos caracterizar seguindo os mesmos princípios da etnografia, que é uma metodologia de pesquisa originária da antropologia. Segundo GOMES (2011, p. 188) que diz que “a netnografia é uma abordagem que propõe utilizar, na medida do possível, os mesmos critérios da pesquisa etnográfica, para pesquisas que se desenvolvam, parcial ou integralmente, no ambiente virtual”. Com isso, percebe-se que esta metodologia é bastante viável para o trabalho a que estamos propondo.

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas públicas, uma estadual e outra municipal de Corumbá/MS, com a participação dos alunos e professores do ensino fundamental do 9º ano, do período vespertino. A escolha dessas duas escolas, uma pública estadual e outra pública municipal se deram ao fato de terem sido as duas primeiras escolas do município de Corumbá contempladas com as primeiras salas de tecnologias, ofertadas pelo PROINFO, um programa do Governo Federal, em parceria com os governos locais, estadual e Municipal. Nessa época, os rumores em torno dessas salas eram conflitantes e questionadores, pois todos estavam com um “ELEFANTE BRANCO” em mãos. Optou-se por trabalhar com

os alunos do ensino fundamental dessas escolas, com a série final, pois são alunos adolescentes que já têm algum conhecimento com computador, internet, tablet, celular, etc. Sendo assim, trabalhei com os professores do 9º ano do período vespertino das escolas citadas, pelo fato de poder encontrá-los virtualmente, nesse mesmo período.

As informações oriundas das fontes primárias foram colhidas através de questionários, observação em sala de informática e entrevistas semiestruturadas com os professores e alunos utilizando as ferramentas da web 2.0. Quanto às de natureza secundárias foram coletadas por meio de pesquisas bibliográfica e documental.

Escolhemos a Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho situada na Rua Dom Aquino Corrêa, nº 406, e a Escola Municipal Pedro Paulo de Medeiros situada na Rua América s/n, ambas na cidade de Corumbá-MS, como campo empírico, pois as duas escolas citadas foram as primeiras escolas que receberam do governo federal as salas de informática.

Esta pesquisa encontra-se organizada em três capítulos. O primeiro, intitulado “Os lugares das conexões”, relata os lugares do espaço escolar, web 2.0 e redes sociais, facebook, conceito de cultura, comunidade/virtualidade formações do professor a partir dos anos 90 com relação às tecnologias da informação e comunicação, as tecnologias da informação e comunicação.

No capítulo II, “Percurso metodológico” explicita o trajeto de vida do pesquisador, bem como o contexto histórico e educacional do município de Corumbá e das escolas pesquisadas. Cita a metodologia e os objetivos empregados nessa pesquisa.

No capítulo III – “O campo da pesquisa e suas implicações” – analisam-se as temáticas expressas na produção científica selecionada, optando-se por averiguar o regimento interno das escolas e o projeto político pedagógico, bem como analisar as concepções dos professores e alunos frente ao tema proposto, posteriormente, chegar-se aos indicativos que possibilitam apontar alguma conclusão.

Nas considerações finais são apresentadas as percepções da análise proposta acerca do tema proposto por esta pesquisa, retomando o objetivo geral e procedendo às sínteses da pesquisa.

## **CAPÍTULO 1 – OS ENTRE LUGARES DAS CONEXÕES**

### **1.1 O LUGAR, O NÃO LUGAR E O ENTRE LUGARES DO ESPAÇO ESCOLAR**

“...cada lugar se comunica instantaneamente com todos os outros, não experimentamos um pouco de isolamento a não ser no trajeto de um lugar para o outro, isto é, quando não estamos em lugar nenhum...”

Italo Calvino

A intenção aqui é discutir um pouco sobre o lugar, o não lugar e o entre lugares, o termo que melhor se apropria para definimos o espaço virtual, que é a proposta dessa pesquisa.

Desde os primórdios da civilização o ato de nomear lugares e pessoas acompanha a evolução da civilização, segundo Santos (2011). Este ato individualiza as pessoas e os lugares, tornando-os únicos. Dar nomes a pessoas e lugares identifica e, também, individualiza as pessoas, evidenciando, assim, uma maior interação entre os homens e o meio em que eles vivem. Segundo Santos e Menezes (2011), “qualquer ocorrência terrestre é nomeada, a partir do instante do tempo em que reflete alguma significância de identidade e consequente motivação relacionada a quem a adotou”. Mas esta significância poderá assumir aspectos diferenciados, relacionados de forma preferencial aos de jogos de poder, políticos, sentimentais, históricos, culturais ou econômicos. Daí a importância de nomear os lugares. Porém, estes nomes podem ser definitivos ou não. Para Santos e Menezes (2011), “os nomes singularizam os lugares, mas não os engessam ad aeternum”, pois há uma clara e evidente dinâmica, podendo ser mudados de acordo com a política ou gestão local.

São vários os lugares que nós passamos durante a nossa vida escolar, penso nos lugares que eu passei enquanto aluno das escolas públicas da nossa querida cidade de Corumbá, estado de Mato Grosso do Sul. Lugares esses recheados de aprendizados, os quais contribuíram muito para a minha formação, enquanto cidadão pertencente a uma sociedade. E quando é que nós estamos em algum lugar, que lugar é esse a que estou me referindo, que está posto no âmbito escolar? O lugar aqui que quero discutir e fazer uma reflexão está nas salas de tecnologias, ou laboratório de informática, ou sala de recursos midiáticos, ou seja, são tantas as nomenclaturas que esses lugares receberam desde a sua implantação até o presente

momento que fica difícil dá um norte, que contemple uma educação de qualidade permeada pelo o uso das tecnologias.

E qual é o lugar? E que lugar é esse? Primeiramente podemos definir esse lugar como sendo a sala de aula. Lugar que por si só constrói a identidade do aluno. Ser que ao longo da história configura como sendo estático, repositório de conhecimento, que cumpre todas as regras e normas estabelecidas pela escola e principalmente pelo professor, que historicamente, é a "pessoa que ensina". Lugar que simboliza a presença do professor, responsável por ensinar os alunos.

Assim, a definição de não-lugar é um conceito proposto por Marc Augé(2005), antropólogo francês, para designar um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade, isto é, segundo Marc Augé todo e qualquer espaço que sirva apenas como espaço de transição e com o qual não criamos qualquer tipo de relação é um não-lugar! Assim, este define-os como sendo espaços de anonimato em nosso dia a dia, na nossa vida e na nossa consciência. Estes espaços são, portanto, descaracterizados e impessoais - não lhes são atribuídos quaisquer tipo de características pessoais, exatamente porque não tem para nós qualquer tipo de significado ou história.

“Os não lugares são a medida da época; a medida quantificável e que se pode tomar adicionando, ao preço de algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias, das autoestradas e os habitáculos móveis, ditos ‘meios de transporte’ (aviões, comboios, autocarros), os aeroportos, as gares e as estações aeroespaciais, as grandes cadeias de hotéis, os parques de recreio, as grandes superfícies da distribuição”, (...) “a distinção entre lugares e não-lugares passa pela oposição do lugar ao espaço”. (...) “O não-lugar é o contrário da utopia: existe e não alberga sociedade orgânica alguma. E que de dia para dia, acolhe cada vez mais pessoas” (AUGÉ, 2005, p. 93).

Augé acredita que cada vez mais deixamos de dar significado aos espaços e às coisas; segundo a sua perspectiva, tudo o que deveria ter valor passa a perdê-lo e os não lugares tornam-se cada vez mais, sobretudo nos grandes centros urbanos atuais, como é o caso da cidade do Porto e de outras onde as populações se concentram em maior número, tornando-se mais frequentados, mais movimentados, mais públicos e, conseqüentemente, menos valorizados. A esses lugares de todos e de ninguém, dá-se o nome de não-lugar. O não-lugar será então um lugar que não é relacional, não é identitário e não histórico.

O termo “não-lugar” pressupõe uma reflexão negativa de lugar, quer se fale sob o ponto de vista conceptual ou etimológico da palavra. Aliás (AUGÉ, 2005, p. 94), contrapondo com o termo “não-lugar”, faz referência à terminologia “fora de lugar”, no sentido em que o indivíduo da sobremodernidade<sup>4</sup> tem a necessidade de anular o local ou de recusar a sua origem.

Para justificar e definir a terminologia ‘não-lugar, convém antes definir uma outra terminologia relevante - ‘entre lugares’ - também relacionada com o tema. Primeiramente, há que entender o ‘lugar’ como sendo um espaço que possui uma história, uma espécie de teia de relações, uma determinada identidade resultante de acontecimentos anteriores e atuais, como define Augé (2005, p.85). Contudo, as vizinhanças ou as ligações existentes entre os ‘lugares’ e os ‘não-lugares’ constituem os citados ‘entre-lugares’. Portanto, um ‘entre-lugar’ será um espaço situado (mesmo que conceptualmente) entre o ‘lugar’ e o ‘não-lugar’. Só é possível existir na medida em que é dotado de ligações ou rede de ligações de lugares e em que cada lugar se transforme numa espécie de ‘nó’ de lugares, passando assim a constituir-se um ‘entre-lugar’.

Segundo Bhabha,

é na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam sujeitos nos “entrelugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)? De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder [empowerment] no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável? (BHABHA, 1998, p. 20).

Essa apropriação expõe o quanto o próprio ambiente midiático pode ser compreendido como espaço de fronteira, onde mais do que o limite ou término, é o começo, espaço de possibilidades, como entre lugar, onde se estabelecem negociações e discursos, onde diferenças culturais são traduzidas e negociadas (BHABHA, 1998). Assim também percebo que acessar ou fazer-se presente no ambiente midiático, ganhar visibilidade depende

---

<sup>4</sup> A sobremodernidade aparece quando a história se torna atualidade, o espaço imagem e o indivíduo olhar. Por oposição à uma pós-modernidade, concebida como adição arbitrária de traços aleatórios, a sobremodernidade dependeria de três figuras de excesso (Augé, 1994:163).

de um movimento, ou deslocamento de um e de outro. Nesse sentido, a internet se apresenta como um entre lugar. Lugar de ressignificação/negociação.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. [...] A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2000, p. 17).

Nesse sentido, a representação que se faz das salas de tecnologias educacionais, pelos professores/professoras e alunos/alunas são sempre positivas no sentido de que “tudo que é novo é o que deve ser bom”, mas temos a plena consciência de que não devemos ter essa concepção, pois corremos o risco de descartar práticas “antigas” que ainda dão resultados práticos. Segundo Woodward (2000), quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? São questionamentos bastante pertinentes para o “mundo virtual”, são significações e ressignificações que se fazem a respeito das identidades na virtualidade.

Destaco a reflexão de Silva (1995) acerca do conceito de representação:

A força de evidência da representação depende de sua habilidade em apagar os rastros que a ligam, discursivamente, ao ‘real’ e, portanto, em se apresentar como o ‘real’. Um dos efeitos da representação consiste exatamente em ocultar as formas pelas quais o “real” é mediado através de códigos, estilísticas, convenções, dispositivos retóricos e nunca ‘expresso’ de algum modo direto, não-mediado. Esse conjunto de tecnologias e mecanismos discursivos nos quais se sustenta a eficácia da representação, é, por sua vez, função das relações de poder. Desconstruir o entrelaçamento entre os sistemas de representação e os sistemas de códigos e convenções que lhes dão sua eficácia retórica é, pois, traçar o caminho do poder na constituição daquilo que nos aparece como ‘real’ ou ‘realidade’ (p. 199).

Por isso, as escolas seduzem os seus alunos, apresentando a eles, tudo que ela tem de novo, moderno, tecnológico, como símbolos que representam qualidade, algo estimulador da aprendizagem do aluno. Principalmente as escolas particulares, que depende das mensalidades escolares, seduzem os pais e os alunos, para que estes façam a sua matrícula nessa determinada escola. Utilizando o laboratório de informática como moeda de valor.

## 1.2 WEB 2.0 E REDES SOCIAIS

A Web 2.0 é a segunda geração de serviços on-line e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. A Web 2.0 refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web Syndication, etc.), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador. Este artigo dedicar-se-á a esta última dimensão, sem que se possa descartar a inter-relação entre todas aquelas listadas.

O conceito de “Web 2.0” começou com uma conferência de brainstorming entre a O’Reilly e a MediaLive International. Dale Dougherty, pioneiro da web e vice-presidente da O’Reilly, notou que, ao contrário de haver explodido, a web estava mais importante do que nunca, apresentando instigantes aplicações novas e sites eclodindo com surpreendente regularidade.

A partir de recursos da Web 2.0, potencializa-se a livre criação e a organização distribuída de informações compartilhadas através de associações mentais. Nestes casos importa menos a formação especializada de membros individuais. A credibilidade e relevância dos materiais publicados são reconhecidas a partir da constante dinâmica de construção e atualização coletiva.

A internet da mesma forma que congregam intelectuais e pessoas politicamente engajadas também absorve interagentes despreziosos, ávidos por entretenimento e até mesmo por uma simples experiência de reconhecimento: isto lhes basta. Então, a diversidade de prioridades conduz os interagentes a enxergar o ciberespaço dentro de inúmeras possibilidades e não de condicionamentos ativistas ou de qualquer ordem.

Tanto Mattar (2013) quanto O’Reilly (2005) conceituam a web 2.0 através de um mapa conceitual, que mostra a evolução da web 1.0 para web 2.0. Nesse sentido, a web 2.0 apresentada às escolas brasileiras ainda não configura de acordo com o verdadeiro significado da web 2.0.

Como muitos conceitos importantes, o de Web 2.0 não tem fronteiras rígidas, mas, pelo contrário, um centro gravitacional. Pode-se visualizar a Web 2.0 como um conjunto



de princípios e práticas que interligam um verdadeiro sistema solar de sites, que demonstram alguns ou todos esses princípios e que estão a distâncias variadas do centro.

Apesar de a expressão "computação nas nuvens" ter passado a ser usada com mais frequência depois da expressão "web 2.0", ela define muito bem essa característica: tanto os softwares quanto o backup de arquivos abandonam os computadores e passam a ser processados online... Com a web 2.0, desenvolve-se também a ideia de um software não estar mais preso a um único dispositivo, mas disponível em diferentes dispositivos (MATTAR 2013, p. 19).

Penso que estamos ficando obsoletos com relação às tecnologias que a cada dia temos uma novidade, não estamos conseguindo acompanhar essa evolução. Nesse sentido, o professor, principalmente o professor que está quase aposentando, não tem a noção do que está acontecendo ao seu redor, o seu conhecimento com relação às tecnologias educacionais é simplesmente superficial, ou quase nada. Por isso, o medo de usar as diversas tecnologias nas suas aulas, ou mesmo na sua vida diária como um processo constante de aprendizado.

As redes sociais como sendo a "menina dos olhos" da web 2.0 explodiu na web, como algo que se espalha feito fogo. Pensando nas escolas brasileiras, ainda há uma resistência, por parte dos professores, em fazer parte de alguma rede social, pois estes acreditam que não acrescentam em nada em sua vida diária, ou no seu fazer pedagógico, leve engano deles.

Castells (2009) diz que "o poder tem medo da internet", pois a relação de poder entre os professores e alunos não faz nenhum sentido nas redes sociais, por isso que a maioria dos professores relutam em ter uma conta em algum site de rede social, tais como Orkut, Facebook, Youtube, entre tantos outros que têm.

O mesmo se pode dizer da educação: redes constituem uma nova morfologia em educação, modificando substancialmente as operações e os resultados do processo de ensino e aprendizagem. E essa modificação na estruturação da educação também é determinada pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) (MATTAR, 2013, p. 26).

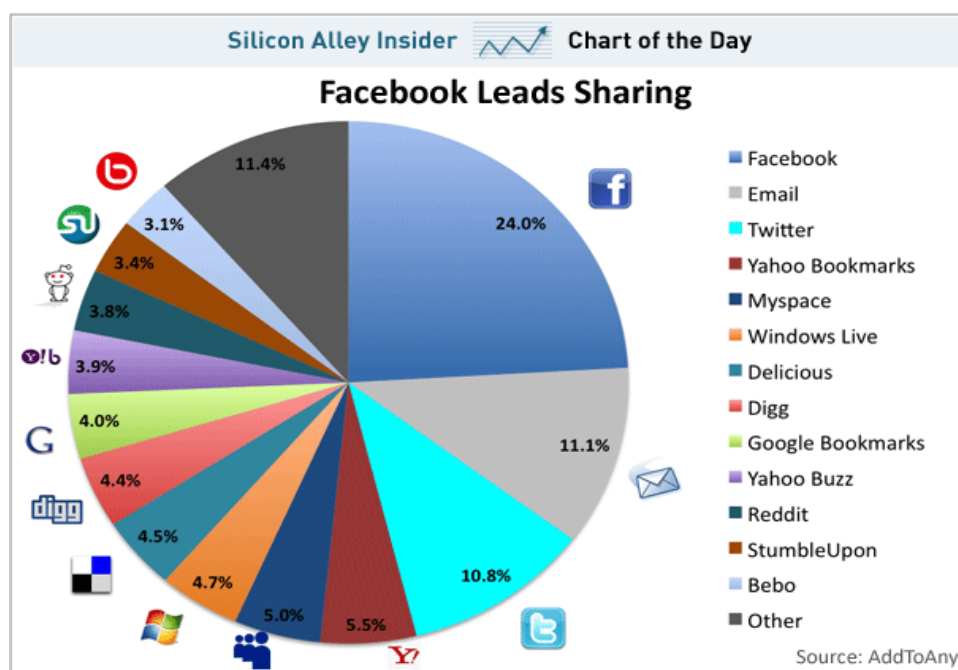
Nesse sentido, as novas tecnologias da informação e comunicação são bastante viáveis na educação, numa perspectiva de colaboração mútua entre todos os segmentos da comunidade escolar, numa perspectiva de uma educação intercultural. Essa é a perspectiva de uma educação intercultural, uma educação voltada ao diálogo. E o educador, nesse sentido, é propriamente um sujeito que se insere no processo educativo de um grupo e interage com os outros sujeitos.

Num sentido amplo, redes sociais (MATTAR, 2013) são associações entre pessoas conectadas por diversos motivos, em que as pessoas são afetadas pelas próprias conexões com outras pessoas.

### 1.3 FACEBOOK

Conhecida atualmente como a interface mais popular da web 2.0, criada pelo americano Mark e alguns colegas da Universidade de Haward, com objetivo de criar "um site para que pudessem comunicar-se entre si, partilhar informação acadêmica, enviar mensagens e publicar fotografias"(PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010, p. 06). Sendo o site de relacionamento mais utilizado pelos internautas, como sugere o gráfico abaixo.

**Figura 1 - Gráfico de utilização dos sites de relacionamento**



**Fonte:** Disponível em <http://www.pixelmaverick.com/?tag=analytics>

Considerada a plataforma mais popular na web 2.0, o facebook foi escolhido por este mesmo motivo de popularidade entre todas as faixas etárias, podendo gerar um canal de comunicação mais aberto, resultando em ambientes de aprendizagem mais ricos e maior envolvimento dos alunos, com relação aos professores.

O uso das tecnologias de informação está modificando o modelo da atual sociedade e, em particular, as escolas, novas formas de organização, de produção de bens, de comércio, de lazer, de ensino e de aprendizagem está acontecendo de maneira acelerada.

Segundo Lévy (2007, p.24) “jamais a evolução das ciências e das técnicas foi tão rápida, com tantas consequências diretas sobre a vida cotidiana, o trabalho, os modos de comunicação, a relação com o corpo, com o espaço etc”. Isso vem a confirmar a necessidade de mudanças na área da Educação.

Para Bauman (2007, p. 9),

Uma vida assim fragmentada estimula orientações "laterais", mais do que verticais. Cada passo seguinte deve ser uma resposta a um diferente conjunto de oportunidades e a uma diferente distribuição de vantagens, exigindo assim um conjunto de diferentes habilidades e um arranjo diferente de ativos. Sucessos passados não aumentam necessariamente as probabilidades de respostas futuras, muito menos as garantem, enquanto meios atestados com exaustão no passado precisam ser inspecionados e revistos, pois podem se mostrar inúteis ou claramente contraproducentes com a mudança de circunstâncias. Um imediato e profundo esquecimento de informações defasadas e o rápido envelhecimento de hábitos pode ser mais importante para o próximo sucesso do que a memorização de lances do passado e a construção de estratégias sobre um alicerce estabelecido pelo aprendizado prévio.

Nesse sentido, com as informações chegando cada vez mais rápido em todos os lugares e qualquer hora, tantos os alunos quanto os professores precisam adequar-se a este mundo virtualizado, assim, tanto um quanto o outro não correm o risco de ficarem obsoletos no tempo.

#### **1.4 CONCEITO DE CULTURA**

A sobreposição cultural promovida pelo processo de globalização pode provocar a transformação ou reformulação, por meio da incorporação de novos padrões à identidade nacional.

Desde o século XVIII, a tentativa de nomear todos os símbolos e valores que representavam uma comunidade em torno de um só termo, mostrava-se presente. Seguindo o raciocínio de Claude Lévi-Strauss (STRAUSS apud LARAIA, 2001), provavelmente a cultura surgiu “no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma” (STRAUSS apud LARAIA, 2001, p. 54).

Por outro lado, no campo da antropologia, Marconi e Presotto (2005) argumentam que “desde o final do século passado os antropólogos vêm elaborando inúmeros conceitos sobre cultura”. Segundo eles, existem vários grupos de estudiosos que discordam acerca do conceito:

(...) Para alguns, cultura é comportamento aprendido; para outros, não é comportamento, mas abstração do comportamento; para um terceiro grupo, a cultura consiste em idéias. Há os que consideram como cultura apenas os objetos imateriais, enquanto outros, ao contrário, aquilo que se refere ao material. Também encontram-se estudiosos que entendem por cultura tanto as coisas materiais quanto as não materiais (MARCONI & PRESOTTO, 2005, p.21/22 ).

O termo cultura também pode ser empregado para designar aquilo que é “superestrutural”, em oposição àquilo que é a “base”. Stuart Hall (1997) emprega um terceiro significado para designar aquilo que é “simbólico”, em oposição àquilo que é material. De acordo com ele, estas diversas distinções binárias não são idênticas, embora todas elas pareçam direcionadas para as antigas distinções filosóficas entre o “ideal” e o “real”, ou entre a “mente” e o “corpo”.

O conceito de cultura foi por Bauman (1998) distinto em diversos sentidos. A primeira observação realizada pelo autor compreende a cultura, em seu sentido refinado, aculturação, como uma entidade ou processo estabelecedor de ordem. Ele considera, portanto, que “as normas promovidas ou instaladas por meio da cultura são (ou pelo menos deveriam ser) coerentes e não-contraditórias, tal como a própria ordem; se acontece de não o serem – essa é uma situação anormal e mórbida, que necessita de corretivo e retificação.” (BAUMAN, 1998, p.164) Uma vez que a cultura é considerada como um sistema, para Bauman (1998):

(...) somente podem pertencer ao sistema as normas e artefatos culturais que sejam indispensáveis à auto-reprodução do sistema; se depararmos com uma norma ou um artefato, temos então o direito a perguntar que papel isso desempenha no sistema, se não conseguimos determinar-lhe uma função, devemos presumir que a norma ou o artefato em questão é um resíduo de um estado anterior do sistema, agora inútil e destinado a desaparecer – ou uma inserção estranha, desintegradora da engrenagem do sistema (BAUMAN, 1998 p.164).

A definição de cultura digital diverge entre autores e publicações que tratam do tema. Há diversas linhas de raciocínio, porém, vou destacar duas. Uma que engloba todas as tendências: sociedade da informação, cibercultura, revolução digital, era digital, com sendo tudo segmentos da cultura digital. A outra linha de pensamento define estes segmentos como sinônimo de cultura digital.

Indefinições e definições à parte, as pessoas estão mediando suas relações sociais por meio das tecnologias. Neste mundo da cultura digital o tempo, o espaço, as pessoas e as ideias estão em constante interação. O que mudou com tantas pessoas interagindo suas vidas e

trabalhos pela comunicação digital? Mudou a forma de expressão de pessoas e, em certa medida, possibilitou uma descentralização da comunicação.

Um exemplo, há 30 anos, as pessoas participavam do noticiário com suas críticas e sugestões, apenas dias depois em lugares milimétricos e raros. Entre eles a carta leitor, no jornal impresso e nas revistas; nas televisões, um ou outro era escutado. As pessoas não tinham os veículos para fazerem o contraponto.

Neste sentido, a internet, mesmo que ainda limitada, possibilita aos cidadãos, ao menos, perguntar, questionar, consultar, interagir. Nesta plataforma a comunicação é mais descentralizada. Todos, com acesso à internet podem interagir e emitir ideias diferentes, iguais, próximas ou equivocadas. Para onde vamos? Ainda não sabemos. Vale lembrar que o caminho descentralizado da informação é um princípio para a democracia.

## **1.5 COMUNIDADE/VIRTUALIDADE**

O ser humano sempre foi um animal gregário. Para sobreviver e reproduzir-se, trabalhando em grupos que mais tarde evoluíram para as primeiras comunidades. O conceito, no entanto, nunca foi uma unanimidade. Max Weber, quando procurou traçar algumas premissas sobre o assunto, ressaltou que “o conceito de comunidade é mantido aqui deliberadamente vago e conseqüentemente inclui um grupo muito heterogêneo de fenômenos”( 1987 p. 79), pois também considerava que a ideia de comunidade compreendia relações muito abrangentes. No entendimento de Weber, o conceito de comunidade baseia-se na orientação da ação social. Para ele, a comunidade funda-se em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional.

Parte-se de uma constatação de Palácios (2001, p. 1) de que a “ideia ou conceito de Comunidade, tão central na Sociologia Clássica, é uma invenção da Modernidade”.

A palavra comunidade evoca sensações de solidariedade, vida em comum, independentemente de época ou de região. Hoje em dia seria o lugar ideal onde se almejava viver, um esconderijo dos perigos da sociedade moderna. Como nos mostra Bauman (2003, p. 7), “comunidade’ produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra ‘comunidade’ carrega”: é a segurança em meio à hostilidade.

A importância dos meios de comunicação que, através de sua ação modificam o espaço e o tempo, modificam também as relações entre as várias partes da sociedade,

transformando também a ideia de comunidade (MCLUHAN, 1964). Deste modo, também a Comunicação Mediada por Computador está afetando a sociedade e influenciando a vida das pessoas e a noção de comunidade.

Rheingold (1994 p. 20), um dos primeiros autores a efetivamente utilizar o termo "comunidade virtual" para os grupos humanos que travavam e mantinham relações sociais no ciberespaço, define-a:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimento humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço].

Portanto, a comunidade virtual criada no facebook, com intuito de interação, contribuição e compartilhamento das informações processadas nessa pesquisa, contribuiu bastante, para que pudéssemos caminhar com a pesquisa, principalmente, quando interagimos com os alunos das escolas pesquisadas.

## **1.6 FORMAÇÕES DO PROFESSOR A PARTIR DOS ANOS 90 COM RELAÇÃO ÀS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TIC**

Fez-se necessário refletir sobre alguns fatos que nortearam a formação do professor da educação básica, com relação às tecnologias da informação e comunicação que estão pulsando nas escolas brasileiras, de maneira desenfreada.

A década de 90 começou com o colapso da União Soviética e o fim da Guerra Fria (1989), sendo esses episódios seguidos pela consolidação da democracia, globalização e capitalismo global. Fatos marcantes para a década foram a guerra do Golfo e a popularização do computador pessoal.

Também os anos 90 começaram com a instabilidade, com o confisco da poupança pelo então Presidente da República Federativa do Brasil, Fernando Collor de Melo. Os negócios escusos de Collor mais tarde levariam milhares de jovens (mobilizados por uma

forte campanha da mídia) a criarem o movimento "caras pintadas"<sup>5</sup> e pedirem o seu impeachment<sup>6</sup>. Devo ressaltar que esta forte campanha da mídia foi pensada e articulada pela imprensa escrita, falada e televisionada. Então, podemos fazer uma reflexão sobre quem foi beneficiado com esse movimento todo? Pois, a imprensa escrita, falada e televisionada são empresas que tem um "dono" que a representa, logo alguém tem algum interesse.

Os anos 90 trouxeram grande desenvolvimento tecnológico, tornando populares e aperfeiçoando tecnologias inventadas na década de 80. Este período foi marcado por uma efervescência de acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais no país, que refletiram nos alicerces da educação, e nem mesmo assim, com tantos acontecimentos, a formação do professor foi pensada de maneira a assegurar qualquer participação das tecnologias educacionais nas escolas brasileiras.

A década de 2000 ficou marcada como a década em que a esquerda política brasileira teve um representante seu, eleito presidente do país, através de um legítimo processo democrático. O primeiro brasileiro operário a alcançar a presidência, Luiz Inácio Lula da Silva.

Nessa década, a Internet se consolida como veículo de comunicação em massa e armazenagem de informações, principalmente após a disseminação da World Wide Web<sup>7</sup> e a globalização da informação atinge um nível sem precedentes históricos com implicações políticas, considerando o perfil de seus criadores, muitas vezes taxados de hippies. A diminuição dos preços de acesso e as conexões de banda larga, que substituíram as conexões discadas da década anterior, permitiram que as pessoas passassem mais tempo na internet e possibilitaram não somente o acesso à informação, mas também a transferências de vídeo, áudio e download de softwares. Recursos da Internet como as redes sociais, a comunicação por mensagens instantâneas, a tecnologia VoIP<sup>8</sup> e o comércio eletrônico modificaram em

---

5 Os caras-pintadas foi o nome pelo qual ficou conhecido o movimento estudantil brasileiro realizado no decorrer do ano de 1992 que teve, como objetivo principal, o impeachment do presidente do Brasil na época, Fernando Collor de Melo.

6 Impugnação de mandato é um termo do inglês que denomina o processo de cassação de mandato do chefe do poder executivo pelo congresso nacional, pelas assembleias estaduais ou pelas câmaras municipais.

7 A World Wide Web (termo da língua inglesa que, em português, se traduz literalmente por "teia mundial"), também conhecida como Web e WWW, é um sistema de documentos em hipermídia (hipermédia) que são interligados e executados na Internet.

8 VoIP, ou Voz sobre Protocolo de Internet, é um método que consiste em transformar sinais de áudio analógicos, como os de uma chamada telefônica, em dados digitais que podem ser transmitidos através da Internet ou de qualquer outra rede de computadores baseada em IP (Protocolo de Internet).

grande a extensão as maneiras como as pessoas se relacionam entre si, tanto em nível pessoal, quanto em nível profissional.

Da década de 2010, um dos grandes fatores que com certeza marcará esta década que está em curso, foi o movimento que ocorreu no ano de 2013. Em 2013, em meio a uma acelerada da inflação, o aumento da tarifa dos transportes públicos em São Paulo serviu de estopim para uma irrupção de protestos em todas as grandes cidades do Brasil, muitos deles violentos, chegando mesmo a incendiar a área frontal do Palácio do Itamarati, em Brasília, com várias demandas e condenações a toda a classe política brasileira. Movimento Passe livre, pensado pelo povo, com a participação das redes sociais. Em 2013 MPL ganha destaque na grande imprensa e a Tarifa Zero passa a ser tema de ampla discussão política, após as grandes manifestações ocorridas em junho no país, as quais tiveram em grande parte como origem a mobilização do MPL de São Paulo, para barrar o aumento das passagens de transporte coletivo na cidade. Ao fim de junho de 2013, mais de 100 cidades do país haviam reduzido a tarifa do transporte, em consequência das manifestações, a maioria delas convocadas pelas redes sociais.

E o professor das décadas de 1990, 2000 e 2011 em diante? Como ele começa a configurar, enquanto transformador do processo? E a sua formação, passou por alguma modificação no decorrer dessas duas décadas? As efervescências dos acontecimentos estão cada vez mais acelerados e as políticas públicas educacionais, e o próprio professor estão caminhando em passos lentos, com relação à sua formação perante a rapidez das transformações que estão acontecendo, por consequência da internet. Temos que acordar, pois nós, professores, não somos os anonymous<sup>9</sup>, que temos que nos esconder e aceitar a situação como está.

### **1.6.1 AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A FORMAÇÃO**

De acordo com os decretos nº 9271 de 17/12/1998, 12.437 de 31/10/2007 e 13.421 de 18/05/2012 que criam, reorganizam e regulamentam as salas de tecnologias no âmbito das escolas estaduais, percebe-se que a preocupação nesse período do ano de 1998, até

---

<sup>9</sup> Anonymous (palavra de origem inglesa, que em português significa anônimos) é uma legião que se originou em 2003. Representa o conceito de muitos usuários de comunidades online existindo simultaneamente como um cérebro global. O termo Anonymous também é comum entre os membros de certas subculturas da Internet como sendo uma forma de se referir às ações de pessoas em um ambiente onde suas verdadeiras identidades são desconhecidas.



o presente momento, está pautada em equipar as escolas do Estado de Mato Grosso do Sul, com salas dotadas de computadores e conectados à internet, sem ter uma preocupação com a formação do professor com relação às novas tecnologias da informação e comunicação - TIC. Por isso, o receio de muitos professores em utilizar as novas tecnologias.

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR – na modalidade presencial, é um programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a CAPES, os estados, municípios o Distrito Federal e as Instituições de Educação Superior – IES.

O Programa fomenta a oferta de turmas especiais em cursos de: (a) Licenciatura, (b) Segunda Licenciatura e (c) Formação Pedagógica, com objetivo de induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício na rede pública de educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei nº 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica no país.

Fazendo uma leitura do PARFOR, percebe-se que em nenhum momento se pensa em capacitar os professores para “trabalhar na virtualidade”, virtualidade que já adentrou nas sala de aula junto com os jovens. Portanto, nem mesmo o governo federal, através do MEC, está pensando em políticas públicas educacionais voltadas para uma formação que aborda as tecnologias como um todo como, por exemplo, as redes sociais, os aparelhos de celular, tablets, entre outros, e muito menos a arquitetura das salas está preparada para esses novos dispositivos, no que se refere às tomadas elétricas.

Lançado no Brasil, em 1996, o Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO), teve como justificativas: a possibilidade de alteração na condução das pesquisas e construção dos conhecimentos; a utilização de novos métodos de produção industrial; novas formas de pensar, trabalhar, viver e conviver no mundo atual. O PROINFO é um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias.

O PROINFO, inicialmente denominado de Programa Nacional de Informática na Educação, foi criado pelo Ministério da Educação, através da portaria nº 522 em 09/04/1997, com a finalidade de promover o uso da tecnologia como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. O funcionamento do PROINFO se dá de forma descentralizada, existindo em cada unidade da Federação uma Coordenação Estadual, e os Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE), dotados de infraestrutura de informática e comunicação, que reúnem educadores e especialistas em tecnologia de hardware e software.

A partir de 12 de dezembro de 2007, mediante a criação do decreto nº 6.300, o PROINFO passou a ser Programa Nacional de Tecnologia Educacional, tendo como principal objetivo promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica.

De acordo com o Decreto nº 6.300 que cria o PROINFO, fica estabelecido no seu Art. 1º O Programa Nacional de Tecnologia Educacional - PROINFO, executado no âmbito do Ministério da Educação, promoverá o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica.

Parágrafo único. São objetivos do PROINFO:

I - promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas escolas de educação básica das redes públicas de ensino urbanas e rurais;

II - fomentar a melhoria do processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias de informação e comunicação;

III - promover a capacitação dos agentes educacionais envolvidos nas ações do Programa;

IV - contribuir com a inclusão digital por meio da ampliação do acesso a computadores, da conexão à rede mundial de computadores e de outras tecnologias digitais, beneficiando a comunidade escolar e a população próxima às escolas;

V - contribuir para a preparação dos jovens e adultos para o mercado de trabalho por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação; e

VI - fomentar a produção nacional de conteúdos digitais educacionais.

O Plano Nacional de Educação (PNE, 2000) salienta que o Ministério da Educação, a União e os Estados são parceiros necessários para o desenvolvimento da informática nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. De acordo com o PNE, as

tecnologias constituem um instrumento de enorme potencial para o enriquecimento curricular e a melhoria da qualidade do ensino presencial, mas é fundamental equipar as escolas com multimeios e capacitar os professores para utilizá-los.

O PNE (2000) aponta, entre outros, como objetivos e metas:

1 - Garantir a integração de ações dos Ministérios da Educação, da Cultura, do Trabalho, da Ciência e Tecnologia e das Comunicações para o desenvolvimento da educação a distância no País, pela ampliação da infraestrutura tecnológica e pela redução de custos dos serviços de comunicação e informação, criando, em dois anos, um programa que assegure essa colaboração.

2 - Assegurar às escolas públicas, de nível fundamental e médio, o acesso universal à televisão educativa e a outras redes de programação educativo-cultural, com o fornecimento do equipamento correspondente, promovendo sua integração no projeto pedagógico da escola.

3 - Instalar, em dez anos, 2.000 núcleos de tecnologia educacional, os quais deverão atuar como centros de orientação para as escolas e para os órgãos administrativos dos sistemas de ensino no acesso aos programas informatizados e aos vídeos educativos.

4 - Instalar, em cinco anos, 500.000 computadores em 30.000 escolas públicas de ensino fundamental e médio, promovendo condições de acesso à internet.

5 - Capacitar, em dez anos, 12.000 professores multiplicadores em informática da educação.

6 - Capacitar, em cinco anos, 150.000 professores e 34.000 técnicos em informática educativa e ampliar em 20% ao ano a oferta dessa capacitação.

7 - Equipar, em dez anos, todas as escolas de nível médio e todas as escolas de ensino fundamental com mais de 100 alunos, com computadores e conexões à internet que possibilitem à instalação de uma Rede Nacional de Informática na Educação e que possa desenvolver programas educativos apropriados, especialmente a produção de softwares educativos de qualidade.

8 - Observar, no que diz respeito à educação a distância e às novas tecnologias educacionais, as metas pertinentes incluídas nos capítulos referentes à educação infantil, à formação de professores, à educação de jovens e adultos, à educação indígena e à educação especial.

Nesse sentido, mostra uma preocupação do Governo Federal com relação às tecnologias, promovendo o uso, fomentando a melhoria, promovendo capacitação, contribuindo com a inclusão, contribuindo para preparação para o trabalho e fomentando a produção nacional de conteúdos digitais.

### **1.6.2 A UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul está presente em Corumbá desde 1967, quando da criação do Instituto Superior de Pedagogia. Posteriormente, esse instituto foi denominado Centro Pedagógico de Corumbá, ao constituir-se extensão da, então, Universidade Estadual do antigo estado de Mato Grosso. Com a federalização, advinda de divisão do Estado de MT, esta Unidade, denominada Centro Universitário de Corumbá (CEUC), transformou-se em Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a partir de 2006 recebendo a denominação de Campus do Pantanal (CPAN).

Os primeiros cursos criados no então Instituto Superior de Pedagogia, em 1967, foram Pedagogia e História. Hoje, o CPAN oferece onze cursos de graduação plena: Pedagogia, Psicologia, Matemática, História, Geografia, Biologia, Letras, Administração, Ciências Contábeis, Sistemas de Informação e Direito. O curso de Educação Física - Licenciatura do Campus do Pantanal/UFMS teve início no segundo semestre de 2009.

De acordo com a estrutura curricular do curso de Pedagogia, que foi lançado no ano de 1967, e o curso de Educação Física, que é o mais recente em Corumbá, lançado em 2009, é possível algumas inferências no que se refere às tecnologias da informação e comunicação.

O curso de Pedagogia, que foi lançado no ano de 1967, época em que nem se pensava em internet, computador, celular, tablet e etc., e muito menos redes sociais e web 2.0, verifica-se que mesmo hoje em dia no ano de 2013 a sua Matriz Curricular reformulada e implantada no ano de 2010 em nenhum momento faz menção a alguma situação ou mesmo disciplina que se trabalha o manuseio ou prática das novas tecnologias da informação e comunicação. Penso que a formação desse profissional, que sai a cada ano dessa universidade, está distante da realidade.

Já o curso de Educação Física, recentemente criado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal, e foi instituído com a aprovação da criação e

implantação do curso foi oficializada através da Resolução COUN nº 6, de 05 de março de 2009. A Resolução COUN nº 6, de 05 de março de 2009, aprovou a criação e implantação do curso de Educação Física no Campus do Pantanal. Um curso criado no auge das tecnologias pulsantes em todos os setores da sociedade e porque não dizer, pulsante nas escolas. Observando o currículo desse recente curso criado, percebe-se que também não se tem uma preocupação com as novas tecnologias da informação e comunicação como parte integrante do currículo, contribuindo com a formação dos novos professores.

Logo, o que temos visto com relação à formação dos professores é um total despreparo desse profissional, para lidar com as novas tecnologias da informação e comunicação no âmbito escolar. Por isso, a grande dificuldade da maioria dos professores em trabalhar agregando à sua prática pedagógica às novas tecnologias da informação e comunicação - NTIC, pois ele não foi familiarizado pedagogicamente com esses dispositivos.

A formação dos professores nesse sentido tem que ser revisada em todos os aspectos, pois não podemos mais fechar os olhos para as tecnologias, pois estão cada vez mais presentes nas nossas vidas, e corremos o risco de sermos atropelados por elas.

A velocidade das transformações que estão ocorrendo nos mais diferentes âmbitos da vida social marca o contexto contemporâneo. Cada transformação provoca e é provocada pelas outras, de forma que a complexidade é uma de suas características básicas. Especialmente, as mudanças nos processos tecnológicos provocam transformações na economia, nas relações com o saber, nas relações de poder, nas relações entre os sujeitos. No entanto, não as determinam (BONILLA, 2009, p. 23).

Pensando nessas transformações provocadas pela inserção das tecnologias nas escolas, temos a nítida convicção de que se tem que fazer uma profunda reflexão acerca delas, discutindo as profundas transformações sociais, com a emergência dos artefatos tecnológicos, para que possamos entender o que está acontecendo com o mundo globalizado, adentrando de uma maneira significativa nas escolas brasileiras. Os artefatos tecnológicos – dispositivo móvel, tablet, notebook, netbook e desktop - vêm possibilitando que a informação e o entretenimento estejam constantemente sendo apresentados às pessoas de forma dinâmica e diversa. Os artefatos possuem uma diversidade de conteúdos, que ganham visibilidade e são também compartilhados nas redes sociais on-line.

A cada ano, milhões de brasileiros passam a acessar a internet, expandindo gradualmente as redes no ciberespaço, pela intensa participação dos internautas, isso demonstra a capacidade da web em modificar-se, segundo Lévy (1999): “Ela incha, se move e

se transforma permanentemente (p. 160). Para Lévy isso ocorre pela imensa quantidade de informações que circula na rede. Portanto, existem inúmeras possibilidades que os jovens brasileiros passam a interagir na rede. Hoje em dia, com o advento da web 2.0, onde as redes sociais é a menina dos olhos da web 2.0, em que tantos os alunos quantos os professores são os grandes difusores dessas informações que andam circulando na web 2.0.

Hoje, a maioria dos saberes adquiridos no início de uma carreira ficam obsoletos no final de um percurso profissional, ou mesmo antes. As desordens da economia, bem como o ritmo precipitado das evoluções científica e técnica determinam uma aceleração geral da temporalidade social. Este fato faz com que os indivíduos e grupos não estejam mais confrontados a saberes estáveis, a classificações de conhecimentos legados pela tradição, mas sim a um saber-fluxo caótico, de curso dificilmente previsível no qual deve-se agora aprender a navegar (LÉVY, 1999, p. 173).

Nesta perspectiva, para Lévy (1999), os saberes adquiridos pelos professores na sua graduação já estão todos ultrapassados necessitando de uma capacitação, tornando-os antenados com o mundo moderno. Nesse sentido, a graduação, ou uma pós-graduação, necessitam repensar o seu currículo para a inclusão das tecnologias educacionais.

Segundo Moran (2007, p. 16):

Vivemos o paradoxo de manter algo em que já não acreditamos completamente, mas não nos atrevemos a incorporar plenamente novas propostas pedagógicas e gerenciais mais adequadas à sociedade da informação e do conhecimento, para onde estamos caminhando rapidamente.

Nesse sentido, ficamos acomodados com o que está posto pelo sistema educacional brasileiro, onde temos um discurso pós-moderno e com práticas que não estimulam a aprendizagem do aluno. É como se o nosso discurso fosse algo digital e a nossa prática algo analógico, não convergem. Precisamos rever essa postura.

Sendo assim, Lévy (1999, p. 17) concebe a Cibercultura como “conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

Refletindo a respeito da relação entre as tecnologias de informação e comunicação e o conhecimento em duas escolas públicas no município de Corumbá/MS, adotou-se a metodologia etnográfica e também a netnográfica. Criei uma comunidade virtual denominada “ENTRE LUGARES” no Facebook, com o intuito de interagir, conversar, levantar hipóteses acerca de inúmeras situações sobre ensino e aprendizagem.

Nesse primeiro momento, com intuito de conhecer os meus sujeitos da pesquisa, trabalhando com a interface do facebook e a comunidade em questão, comecei a interagir com um grupo de 11 professores de duas escolas públicas de Corumbá/MS, sendo uma da rede estadual de ensino e outra da rede municipal de ensino, com intuito de colher informações sobre formação, interatividade, conhecimento entre outras. Foi feito um questionário através do google.driver para colher informações necessárias para responder algumas indagações a respeito da formação dos professores em questão.

Fiz cinco perguntas utilizando o google.driver, postando no grupo criado no facebook, ENTRE LUGARES, denominei os professores como P1, P2, P3 e, sucessivamente, sem identificar o sexo, a escola a que pertence e a disciplina que ministra. Interagindo através do chat do facebook e do questionário enviado pelo grupo criado no facebook, obtendo as seguintes respostas:

1. Professor, de acordo com sua graduação universitária, no seu currículo havia alguma disciplina que tratava das novas tecnologias educacionais?

P1 = Não. P2 = Não. P3 = Sim

2. Hoje em dia, como o senhor vê as formações emanadas pelo poder público?  
Comente.

P1 = *com muita necessidade de mudanças, novas ideias e mais interesse pela educação de futuro.*

P2 = *As formações são para professores com alunos de excelência, sem dificuldade, com responsabilidade, e não para trabalhar alunos com grandes dificuldades de aprendizagem.*

P3 = *Com muita necessidade de mudanças, pois a educação precisa ser revista de acordo com o mundo hoje.*

P4 = *As formações emanadas pelo poder público, não são suficientes para formar professores tecnologicamente atualizados.*

3. Se houvesse, o senhor acha que sua prática pedagógica seria diferente?  
Explique?

P1 = *Sim, a tecnologia é uma nova forma de ensino mais dinâmico.*

P2 = *Sim com certeza, pois nós professores precisamos de inovações para atender o jovem de hoje.*

P3 = *Sim contribuiria para desenvolver a habilidade necessária na utilização das tecnologias educacionais.*

P4 = *Sim, uma nova forma de trabalhar com possibilidades diferentes de ensinar.*

4. De acordo com a sua experiência como professor, o senhor acredita que a salvação da educação está nas novas tecnologias da informação e comunicação? Comente?

P1 = *Sim, pois a criança já nasce em meio às novas tecnologias.*

P2 = *O mundo está cada vez mais voltado para a tecnologia, hoje em dia é quase impossível viver sem um equipamento tecnológico e essa é a realidade dos nossos alunos, portanto os professores devem se adaptar à realidade do aluno, para que este se interesse pelos estudos. Não acredito que seja a salvação, mas com certeza é uma ajuda e tanto para tornar as aulas mais atrativas para os alunos.*

P3 = *O tradicional funciona muito bem em escolas particulares, e o resultado já diz tudo. Acho que vem a implementar o trabalho do "mestre giz".*

5. Como o senhor vê a presença da internet e das redes sociais dentro da escola? Comente?

P1 = *Redes sociais são de fundamental importância, quando se trata de informação, porém, a cultura dos alunos não é selecionar informações mais relevantes e importantes.*

P2 = *Acredito que com o uso das redes sociais na escola os professores se aproximam mais dos seus alunos e podem obter resultados bem mais satisfatórios nas avaliações.*

P3 = *Como uma ferramenta de apoio em nossas aulas.*

De acordo com as respostas recebidas dos professores, percebe-se algumas incoerências em relação ao total de professores no grupo e as respostas recebidas. Isso demonstra que inúmeros fatores podem ter contribuído para a não participação de alguns professores nessa pesquisa, mas isso não desqualifica a pesquisa em nenhum momento. A interação feita pelo questionário e as conversas online feitas através do chat do grupo



contribuíram para compreender as minhas indagações e as dos professores que eu tenho interagido no grupo.

Segundo Moran:

A educação é um processo de toda a sociedade – não só da escola que afeta todas as pessoas, o tempo todo, em qualquer situação pessoal, social, profissional, e de todas as formas possíveis. Toda a sociedade educa quando transmite ideias, valores, conhecimentos e quando busca novas ideias, valores, conhecimentos. Família, igrejas, empresas, internet, todos educam, e ao mesmo tempo, são educados, isto é, aprendem, sofrem influências, adaptam-se a novas situações. Aprendemos com todas as organizações, grupos e pessoas que nos vinculamos. Pela primeira vez na história, percebemos que a educação não acontece só durante um período determinado de tempo, maior ou menor (educação básica, superior), mas ao longo da vida de todos os cidadãos e em todos os espaços. A educação não acontece só no espaço oficial, na escola e na universidade. Todas as instituições e organizações aprendem cada vez com mais intensidade e ininterruptamente. Essa percepção da urgência da aprendizagem de todos, o tempo todo, é nova (MORAN, 2007, p.14).

De acordo com Moran, a educação não acontece só no espaço oficial, na escola e na universidade. A educação acontece em todos os lugares e em tempo real, principalmente a educação mediada pelas tecnologias. São os entre lugares (BHABHA, 1998, p. 20), das conexões que há troca de informações, logo, o aprendizado está acontecendo. Essas negociações, ou troca de informações que existem em todos os lugares, principalmente entre professores e alunos, é que a cada dia fortalece dentro da escola e, principalmente, na rede.

Novamente essa abordagem está focada na educação de crianças, mas essa defesa da independência quase total do aluno, e da redução da importância da atuação do professor, pode ser encontrada, por exemplo, nos discursos de Salman Khan (fundador da Khan academy) e de Marc Prensky (que desenvolveu o conceito de nativos digitais) (MATTAR, 2013, p. 41).

Nesse sentido que o professor P1 disse que “ Sim, pois a criança já nasce em meio às novas tecnologias”, percebe-se que o professor tem algum entendimento sobre os ditos “nativos digitais”, pois a geração que está, hoje em dia, nas escolas do ensino fundamental, é toda nascida na era digital.

## **1.7 AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

Computador é uma máquina capaz de variados tipos de tratamento automático de informações, ou processamento de dados. Um computador pode prover-se de inúmeros atributos, dentre eles armazenamento de dados, processamento de dados, cálculo em grande

escala, desenho industrial, tratamento de imagens gráficas, realidade virtual, entretenimento e cultura. No passado, o termo já foi aplicado a pessoas responsáveis por algum cálculo. Em geral, entende-se por computador um sistema físico, que realiza algum tipo de computação. Existe ainda o conceito matemático rigoroso, utilizado na teoria da computação. Assumiu-se que os computadores pessoais e laptops são ícones da cultura pop na Sociedade da Informação; e isto é o que muitas pessoas consideram como "computador". Entretanto, atualmente as formas mais comuns de computador em uso são os sistemas embarcados, pequenos dispositivos usados para controlar outros dispositivos, como robôs, câmeras digitais ou brinquedos.

John Napier (1550-1617), escocês inventor dos logaritmos, também inventou os ossos de Napier, que eram tabelas de multiplicação gravadas em bastão, o que evitava a memorização da tabuada. A primeira máquina de verdade foi construída por Wilhelm Schickard sendo capaz de somar, subtrair, multiplicar e dividir. Essa máquina foi perdida durante a guerra dos trinta anos, sendo que recentemente foi encontrada alguma documentação sobre ela. Durante muitos anos nada se soube sobre essa máquina, por isso, atribuía-se a Blaise Pascal (1623-1662) a construção da primeira máquina calculadora, que fazia apenas somas e subtrações. A máquina Pascal foi criada com objetivo de ajudar seu pai a computar os impostos em Rouen, França. O projeto de Pascal foi bastante aprimorado pelo matemático alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1726), que também inventou o cálculo, o qual sonhou que, um dia no futuro, todo o raciocínio pudesse ser substituído pelo girar de uma simples alavanca.

Todas essas máquinas, porém, estavam longe de ser um computador de uso geral, pois não eram programáveis. Isto quer dizer que a entrada era feita apenas de números, mas não de instruções a respeito do que fazer com os números.

O primeiro computador eletromecânico foi construído por Konrad Zuse (1910–1995). Em 1936, esse engenheiro alemão construiu, a partir de relês<sup>10</sup> que executavam os cálculos e dados lidos em fitas perfuradas, o Z1. Zuse tentou vender o computador ao governo alemão, que desprezou a oferta, já que não poderia auxiliar no esforço de guerra. Os projetos de Zuse ficariam parados durante a guerra, dando a chance aos americanos de desenvolver seus computadores.

---

10 Um relé (do francês relais), frequentemente escrito e pronunciado no Brasil como relê, é um interruptor eletromecânico.

Foi na Segunda Guerra Mundial que realmente nasceram os computadores atuais. A Marinha dos Estados Unidos, em conjunto com a Universidade de Harvard, desenvolveu o computador Harvard Mark I, projetado pelo professor Howard Aiken, com base no calculador analítico de Babbage. O Mark I ocupava 120m<sup>3</sup> aproximadamente, conseguindo multiplicar dois números de dez dígitos em três segundos.

Simultaneamente, e em segredo, o Exército dos Estados Unidos desenvolvia um projeto semelhante, chefiado pelos engenheiros J. Presper Eckert e John Mauchly, cujo resultado foi o primeiro computador a válvulas, o Eletronic Numeric Integrator And Calculator (ENIAC), capaz de fazer quinhentas multiplicações por segundo. Tendo sido projetado para calcular trajetórias balísticas, o ENIAC foi mantido em segredo pelo governo americano até o final da guerra, quando foi anunciado ao mundo.

No ENIAC, o programa era feito rearranjando a fiação em um painel. Nesse ponto, John Von Neumann propôs a ideia que transformou os calculadores eletrônicos em “cérebros eletrônicos”: modelar a arquitetura do computador, segundo o sistema nervoso central. Para isso, eles teriam que ter três características:

a - Codificar as instruções de uma forma possível de ser armazenada na memória do computador. Von Neumann sugeriu que fossem usados uns e zeros, o chamado código binário.

b - Armazenar as instruções na memória, bem como toda e qualquer informação necessária à execução da tarefa.

c - Quando processar o programa, buscar as instruções diretamente na memória, ao invés de lerem um novo cartão perfurado a cada passo.

O computador doméstico é a designação amigável da segunda geração de microcomputadores (o termo técnico que até então era usado), tendo seu uso iniciado em 1977 e tornando-se comum durante a década de 1980. O computador doméstico tornou-se disponível para o público em geral devido a produção em massa dos microprocessadores e, como seu nome indica, tendia a ser utilizado nos lares, em vez do contexto indústria/negócios. O nome também assinala a diferença para a primeira geração de microcomputadores (de 1974-75 em diante), que atendia principalmente aos interesses de engenheiros e lobistas habilidosos em trabalhos de solda, visto que eram frequentemente vendidos como "kits" para montagem pelo utilizador. O uso do termo "computador doméstico" praticamente desapareceu em fins da década de 1980 nos E.U.A. e no Brasil, ou no princípio dos anos 1990 (na Europa).

Explica-se isto pela ascensão dos modelos de computador pessoal compatíveis com o IBM-PC (que não são cobertos por este verbete), e a conseqüente preferência pelo uso do termo "PC" em vez de "computador doméstico". Hoje os computadores pessoais são cada vez mais robustos e com preço acessível a todos, atendendo todas as classes sociais e, o melhor, com uma tecnologia que esteja de acordo com as necessidades que cada indivíduo apresenta, para determinados momentos da vida.

Um laptop (no Brasil, também é chamado de notebook) ou computador portátil (em Portugal, abreviado frequentemente para portátil) é um computador portátil, leve, projetado para ser transportado e utilizado em diferentes lugares com facilidade. Geralmente um laptop contém tela de LCD (cristal líquido), teclado, mouse (geralmente um touchpad, área onde se desliza o dedo), unidade de disco rígido, portas para conectividade via rede local ou fax/modem, gravadores de CD/DVD. Os mais modernos não possuem mais a entrada para discos flexíveis (disquetes), e, havendo necessidade de utilizar um desses dispositivos, conecta-se um adaptador a uma das portas USB.

Segundo o dicionário Aurélio, existe uma pequena distinção entre Laptop e Notebook, sendo o notebook aproximadamente do mesmo tamanho de um caderno universitário e necessariamente menor que o laptop. Apesar disso, não existe uma convenção oficial sobre a nomenclatura e na linguagem popular o uso dos dois nomes se faz de forma aleatória, sendo os computadores portáteis pequenos, ocasionalmente chamados de notebooks, e os computadores portáteis grandes são ocasionalmente chamados de laptops.

A expressão laptop deriva da aglutinação dos termos em inglês lap (colo) e top (em cima) significando computador portátil, em contrapartida aos desktops (em cima da mesa). Laptops podem ser divididos em duas categorias: os portáteis, voltados especialmente aos que necessitam de um computador como acessório de trabalho, mas que se locomovem com frequência entre um lugar e outro, e os desktops, voltados a pessoas que querem computadores com alguma mobilidade e com desempenho semelhante a de um computador de mesa.

Laptops portáteis são pequenos e leves, projetados para que suas baterias sejam capazes de abastecê-los por um longo período de tempo (quatro a cinco horas ou mais). Isto ao custo de configurações de hardware mais simplificadas, como pouca memória RAM (raramente superior a 4 GB), placa de vídeo na maioria das vezes integrada ao chipset ou processador, velocidade do processador raramente superior a 3,00 GHz, e hard drive quase

sempre limitado a 500 GB de capacidade. As telas mais comuns são as de 14" (ou 14,1" em widescreen) e 15" (ou 15,4" em widescreen).

Atuais substitutos de desktop, por outro lado, são projetados de modo a possuir desempenho comparável a bons computadores de mesa (4 GB ou mais de RAM, placa de vídeo dedicada, 250 GB de espaço ou mais e até 2,8 GHz (Core 2 Duo, Core i3, Core i5, Core i7) de velocidade do processador. Tais laptops, voltados aos que querem performance (para uso de aplicativos pesados, tais como jogos, por exemplo) estão ficando mais leves, relativamente menores e gastam mais lentamente suas baterias (que normalmente duram no máximo 4 horas em laptops com baterias de 9 células, executando aplicativos de peso médio). Desktop comuns possuem entre 15 e 17 polegadas, embora alguns laptops possuam 19 ou mesmo 20 polegadas. Novos laptops possuem tamanho de uma agenda e são finos como uma capa de dvd, como alguns modelos da Acer e Asus, denominados netbooks.

Atualmente, todos laptops são dotados de adaptadores de rede wireless, que possibilitam a conexão a redes de computadores sem fio. Essas redes podem ser instaladas em escritório, e já é muito comum encontrá-las também em residências. Com os adaptadores wireless, os usuários de laptops podem acessar a internet em diversos estabelecimentos, tais como, restaurantes e aeroportos, sem a necessidade de conectar fios, desde que esses locais ofereçam o serviço. O acesso à rede sem fio também pode ser controlada, sendo que o internauta somente poderá se conectar à rede através do uso de senhas ou cartões. Esse tipo de tarifação tem sido muito utilizado por fornecer ao estabelecimento a possibilidade de, além de cobrar pelo serviço oferecido, ter controle de todos os usuários do serviço. Um dos grandes exemplos de sistemas de tarifação é o ACCESSCARD, onde o internauta compra cartões pré-pagos com tempo definido, e se loga ao sistema através da inserção de um código impresso no cartão. Mas hoje as operadoras de celular cobram uma taxa fixa de navegação de dados 3G.

Um tablet, também conhecido como tablet PC ou simplesmente tablete em português, é um dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento com jogos. Apresenta uma tela sensível ao toque (touchscreen) que é o dispositivo de entrada principal. A ponta dos dedos ou uma caneta aciona suas funcionalidades. É um novo conceito: não deve ser igualado a um computador completo ou um smartphone, embora possua funcionalidades de ambos.

Os primeiros dispositivos deste tipo que chegaram ao mercado foram chamados Tablet PCs. Estes dispositivos eram operados com o toque de uma caneta especial e utilizavam os mesmos Sistemas Operacionais presentes nos PCs convencionais, às vezes levemente adaptados para o uso com telas sensíveis ao toque.

Em 2011 a Microsoft anunciou o desenvolvimento de uma nova versão do seu Sistema Operacional; o chamado Windows 8, tem entre seus principais alvos os Tablets e atualmente encontra-se em desenvolvimento. Em 2012, a Companhia Brasileira de Tecnologia Digital lança o primeiro tablet voltado para crianças do mercado brasileiro, o Tablet OZ Meu Primeiro Gradiente, com conteúdos exclusivos e controles de conteúdo.

A internet surgiu a partir de pesquisas militares nos períodos áureos da Guerra Fria, na década de 1960, as duas superpotências compreendiam a eficácia e necessidade absoluta dos meios de comunicação e descentralizar (sobrevivência das redes em caso de ataque nuclear), era preciso, portanto, criar uma rede, a ARPANET, criada pela ARPA, sigla para Advanced Research Projects Agency. A ARPANET funcionava através de um sistema conhecido como chaveamento de Pacotes, é um sistema de transmissão de dados em rede de computadores no qual as informações são divididas em pequenos pacotes.

Redes de computadores são pontes por onde transitam, em âmbito mundial/local, informações eletrônicas dos mais variados tipos, incluindo textos, figuras, sons e imagens. Na rede mundial de computadores não existem fronteiras entre pessoas, as cidades e lugares, bem como não há distinção de sexo, raça, cor ou nacionalidade entre pessoas. E essa ponte bem posso chamar de “entre-lugares”, onde todos possam sentir “iguais”. A Internet tem conectado pessoas para os mais variados fins e têm contribuído para ampliar e democratizar o acesso à informação, eliminando barreiras como distância, fronteiras, fuso horário, idade, orientação sexual, etc.

A Internet é o maior conglomerado de redes de comunicações em escala mundial, ou seja, vários computadores e dispositivos conectados em uma rede mundial e dispõe milhões de dispositivos interligados pelo protocolo de comunicação TCP/IP, que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados. Ela carrega uma ampla variedade de recursos e serviços, incluindo os documentos interligados por meio de hiperligações da World Wide Web (Rede de Alcance Mundial), e a infraestrutura para suportar correio eletrônico e serviços como comunicação instantânea e compartilhamento de arquivos.

A Organização Europeia para a Investigação Nuclear (CERN) foi a responsável pela invenção da World Wide Web, ou simplesmente a *Web*, como hoje a conhecemos. Corria o ano de 1990, e o que, numa primeira fase, permitia apenas aos cientistas trocar dados, acabou por se tornar a complexa e essencial Web.

O responsável pela invenção chama-se Tim Berners-Lee, que construiu o seu primeiro computador na Universidade de Oxford, onde se formou em 1976. Quatro anos depois, tornava-se consultor de engenharia de software no CERN e escrevia o seu primeiro programa para armazenamento de informação – chamava-se Enquire e, embora nunca tenha sido publicada, foi a base para o desenvolvimento da Web.

Em 1989, propôs um projecto de hipertexto, que permitia às pessoas trabalhar em conjunto, combinando o seu conhecimento numa rede de documentos. Foi esse projeto que ficou conhecido como a World Wide Web. A Web funcionou primeiro dentro do CERN, e no Verão de 1991 foi disponibilizada mundialmente.

Em 1994 Berners-Lee criou o World Wide Web Consortium, onde actualmente assume a função de director. Mais tarde, e em reconhecimento dos serviços prestados para o desenvolvimento global da Web, Tim Berners-Lee, actual director do World Wide Web Consortium, foi nomeado cavaleiro pela rainha da Inglaterra.

Em 1989, o Ministério da Ciência e Tecnologia lança um projeto pioneiro: a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). A RNP é uma organização de interesse público, cuja principal missão é operar uma rede académica de alcance nacional, com objetivo de capacitar recursos humanos de alta tecnologia e difundir a tecnologia Internet através da implantação do primeiro backbone nacional (uma espinha dorsal é a infraestrutura que conecta todos os pontos de uma rede). A função básica do backbone é prover conectividade e transporte de tráfego entre estruturas análogas, que existem/existirão em diversas regiões do país. Desta forma, a RNP é a congregação dos esforços regionais, via estrutura nacional (backbone) e a fomentadora da implantação de novas redes regionais.

A lentidão e os problemas apresentados no modelo inicial obrigou o planejamento de uma forma mais adequada de interconectar os diversos centros de pesquisa do país.

No Brasil, recentemente, o acesso à Internet era restrito a professores, estudantes, funcionários de universidades e instituições de pesquisa, bem como instituições governamentais e privadas; também obtiveram acesso devido à colaboração académica e atividades não-comerciais.

Somente em 1995, surgiu a oportunidade para que usuários fora das instituições acadêmicas também obtivessem acesso à internet e que a iniciativa privada viesse fornecer esse serviço.

No estado de Mato Grosso do Sul, tudo começou com o Decreto nº 9271, de 17 de dezembro de 1998, que cria os Núcleos de Tecnologia Educacional, sendo nesse primeiro momento criado apenas 4 (quatro) NTEs, sendo eles situados respectivamente nos municípios de Campo Grande, Corumbá, Dourados e Três Lagoas. Esse Decreto foi normatizado pela Resolução/SED nº 1328, de 9 de fevereiro de 1999, que normatiza o funcionamento dos Núcleos de Tecnologia Educacional. O NTE de Corumbá atendia a cidade onde ele foi instalado e mais 12 municípios adjacentes. A resolução/SED nº 1592, de 9 de dezembro de 2002, mais uma vez normatiza o funcionamento dos Núcleos de Tecnologia educacional, criados pelo Decreto acima. Por último a resolução/SED nº 2067, de 20 de dezembro de 2006, dispõe sobre o funcionamento dos Núcleos de Tecnologia educacional.

O Decreto nº 12.437, de 31 de outubro de 2007, reorganiza os Núcleos de Tecnologia educacional e neste momento o NTE de Corumbá passa a atender apenas os municípios de Corumbá e Ladário.

Atualmente os NTE estão sendo regidos pelo Decreto nº 13.421, de 18 de maio de 2012 e normatizados pela Resolução/SED nº 2491, de 8 de dezembro de 2011, que dispõe sobre o Projeto de Implementação das Salas de Tecnologias Educacionais – STEs e a utilização das diversas tecnologias midiáticas nas unidades escolares da Rede Estadual de Ensino.

Os avanços da tecnologia e o advento da internet trouxeram impactos inimagináveis para a sociedade. Estamos diante de uma sociedade conectada, com e-mails, celulares, palms, chats, sites de notícias, comunidades online, Skype e outras ferramentas, que até pouco tempo não faziam parte da nossa rotina diária de trabalho e lazer.

Neste novo cenário de mudanças tecnológicas, deparamos com novos desafios e com novas formas de relacionamentos que afetam o comportamento humano e, conseqüentemente, todos os aspectos que envolvem o desenvolvimento de uma sociedade, inclusive a educação.

As avaliações da tecnologia e de suas repercussões no contexto social precisam seguramente tomar rumos mais claros e intensos nas atividades didáticas. Estes debates e discussões têm se tornado permanentes na grande maioria das instituições de ensino no



mundo, realçando a sua pertinência e reforçando a necessidade de seguir o mesmo caminho nas escolas que trabalham a tecnologia no Brasil.

Temos, enquanto educadores, o compromisso de orientar e proporcionar ao educando situações que lhe permitam desenvolver habilidades e competências necessárias para a vida tanto profissional, quanto da vida pessoal, de modo que todas essas orientações recebidas ao longo da sua vida discente sejam suficientes para posicioná-lo em um mundo cada vez mais plano, mais globalizado, sem barreiras espaciais e temporais.

Educar na sociedade digital não é apenas ensinar como usar os aparatos tecnológicos no ambiente escolar. Educar é preparar indivíduos adaptáveis, conectados e criativos, que consigam lidar facilmente com a rapidez na fluência de informações e transformações, sendo parte delas, de modo responsável, ético e legal.

Para aplicar este princípio de educação atualizada, integrada e intercultural com a realidade da sociedade digital atual, a escola tem como um novo desafio a incorporação destes meios de informação e comunicação na criação de novas estratégias de ensino e de aprendizagem.

Nesse sentido, os dados legais atuais que norteiam o uso das salas de tecnologias educacionais, bem como os diversos aparatos tecnológicos (tablete, dispositivo móvel, notebook, etc), precisam ser mais claros, com intuito de proporcionar tanto ao educando quanto ao professor o seu verdadeiro papel no processo ensino aprendizagem.

## CAPÍTULO II - PERCURSO METODOLÓGICO

### 2.1 O CAMINHAR DE UMA VIDA

A origem do presente estudo relativo às representações dos professores e alunos, com relação às novas tecnologias da informação e comunicação, podem ser buscadas na minha caminhada profissional da educação.

Falar da minha pessoa é falar do “outro” posto dentro de mim. E falar do outro não é um recordar melancólico, mas sim um recordar histórico. Sou formado em Licenciatura Plena em Matemática, pela universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal, na cidade de Corumbá/MS e cursei as minhas duas Pós-Graduações em nível de Especialização na Faculdade de Fátima do Sul, município de Fátima do Sul/MS. Ingressei no magistério no ano de 1992, trabalhando como técnico administrativo de uma escola pública da rede estadual de ensino, na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul. No ano de 1994, prestei concurso para rede estadual de ensino, e sendo aprovado, efetivei na carreira de docência, trabalhando como professor na rede estadual de ensino, em sala de aula. No ano de 1996, passei a atuar na Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho no período noturno, atuando em sala de aula, onde trabalho até a presente data, passando pelo laboratório de informática, coordenação pedagógica e sala de aula, fazendo um rodízio por todas essas áreas.

No ano de 1998, participei do curso de Utilização das Redes de Comunicação do PROINFO, realizado pelo Departamento de Computação e Estatística do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. No ano seguinte, 1999, continuando com a minha formação, participei do Curso de Informática, realizado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional de Campo Grande. Mas a paixão pelas tecnologias começou mesmo no ano de 1995, quando eu participei pela primeira vez de curso de MS-DOS, WINDOWS, WORD FOR WINDOWS. Todos esses cursos de capacitação tinham um propósito de formar recursos humanos, para atuar como fomentadores da inclusão das tecnologias nas escolas. Participaram dessas formações 3 professores da rede estadual e 3 professores da rede municipal para atuarem como técnicos do NTE, e 3 professores da Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho, sendo eu um deles, e 3 professores da Escola Municipal Pedro Paulo de Medeiros, para fomentar no âmbito escolar a implantação e implementação dos dois primeiros laboratórios de informática a serem operacionalizados nessas duas escolas supra citadas, na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul.

Neste mesmo ano de 1999, fui convidado para ser coordenador pedagógico desta referida escola, pois eu tinha familiaridade com as tecnologias, no caso aqui o computador, que começava a ser implantado na escola pelo PROINFO, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação, com objetivo de dinamizar o uso do laboratório de informática por todos os professores da escola. Essa sala permanecia a maior parte do tempo fechada, pois os professores tinham medo de manusear os equipamentos, pois poderiam estragar, sendo essa a fala que mais se ouvia nesse período. Fiquei na coordenação pedagógica até o ano de 2002, quando de novo recebi um convite da direção da escola para atuar como professor responsável pela sala de informática. Nesse período, já se tinha uma Resolução/SED, que norteava a utilização dessas salas no âmbito escolar. Foi também um período difícil, pois o discurso ainda era o mesmo e o professor resistia ainda em dinamizar sua aula, utilizando a sala de tecnologia. Mas, foi um período de paixões pelas tecnologias que estava invadindo as escolas de uma maneira acanhada e tímida, por isso busquei aprender como usar as tecnologias como um todo.

No ano de 1998, também prestei concurso para rede municipal de ensino e sendo aprovado, entrei para a docência da referida rede de ensino, onde também estou até o presente momento. Do ano de 1998 até o ano de 2001, estive em sala de aula. No ano seguinte, passei atuar no conselho Municipal de Educação de Corumbá até o ano de 2004, como técnico deste colegiado, e neste período percebi que não foi elaborada nenhuma Deliberação que norteara a utilização das salas de informática na rede municipal de ensino, responsabilidade desse conselho. Mesmo nos dias de hoje, este conceituado Conselho ainda não conseguiu implementar uma Deliberação que regulamentasse ou norteara as políticas públicas na rede municipal de ensino, cujas escolas municipais estão vinculadas. No ano de 2005 foi um ano de grandes surpresas para mim. Ao mesmo tempo em que disputei e ganhei uma eleição para diretor de uma escola da rede municipal de ensino, cargo no qual permaneci até o ano de 2008, descobri que estava bastante doente, mas não debilitado e resolvi lutar pela minha saúde e ao mesmo tempo, pelo o que eu acreditava da educação brasileira como um todo.

Durante esse período que estou no magistério, e que desde o tempo em que eu era aluno de escola pública, hoje enquanto adulto formado e professor de escola pública, percebo que o sistema continua o mesmo, o tempo passa, as inovações acontecem, mas a escola continua do mesmo modo. Estamos diante de um mundo moderno, de tecnologia cada vez mais avançada, e as informações sendo processadas massivamente por todos os lados, numa

espécie de concorrência de informações, aliás, o mundo virtual está cada vez mais presente na nossa vida e a escola voltada para o seu fazer de décadas.

Então, a educação sistematizada como se processa atualmente, está ficando obsoleta em relação a essa velocidade de informações que o homem recebe todos os dias, consequência do mundo globalizado. Acreditamos que o conhecimento se processará mais rápido se o professor tiver a plena consciência de que as tecnologias presentes hoje no mundo informatizado, devem servir como recurso a mais para as suas aulas, tornando-as mais dinâmica aos olhos dos alunos.

Atualmente estou na coordenação pedagógica da Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho, coordenando a Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio no período noturno e na Escola Municipal Almirante Tamandaré, coordenando o ensino fundamental das séries iniciais no período matutino, ambas no município de Corumbá, estado de Mato Grosso do Sul.

## 2.2 A CIDADE DE CORUMBÁ E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

**Figura 2 – Localização de Corumbá, MS**



Fonte: <http://migre.me/gBRWu>

Corumbá, considerado um dos maiores municípios do Brasil em extensão territorial, e seu perímetro urbano situado à margem direita do rio Paraguai, sendo esse um dos principais rios da bacia do prata e importante rio pra fauna e flora pantaneira.

Com o nome de origem tupi-guarani Curupah – que significa “lugar distante” – e, depois de ter outras denominações ao longo de sua história, Corumbá é conhecida como Cidade Branca, devido à cor clara de seu solo, rico em calcário. A ocupação da região teve

início ainda no século XVI, quando com a expectativa de encontrar ouro, a área do atual município foi explorada pelos portugueses, que começaram a chegar em 1524.

Fundado em 1778 para impedir os avanços dos espanhóis pela fronteira brasileira em busca do mineral precioso, o Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque – primeira denominação do vilarejo – transformou-se no principal entreposto comercial da região. Quando a passagem de barcos brasileiros e paraguaios pelo Rio Paraguai foi liberada, e devido à importância comercial que passou a ter, a localidade foi elevada a distrito em 1838 e, em 1850, a município.

Durante a Guerra do Paraguai (1864 a 1870), a Freguesia de Santa Cruz de Corumbá – nome que recebeu na emancipação – foi palco de uma das principais batalhas do conflito, sendo ocupada e destruída por tropas de Solano Lopez em 1865. A partir de 1870, ao ser retomada pelo tenente-coronel Antônio Maria Coelho, a cidade começou a ser reconstruída. Na mesma época, imigrantes europeus e de outros países sul-americanos chegaram, impulsionando o desenvolvimento local. Como resultado, Corumbá foi o terceiro maior porto da América Latina até 1930.

Até a década de 1950, os rios Paraguai, Paraná e Prata eram os únicos meios de integração da região. Por isso, a cidade vivia sob a influência dos países da Bacia do Prata, dos quais herdou grande parte dos seus costumes, hábitos e linguagem. Isso ocorreu naturalmente devido à sua localização fronteiriça e ao isolamento físico que sofria na época.

A chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil no início do século XX, porém, deslocou o eixo comercial do sul do Estado – então Mato Grosso – para Campo Grande. Os grandes comerciantes locais mudaram-se para outras cidades e Corumbá passou a priorizar comercialmente a exploração mineral as atividades rurais, como a agropecuária.

A cidade iniciou atividades industriais na década de 1940, com a exploração das reservas de calcário – excelente para a indústria do cimento – e de outros minérios. No fim dos anos 1970, o turismo passou a ser explorado, revelando nova infraestrutura e viabilizando a restauração das construções históricas. Com o Pantanal ocupando 60% de seu território, Corumbá passou a ser chamada de Capital do Pantanal, constituindo-se o principal portal para o santuário ecológico.

### 2.3 CONCEPÇÕES HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CORUMBÁ

Foi neste contexto socioeconômico, num momento histórico em que a segurança pública e a posse da terra, bem como a infraestrutura viária ainda eram as grandes preocupações dos sucessivos governos estaduais (JACOMELI, 1998), que o presidente Pedro Celestino Corrêa da Costa, a partir do ideário republicano da “(...) modernidade e civilização, [pensado como contraponto] (...) ao estigma da ‘barbárie’ predominante nas representações sobre o estado na época” (AMÂNCIO, 2000 apud SOUZA, 2004, p. 121), na reforma iniciada em 1910, começou novo período de reestruturação e reorganização do ensino primário e secundário em Mato Grosso. Ainda segundo a justificativa que embasava a reforma, nos primeiros vinte anos do regime republicano a instrução em Mato Grosso continuava incerta e descuidada, com poucas diferenças em relação à época do Império. O grupo escolar foi pensado como uma possível solução para estes problemas.

Para tal, a reforma de 1910 prever a renovação do quadro de professores. Assim, uma nova Escola Normal foi criada, junto com a Escola-modelo, a fim de habilitar indivíduos capazes de ministrar o ensino. Complementarmente, a partir de 1911 verificou-se a organização de uma nova regulamentação pedagógica, a qual emanaria por todo o estado, estabelecendo os novos critérios para a instrução pública. Segundo este decreto, o ensino primário deveria ser leigo, alunos de ambos os sexos poderiam frequentar a escola, estabelecendo-se a obrigatoriedade para as crianças de 7 a 10 anos de idade. Dizia este decreto também que as escolas não poderiam ultrapassar os 60 alunos; além disso, o sistema de decuriões<sup>11</sup> e monitores (ensino mútuo), bem como os castigos físicos estavam proibidos (JACOMELI, 1998).

Além disso, esta legislação normatizou a ação dos grupos escolares e seu funcionamento, naqueles distritos que os tivessem. Os grupos escolares seriam escolas com oito classes seriadas (quatro para meninos e o restante para meninas) e ficariam subordinados ao Diretor Geral da Instrução Pública e aos inspetores escolares. Complementarmente, os grupos escolares seriam fiscalizados e inspecionados pelo presidente do estado, com a ajuda do Conselho Superior de Instrução Pública e Diretoria Geral da Instrução. Estes órgãos estabeleciam a duração das aulas (cinco horas diárias), o período de funcionamento (período único) e a contratação de professores efetivada mediante concurso público.

---

<sup>11</sup> Estudante, que, numa escola, dirige uma classe de alunos ou lhes toma lição.

Verifica-se, contudo, que essa política de expansão das práticas educacionais a partir do grupo escolar no estado não se deu de forma linear, e as discontinuidades na ação pública sempre estiveram presentes, expressas, por exemplo, na morosidade para a instalação destes estabelecimentos ou na grande dificuldade de se impor uma fiscalização da malha educacional. Neste sentido, é exemplar o caso de Corumbá em que o grupo escolar, criado por decreto em 1912, só veio a instalar-se em 1924. Além disso, apenas as cidades mais importantes faziam jus a sediar estas instituições escolares, numa região em que a população, de forma predominante, ainda residia nas zonas rurais. Foi neste contexto, e dada a sua importância enquanto principal porto de Mato Grosso, que Corumbá foi escolhida para sediar um grupo escolar.

Da mesma forma, estes mesmos relatos apontam para uma gradual perda de prestígio do grupo escolar em Corumbá quando se adentra na década de 50, quando o Luiz de Albuquerque, às vésperas de deixar de ser a única instituição desta natureza na cidade, enfrenta problemas como a superlotação, a precariedade de material didático em suas salas, bem como um fenômeno já apontado por Souza (2004, p. 138), e que se configurará com mais clareza nas décadas seguintes, quando, por um lado, acontece a simplificação da formação aliada e, por outro, a extensão maior desta escolaridade fundamental.

Estas mudanças, no interior do grupo escolar, no momento mesmo em que se coloca em pauta a sua efetiva expansão na cidade de Corumbá, e que se materializou nestes anos 50 pela abertura de dois outros turnos de aulas, visavam o atendimento de um maior número de alunos e, naturalmente, que isso se desse com economia de recursos humanos e materiais nesta empreita (ROSA, 1990, p. 114). Na mesma direção, os novos estabelecimentos que são criados neste período, a partir de 1954, mesmo levando a denominação de grupos escolares, não se atém a um projeto arquitetônico de dimensões monumentais, como foi o caso do primeiro grupo escolar da cidade, nem receberam do poder público o tratamento diferenciado prestado àquela instituição.

Hoje em dia, o município de Corumbá conta com escolas da Rede Estadual de Ensino, da Rede Municipal de Ensino, da Rede Federal de Ensino e da Rede Particular, para atender um município com uma população estimada para 2013 de 107.347 habitantes (IBGE, 2010). Nesse sentido, de acordo com o Censo do IBGE 2010, temos as seguintes características no ensino corumbaense: matrículas - Ensino pré-escolar - 2012 (1) 2.440 matrículas - Ensino fundamental - 2012 (1) 19.647, matrículas - Ensino médio - 2012 (1) 4.099. Docentes - Ensino fundamental - 2012 (1) 968, docentes - Ensino médio - 2012 (1) 280

docentes - Ensino pré-escolar - 2012 (1) 183. Escolas - Ensino fundamental - 2012 (1) 45 escolas - Ensino médio - 2012 (1) 18 escolas - Ensino pré-escolar - 2012 (1) 38.

## 2.4 AS ESCOLAS PRECURSORAS

A escola estadual Julia Gonçalves Passarinho criada pela Lei nº 2.993, de 09/06/1970, D.O. nº 15.631 de 10/07/1970, Cuiabá/MT e pelo Decreto nº 1.438, de 08/12/1971 foi denominada Centro Educacional D. Julia Gonçalves Passarinho. Com a publicação do Decreto nº 9.104 de 12/05/1998 D.O. nº 4.770, de 13/05/1998, recebeu a atual denominação. Iniciou suas atividades escolares em 06 de abril de 1971<sup>12</sup>.

Está localizada na área central da cidade de Corumbá/MS, oferece no período diurno a educação Básica, nas etapas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, organizadas em anos, autorizada pela resolução/SED nº 2.151, de 19/02/2008 e resolução/SED nº 2.145 de 19/12/2007 e a modalidade de Educação Especial – DA e multisseriada. No período noturno, operacionaliza a Modalidade da Educação de Jovens e Adultos, no Ensino Médio, autorizadas pela Resolução/SED nº 1.925, de fevereiro de 2006.

Pelo decreto nº 1.438 de 08/02/1971, recebeu o nome de Centro Educacional Julia Gonçalves Passarinho, em homenagem à já falecida genitora do então Ministro de Educação e Cultura Jarbas Passarinho.

Dona Julia Gonçalves Passarinho nasceu de uma família média rural – Azevedo Gonçalves – em 22 de junho de 1883, na cidade de Viseu, à margem do rio Gurupi, limítrofe com o Maranhão. Seus pais possuíam uma pequena fazenda de gado no interior do município e residiam na sede. Era a segunda de uma prole de cinco rebentos. Devido a uma epidemia de varíola, seus pais faleceram seguidamente, com intervalos de dias. Sua dor pela morte dos pais quase a leva à morte, pois mal se alimentava, chorava continuamente e pedia a Deus que a levasse também.

Anos depois, transferiu-se com a família para Belém, casou-se com Ignácio de Loyola Passarinho, oficial de máquinas da Marinha Mercante. Mãe de três filhos,

---

12 O marco principal da reforma da educação brasileira, no que se refere ao ensino fundamental e médio, neste período analisado, é a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixou diretrizes e bases para estes níveis de ensino. Constituiu-se um dos mais significativos momentos da reforma do ensino de 1º e 2º graus, e ocorreu no auge do “milagre econômico” e do Governo Médici, em 1971. Esta lei, segundo Germano (2005), foi recebida entusiasticamente pelos educadores, sob influência da “euforia” nacional decorrente do crescimento econômico que predominava no país. O “transformismo” volta à tona, sob a forma de adesão e mesmo de certa mobilização dos educadores em favor do projeto educacional do Regime” (p. 164).



acompanhou o marido ao Acre, onde o marido instalaria a primeira usina de luz do então Território Federal. Dono de uma oficina mecânica a vapor, que reparava embarcações que fervilhava o rio Acre e o rio Xapuri, o marido fez fortuna. Morava em Xapuri onde nasceram os três filhos do casal, entre eles, o Senador Jarbas Passarinho, em 1920.

Em 1924, os filhos mais velhos haviam concluído o curso primário e não havia em todo Acre escola secundária. E dona Julia, como não queria ver os filhos interromperem sua educação, propôs ao marido a transferência para Belém, onde eles poderiam estudar. Houve a crise da borracha e o marido perdeu a pequena fortuna que adquirira. Dona Julia foi obrigada a tirar os filhos mais velhos da escola, adaptou-se e os adaptou às dificuldades. Vendeu todas as joias que possuía para adquirir alimentos para os filhos, sendo todos bem encaminhados na vida. Faleceu aos 93 anos de vida.

Com aproximadamente 1.430 alunos distribuídos entre os três turnos de funcionamento da escola e extensões, constituem-se num mosaico de diversidade, no qual encontramos todos os níveis de expectativas face ao futuro e ao prosseguimento dos seus estudos.

A escola possui três espaços distintos e ao mesmo tempo, independentes voltados para o atendimento das séries iniciais. A sede que tem uma estrutura física voltada para atendimento dos alunos da escola e a extensão, localizada na parte alta da cidade, que atende alunos da comunidade, que residem nos bairros adjacentes. Contudo, estas Unidades, estão integradas e contém salas arejadas, ventiladas, cozinha, sala pedagógica, pátios e áreas externas, sala de informática. Além de uma quadra coberta que oportuniza a realização de grandes eventos, culminância de projetos, apresentações, reuniões, jogos escolares, torneios, etc. Temos também, recursos materiais, como: DVDs, televisores, computadores, máquinas fotográficas, filmadora, máquinas digital, mimeógrafos, gravadores, livros didáticos, Datashow, projetores multimídias, etc.

Portanto, a nossa escola desfruta de espaços privilegiados, necessitando apenas de manutenção e reparos do prédio no decorrer do ano. As instalações estão distribuídas em:

**Tabela 1 – Estrutura Física da Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho**

Sala de Diretoria	1
Sala de Coordenação Pedagógica	1
Salas de aula	18

Sala de Material Didático	1
Sala de professores	1
Sala de leitura	1
Banheiros para aluno	30
Banheiros para administração	4
Sala de Materiais de Ed. Física	1
Sala de depósito	1
Cozinha	1
Despensa	1
Sala de dep. De Equip. Desp. c/ Banheiro	1
Pátio coberto	2
Quadra Esportiva coberta	1
Sala de Tecnologia Educacional	1
Sala de projeção	1

**Fonte:** Projeto Político Pedagógico da Escola

A Escola Municipal Pedro Paulo de Medeiros foi criada pelo Decreto nº 148/75, de 15/10/1975. Foi reconhecido o ensino de 1º grau - 1º ao 5º ano pela Deliberação CEE nº 1698 de 07/11/1985; Reconhecimento do ensino de 1º grau - 6º ao 9º pela Deliberação CEE nº 2394 de 22 de março de 1990, com sede à Rua América s/nº, na parte central do Município de Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul, mantido pela Prefeitura Municipal de Corumbá, nos termos da legislação em vigor.

A escola tem essa denominação em homenagem ao Senhor Pedro Paulo de Medeiros Junior, poeta encantador da Cidade Branca é o Patrono da Escola. Filho de Pedro Paulo de Medeiros e de Maria Santa Cruz de Medeiros nasceu em Corumbá/MT, atual Mato Grosso do Sul, no dia 25 de novembro de 1891. Seu pai, o coronel Pedro Paulo de Medeiros, prestigioso chefe político, foi prefeito de Corumbá. Homem de recursos, proporcionou aos seus filhos todos os meios para se instruírem, não chegando, porém, nenhum a diplomar-se.

Pedro Paulo, seu primogênito, fez apenas o curso primário, no Colégio Salesiano de Santa Teresa, de Corumbá/MS. Autodidata, mercê de sua privilegiada inteligência, dotou-se de excelente cultura, tornando-se um dos maiores vates<sup>13</sup> corumbaense. Além de poeta, desenvolvia o papel de jornalista em escolas, teatrólogo, cronista, humorista, comentarista e

---

13 Segundo o Dicionário Aurélio, palavra do Latim que significa poeta.

orador, apreciado nos círculos de cultos, era também acatado tribuno popular, que empolgava as multidões em praça pública, fazendo-os vibrar de entusiasmo. Foi ainda o arauto dos necessitados e defensor dos oprimidos.

Ingressou no Serviço Público Federal, mediante concurso para escriturário do Ministério da Fazenda ainda moço, tendo servido em Cuiabá, Rio de Janeiro e Corumbá (na Alfândega), onde permaneceu a maior parte de sua vida funcional. Nesta repartição foi Inspetor Substituto e Guarda Mor várias vezes. A sua atividade profissional, intensa, como funcionário do Ministério da Fazenda, não impedia de dedicar-se à literatura e à imprensa, deixando-nos verdadeiras obras primas, entre outras destacamos as peças que por si só, enriquecem nossa literatura: Lenda Bororo, Súplica do Menino Pobre, A Última Estação, 13 de Junho, Se Eu Pudessem Voltar, No Pantanal, e outras.

Casou-se com Elvira Calderon de Medeiros no dia 10 de outubro de 1917, em Cáceres/MT, na residência do coronel Campos Vidal. Do seu matrimônio nasceram 7 filhos, sendo mortos os dois primeiros. Faleceu em Corumbá com 52 anos de idade na manhã de 12 de abril de 1943. Sua morte teve grande repercussão em todo Estado, tendo a imprensa estadual, através dos seus destacados homens de letras, manifestando-se de forma lisonjeira sobre o homem e o poeta de Corumbá e Mato Grosso perdiam.

A escola está inserida num bairro central e residencial da cidade e atende crianças, jovens e adultos oriundos dos bairros mais próximos (Cervejaria, Dom Bosco e Generoso) e mesmo até alunos oriundos da cidade de Puerto Suarez, do país vizinho Bolívia. Na maioria das vezes são de famílias de baixa renda.

Localizada em área de fácil acesso e sem risco para saúde e o bem estar do educando. O prédio é próprio e possui uma construção específica para escola. Apresenta condições satisfatórias de circulação, segurança e salubridade. Dispõe de 11(onze) salas de aula, que são distribuídas e organizadas para atender cerca de 800 alunos, de acordo com os parâmetros desejáveis, para ser oferecido um ensino de qualidade. Compõe, ainda, o espaço físico, área calçada e coberta, para recreação e educação Física. Uma diretoria, uma secretaria, uma sala de coordenação, uma sala de professores, uma cozinha, uma despensa, uma sala de tecnologia (informática), uma cantina, banheiros feminino e masculino e duas salas para atender a educação Infantil.

## 2.5 METODOLOGIA

Para analisar as concepções dos professores sobre web, entre março e novembro de 2013, foram feitos três questionários semiestruturados com os/as docentes das duas escolas públicas da cidade de Corumbá/MS, e um questionário com os alunos dessas escolas em questão. O importante não foi a quantidade de questionários, nem a quantificação de respostas “a” ou “b”, mas a qualidade medida pelos critérios adotados, a fim de atender aos objetivos propostos.

Os critérios foram que os questionários e as observações incluíssem professores titulares, ou não, do 9º ano do ensino fundamental, do período vespertino dessas duas escolas, uma da rede estadual e outra da rede municipal de ensino, contemplando todas as disciplinas que compõem a matriz curricular, dessa etapa final do ensino fundamental. Sendo que o período vespertino da escola da rede estadual pesquisada é o período que eu trabalho nesta escola como professor-coordenador. Esforcei-me para perceber quais perspectivas estão envolvidas nas representações acerca da web. As entrevistas desses/as que colaboram, de alguma forma, na produção das marcas deixadas pela escola (instituição disciplinar) nos estudantes são percebidas aqui como “arenas de múltiplos significados”, onde a voz do entrevistador será uma, entre as outras a serem escutadas. Silveira (2002) faz uma explicação interessante sobre essa noção de entrevista:

[...] um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a ‘quer saber algo’, propondo ao/à entrevistado/a uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas... Para esse preenchimento, os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor, e sim, personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessaram e ressoam em suas vozes. Para completar essa ‘arena de significados’, ainda se abre espaço para mais um personagem: o pesquisador, o analista, que – fazendo falar de novo tais discursos – os releerá e os reconstruirá, a eles trazendo outros sentidos (p. 139-140).

Os professores/as com os quais eu trabalhei, num total de 11, sendo 5 professores 6 professoras, e esses professores/as tem uma média de atuação no magistério de 16 anos, portanto são professores/as já com um bom tempo de graduação. São professores/as de todas as áreas do conhecimento e na sua maioria formados na nossa Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal. Estes professores estão participando da comunidade criada no facebook, denominada ENTRE LUGARES, interagindo entre si, objetivando a troca de informações.

Nessa mesma perspectiva trabalhei com os alunos/as do 9º ano da etapa final do ensino fundamental, das duas escolas públicas do município de Corumbá/MS, para analisar quais são as representações que os/as alunos/as tem acerca da web 2.0. Trabalhei as entrevistas com os/as alunos na interface do facebook, onde criei uma comunidade intitulada "ENTRE LUGARES", onde passei a interagir com eles. Participam dessa comunidade cerca de 40 alunos, sendo 19 alunos e 21 alunas, sendo num total de 58%, na faixa etária de 14 anos.

Como procedimento técnico-metodológico, tendo em vista o pressuposto apresentado para a construção do presente projeto de pesquisa e a questão a ser investigada, optou-se por adotar técnicas qualitativas. A pesquisa baseia-se também no método netnográfico, tendo em vista o tema da investigação.

Para o etnógrafo, a observação direta, participante e crítica é a melhor técnica a ser utilizada, de forma a conseguir obter dados fenomenológicos que representem a concepção de mundo dos participantes. Com isso, percebe-se que esta metodologia é bastante viável para o trabalho a que estamos propondo.

### **2.5.1 OBJETIVO**

Refletir sobre as concepções da web 2.0 de professores e alunos usuários da sala de informática de duas escolas públicas no município de Corumbá, MS.

### **2.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Compreender a utilização dos recursos tecnológicos, especialmente os computadores e a internet, em duas escolas públicas, pelos professores e alunos;
- Averiguar junto aos usuários das STEs, o uso e os limites de uso das tecnologias da web 2.0;
- Analisar o Regimento Interno, Projeto Político Pedagógico das escolas pesquisadas, no que tange ao uso da WEB, no processo Ensino Aprendizagem.

A observação participante e as entrevistas aprofundadas são, assim, o meio mais eficaz para que o pesquisador aproxime-se dos sistemas de representação, classificação e organização do universo estudado. Basicamente, da observação participante, o pesquisador vai procurar entender essa cultura, utilizando, para isso, uma metodologia que envolve registro de campo, entrevistas, análises de documentos, fotografias e gravações. A pesquisa do tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações, que configuram a experiência escolar diária. Neste sentido, é possível documentar o não-documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados, que são criados e recriados no cotidiano escolar do seu fazer pedagógico.

A internet já faz parte da vida de muitos brasileiros e tende a se popularizar ainda mais, portanto, a situação atual de deslocamento, de globalização, de fluxo de informações, de transição de modernidade para pós-modernidade, interferem diretamente no critério metodológico a ser selecionado para investigação desse tipo.

A utilização da Internet leva a acreditar numa nova dimensão qualitativa para o ensino, através da qual se coloca o ato educativo voltado à visão cooperativa. Além do que, o uso das redes traz à prática pedagógica um ambiente atrativo, onde o aluno se torna capaz, através da autoaprendizagem e de seus professores, de poder tirar proveito dessa tecnologia para sua vida.

A preocupação de tornar cada vez mais dinâmico o processo de ensino e aprendizagem, com projetos interativos que usem a rede eletrônica, mostra que todos os processos são realizados por pessoas. Portanto, elas são o centro de tudo, e não as máquinas. Conseqüentemente, não se pode perder isto de vista ao tentarmos fazer mudanças no ensino, devendo passar pelos professores e proporcionar uma preparação para este novo mundo que está surgindo.

Pesquisar a internet como cultura ou como artefato cultural implica migrar para outro espaço e outra cultura, a cibercultura que, nas palavras de Rocha e Montardo (2005), é a matriz de sentidos dos nossos tempos. Esse conceito nos leva a outro paradigma de pesquisa, menos positivista, no qual os espaços são fluídos e desterritorializados e as oposições modernas entre online/virtual e off-line/real são questionados. Entender, portanto, a web, o

ciberespaço como um não-lugar, isto é, um espaço que não é antropológico (AUGÉ, 1994) nos põe a refletir sobre os conceitos de campo, tempo e espaço da etnografia tradicional.

Segundo Amaral, Natal e Viana (2009, p. 8)

A netnografia mantém as premissas básicas da tradição etnográfica levantadas a partir dos trabalhos de Geertz (2001), a saber: manter postura inicial de estranhamento do pesquisador em relação ao objeto; considerar a subjetividade; considerar os dados resultantes como interpretações de segunda e terceira mão; e considerar o relato etnográfico como sendo de textualidades múltiplas.

Geertz (1989 apud HERRERA; PASSERINO, 2008) explica que a netnografia procura interpretar (, portanto, um método interpretativo) a cultura a partir dos fatos observados, procurando motivações e significados, indo além de uma leitura detalhada, no sentido de uma leitura interpretativa das interações sociais, de uma descrição densa, como ele chama. A netnografia busca perceber o ponto de vista do "nativo", sem, no entanto, deixar de trazer também o olhar do "estrangeiro". Nesse sentido, a netnografia (como a etnografia) dá importância ao comprometimento e envolvimento do pesquisador com seu objeto de estudo.

Nesse sentido, percebe-se que esta metodologia é bastante viável para o trabalho que estamos propondo. Sendo assim, foram criadas duas comunidades na interface Facebook, onde trabalhamos a interação, o questionário e a observação com os professores/as participantes desta comunidade e os alunos participantes de outra comunidade.

## **CAPÍTULO 3 – O CAMPO DA PESQUISA E SUAS IMPLICAÇÕES**

### **3.1 REGIMENTO INTERNO DAS ESCOLAS E SUAS NORMATIZAÇÕES**

De acordo com a legislação educacional brasileira vigente, fundada em uma concepção de gestão democrática, situa o Regimento Escolar como documento resultante de uma construção coletiva, que deve refletir o projeto político-pedagógico da escola e regulamenta a organização administrativa, didático-pedagógica e disciplinar da unidade escolar. Nesse sentido, é frequente a constatação de que tanto profissionais da educação quanto pais e alunos desconhecem o Regimento Escolar da unidade escolar na qual estão vinculados, seja pela relação de trabalho, seja pela relação de estudo. O Regimento Escolar é documento que permanece arquivado na escola, distanciado de sua prática pedagógica e administrativa e que, basicamente, recorre-se a ele em situações que envolvem indisciplina, como se fosse apenas um compilado de regras.

Portanto, à luz da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96, o Regimento deve ser democraticamente construído pela comunidade escolar. Assim sendo, todos deveriam, não apenas conhecê-lo, mas também se responsabilizarem pela sua operacionalização e eficácia.

A origem etimológica do termo regimento vem da família de palavras latinas *regimentu / regimem / rego / reger*, significando ação de conduta, governo, administração. Conforme definição do Novo Dicionário Aurélio, regimento pode ser “ato, efeito ou modo de reger, de dirigir” como também “normas impostas ou consentidas”.

Neste modelo de gestão, as escolas públicas adotam os regimentos propostos pelas mantenedoras como modelo a ser seguido, sendo assim, as escolas da Rede estadual de Ensino do Estado de Mato Grosso do Sul e as Escolas da Rede Municipal de Ensino no Município de Corumbá seguem os regimentos únicos emanados pelas suas mantenedoras.

Esse quadro não cria condições para a escola definir sua própria forma de organização e gestão e, por isso, o regimento escolar se torna apenas um instrumento formal, esquecido no fundo das gavetas, ou seja, um documento burocrático elaborado apenas para cumprir a exigência legal por ocasião da autorização de funcionamento das escolas e do reconhecimento de seus cursos.



Com base no atual paradigma de administração, que passa a concebê-lo como uma responsabilidade coletiva, a gestão em estabelecimentos de ensino da rede pública envolve perspectivas democráticas, conforme se observa na Lei nº 9394/96, Artigo 3º, Inciso VIII, em que se prevê para as escolas públicas “a prática da gestão democrática, na forma da Lei e da legislação dos sistemas de ensino”. Portanto, gestores, educadores, equipe escolar e comunidade devem atuar coletivamente, de maneira a garantir que a organização e o funcionamento do processo educativo ocorram de forma mais participativa e, portanto, democrática.

O Regimento Escolar também expressa essas contradições, pois, ao mesmo tempo em que aponta para a gestão democrática, apresenta-se como um documento elaborado sem a participação da comunidade escolar, constituído por regras e normas previamente definidas, que podem ser praticadas por todas as instituições, independentemente de suas especificidades. Em consequência, possibilita que elas sejam mais facilmente controladas, por meio do cumprimento de metas, cuja definição nem sempre participam, mas para as quais são responsabilizadas.

O Regimento pode, ainda, ser coletivamente construído. Cabe, entretanto, perguntar quem é o coletivo da escola que participa e como se dá essa participação. Nesse contexto, em que se atribui grande ênfase à gestão democrática, o Regimento Escolar torna-se um elemento fundamental na organização do trabalho escolar. Ele deve sintetizar o projeto político-pedagógico da escola e expressar as características próprias da instituição que constituem sua identidade, sem o que será um amontoado de regras e normas, sem coesão nem sentido.

Assim, da análise dos pressupostos legais, depreende-se que o Regimento Escolar é um documento a ser elaborado pela comunidade escolar e que deve explicitar as características que a identificam com o serviço que a escola presta à comunidade, ou seja, as de uma instituição, cujo fim é a educação.

O Regimento Escolar, sendo um instrumento da organização administrativa e pedagógica da escola, é sua lei maior. Ele define a natureza e a finalidade da escola, bem como as normas e os critérios que regulam seu funcionamento.

Ele deve ser construído em cada escola, com a participação de todos os que nela atuam. No entanto, sua elaboração não pode ferir a legislação hierarquicamente superior, isto é, deve estar sujeita às normas do sistema de ensino a que pertence.

Neste sentido, as normas para sua elaboração devem estar em sintonia com a filosofia e a política educacional do país e observar os princípios constitucionais da Federação e do Estado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação vigente, Pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE) e do Conselho Estadual de Educação (CEE) e outros documentos normativos pertinentes à matéria.

O texto da atual LDB (Lei nº 9394/96), ao dar ênfase à perspectiva de uma gestão democrática, “abre largo espaço para a liberdade e criação”, uma vez que se propõe a “valorizar o poder criativo dos gestores educacionais, evitando o centralismo burocrático ultrapassado”.

Quanto aos regimentos, a LDB estabelece apenas a obrigatoriedade de adaptá-los “aos dispositivos da Lei e às normas dos respectivos sistemas de ensino, nos prazos por estes estabelecidos” (Lei nº 9394/96, Art. 88, § 1º).

Assim, na forma na Lei, cabe aos Conselhos Estaduais de Educação o papel normatizador e aos Sistemas Estaduais de Ensino o de orientar sua elaboração e verificar sua legalidade. Neste mesmo parâmetro, cabe aos Conselhos Municipais de Educação o papel normatizador e ao Sistema Municipal de Ensino o de orientar sua elaboração e verificar a sua legalidade.

Em suma, podemos dizer que a importância do Regimento Escolar está expressa em seus aspectos legal e pedagógico. Como “lei” da escola, ele lhe confere a sustentação organizacional necessária ao alcance dos objetivos pedagógicos e ao bom funcionamento do sistema.

Neste sentido, a importância do Regimento escolar está no fato de ser a “lei” da escola; já do ponto de vista pedagógico, sua importância está no fato de expressar e respeitar os anseios e as necessidades da comunidade escolar, em correspondência com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola.

A construção coletiva do Regimento Escolar (RE) implica a discussão e a participação consciente da comunidade escolar como um todo, pois os modelos e roteiros apresentam apenas indicações que devem ser discutidas com a participação de todos os envolvidos. Zabor (1986, p. 64) explica que:

[...] é desta participação que se originará a sua legitimidade. É dela que surgirá a possibilidade de o Regimento Escolar não se transformar em letra morta, ou em documento nascido de imposições legais, para preencher as estantes e arquivos da escola ou da Secretaria da Educação.

Neste sentido, deve haver uma profunda reformulação, nas leis vigentes no país, pois, a LDB Lei nº 9394/96, em nenhum momento, em seus 92 Artigos, aborda a temática das tecnologias educacionais que estão adentrando nas escolas brasileiras de maneira acelerada em todos os sentidos. Essa lei foi promulgada no ano de 1996, década de 90, a qual começava a popularização das tecnologias como um todo.

Reformulando a lei maior, teremos condições de reformular os Regimento Interno das escolas brasileiras que estão "eternamente" sendo reformulados.

Partindo para análise documental, que é um dos objetivos dessa pesquisa, encontramos um regimento aquém da realidade em que vivemos hoje em dia. O Regimento Interno da Escola da Rede Estadual de Ensino, no Capítulo XII que trata da Sala de Tecnologia, em seus apenas três artigos, diz:

**Art. 138** - As atividades realizadas na sala de tecnologia ficarão sob a responsabilidade do professor e da Coordenação Pedagógica e do professor de tecnologia

**Art. 139** - A informática será oferecida aos alunos do Ensino Fundamental Médio e Educação de Jovens e Adultos, nos períodos matutino, vespertino e noturno nesta Unidade Escolar, com a seguinte finalidade:

- I. colaborar no aprimoramento do processo ensino-aprendizagem;
- II. contribuir para a construção de um ambiente de aprendizagem interdisciplinar e multimídia.
- III. Privilegiar a construção do conhecimento de forma coletiva e cooperativa.
- IV. Familiarizar os alunos com as ferramentas das tecnologias de informação e da comunicação necessária à sua formação.

**Art 140** – A Sala de Tecnologia será regulamentada de acordo com as diretrizes de trabalho para as STE da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul.

Nesse sentido, esta escola da rede estadual de ensino no município de Corumbá precisa refletir sobre as tecnologias educacionais e de todos os aparatos que as compõem, para depois pensar em normatizar ou legislar sobre o assunto.

Quanto à escola municipal que participa também desta pesquisa, verifiquei a mesma situação da escola estadual. Com isso percebe-se que o problema não é específico de

uma escola da rede estadual de ensino. O regimento interno da escola municipal, no Capítulo XV, que trata do Laboratório de Informática, diz:

**Art.140°** - As atividades realizadas no laboratório de informática ficarão sob a responsabilidade do professor e do técnico do laboratório.

**Art.141°** - A informática será oferecida aos alunos da Educação Infantil, do ensino fundamental e da educação de jovens e adultos nos períodos matutino, vespertino e noturno, capacitando professores e funcionários nesta Unidade escolar com as seguintes finalidades:

I. Colaborar no aprimoramento do processo ensino – aprendizagem.

II. Contribuir para a construção de um ambiente de aprendizagem multidisciplinar.

Percebe-se o quão é discreta a participação com relação à fomentação dos artigos referentes às tecnologias da informação e comunicação nos regimentos Internos das escolas pesquisadas. Neste sentido, tanto a escola da rede estadual quanto a rede municipal têm que refletir e reformular os seus regimentos, numa perspectiva que contemple melhor as novas tecnologias educacionais.

### **3.2 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS E SUAS NORMATIZAÇÕES**

Qualquer escola tem objetivos que deseja alcançar, metas a cumprir e sonhos a realizar. O conjunto desses desejos, bem como os meios para concretizá-las, é o que dá forma e vida ao chamado projeto político pedagógico - o famoso PPP. Se você prestar atenção, as próprias palavras que compõem o nome do documento dizem muito sobre ele:

- É projeto porque reúne propostas de ação concreta a executar durante determinado período de tempo.

- É político por considerar a escola como um espaço de formação de cidadãos conscientes, responsáveis e críticos, que atuarão individual e coletivamente na sociedade, modificando os rumos que ela vai seguir.

- É pedagógico porque define e organiza as atividades e os projetos educativos necessários ao processo de ensino e aprendizagem.

Ao juntar as três dimensões, o PPP ganha a força de um norte indicando a direção a seguir, não apenas para gestores e professores, mas também funcionários, alunos e famílias. Ele precisa ser completo o suficiente, para não deixar dúvidas sobre essa rota e flexível o bastante para se adaptar às necessidades de aprendizagem dos alunos.

Posteriormente, com a Lei nº 9394/96, que reconhece a devida importância do PPP como eixo central de toda ação escolar, é instituída sua obrigatoriedade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), no artigo 15, concedeu à escola progressivos graus de autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira.

Ter autonomia significa construir um espaço de liberdade e de responsabilidade para elaborar seu próprio plano de trabalho, definindo seus rumos e planejando suas atividades de modo a responder às demandas da sociedade, ou seja, atendendo ao que a sociedade espera dela.

A autonomia permite à escola a construção de sua identidade e à equipe escolar uma atuação que a torna sujeito histórico de sua própria prática. Pensar no processo de construção de um projeto político-pedagógico requer uma reflexão inicial sobre seu significado e importância.

A LDBEN ressalta a importância desse instrumento em vários de seus artigos: No artigo 12, inciso I, que vem sendo chamado o artigo da escola, a Lei dá aos estabelecimentos de ensino a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica. O artigo 12, inciso VII define como incumbência da escola informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica. No artigo 13, chamado o artigo dos professores, aparecem como incumbências desse segmento, entre outras, as de participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino (Inciso I), elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino (Inciso II). No artigo 14, em que são definidos os princípios da gestão democrática, o primeiro deles é a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola.

É bom lembrar que, pela primeira vez no Brasil, há uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que detalha aspectos pedagógicos da organização escolar, o que mostra bem o valor atribuído a essa questão pela atual legislação educacional.

Dessa forma, essa é uma exigência legal, que precisa ser transformada em realidade por todas as escolas do país. Entretanto, não se trata apenas de assegurar o cumprimento da legislação vigente, mas, sobretudo, de garantir um momento privilegiado de construção, organização, decisão e autonomia da escola. Por isso, é importante evitar que essa exigência se reduza a mais uma atividade burocrática e formal a ser cumprida.

Segundo Gadotti,

todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores (1994, p. 579).

Nessa perspectiva, o projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola. Portanto, temos verdadeiros Projetos Político Pedagógicos engavetados, servindo apenas como pró-forma, como documento que serve apenas para garantir o funcionamento da escola.

Fazendo também uma análise dos documentos legais da escola, consultando o Projeto Político Pedagógico da escola da rede estadual de ensino, encontramos um PPP totalmente sem nenhuma preocupação com as tecnologias digitais. Percebe-se apenas uma discreta menção de aparatos tecnológicos que a escola possui, como pode perceber na página 12, do referido PPP, que diz:

6.5- Recursos materiais e tecnológicos disponíveis e sua adequação, móveis, equipamentos e material didático.

Recursos Materiais

- \* Copiadora e mimeógrafo
- \* Televisões
- \* Aparelhos de Dvd`s
- \* Máquinas fotográfica

- \* Videocassetes
- \* Aparelhos de CD`s
- \* Livros informativos, recreativos e didáticos.
- \* Jogos interativos para computador
- \* Mapas históricos e geográficos
- \* Atlas
- \* Fitas de vídeo
- \* Computadores
- \* Impressoras
- \* Retroprojektor
- \* Projetores Multimídia
- \* Data Show

Nesse sentido, neste PPP não há nenhuma preocupação com relação às novas tecnologias da informação e comunicação. Percebe-se que a função do PPP é apenas burocrática, somente um documento que dá um respaldo para o funcionamento da escola.

Quanto à escola da rede municipal de ensino, na análise feita em seu PPP, encontramos um item que fala da informática na página 34 do referido PPP. O PPP desta escola diz:

#### Informática

- Reconhecer o papel da informática na organização da vida sociocultural e na compreensão da realidade, relacionando o manuseio do computador e casos reais, ligados ao cotidiano do estudante, seja no mundo do trabalho, no mundo da educação ou na vida privada;
- Construir, mediante experiências práticas, protótipos de sistemas automatizados em diferentes áreas, ligados à realidade do estudante, utilizando-se, para isso, de conhecimentos interdisciplinares;
- Reconhecer a informática como ferramenta para novas estratégias de aprendizagem, capaz de contribuir de forma significativa para o processo de construção de conhecimento, nas diversas áreas;

- Identificar os principais equipamentos de informática, reconhecendo-os de acordo com suas características, funções e modelos;
- Dominar as funções básicas dos principais produtos de automação da microinformática, tais como sistemas operacionais, interfaces gráficas, editores de textos, planilhas de cálculos e aplicativos de apresentação;
- Conhecer o conceito de rede, diferenciando as globais, como a Internet – que teriam a finalidade de incentivar a pesquisa e a investigação graças às formas digitais e possibilitar o conhecimento de outras realidades, experiências e culturas – das locais ou corporativas, como a Internet, que teriam a finalidade de agilizar ações ligadas às atividades profissionais, dando ênfase ao trabalho em equipe;
- Dominar conceitos computacionais, que facilitem a incorporação de ferramentas específicas nas atividades profissionais.

Neste sentido, percebemos neste PPP da escola municipal uma preocupação com as tecnologias educacionais presentes na unidade Escolar, tendo um longo caminho a percorrer com relação a esses aparatos tecnológicos, que a cada dia defrontamos com novos lançamentos no mercado de aparelhos, os quais facilitam a vida do usuário e isso tem refletido nos ambientes escolares brasileiros.

Percebe-se, também, que a preocupação das escolas com relação às tecnologias e sobre o que eles entendem por tecnologias: apenas o computador e a internet. Estamos nos esquecendo de que existe uma gama de aparatos tecnológicos, que a cada dia invadem as escolas, tais como: o celular, o tablet, o notebook/netebook, a máquina fotográfica, a lousa digital, Datashow, entre outros que ainda podem ser inventados. Neste sentido, a reflexão que se faz com relação as tecnologias educacionais é voltada para o manuseio, sem uma preocupação maior a respeito da importância dos mesmos para o processo ensino-aprendizagem, ou seja devemos refletir sobre esses aparatos tecnológicos.

### **3.3 OS PROFESSORES E SUAS CONCEPÇÕES**

A minha inserção no campo da pesquisa foi de certa maneira um pouco tímida, pois, ainda estava um pouco perdido com relação ao acolhimento dos professores em relação à pesquisa. Nesse sentido, procurei os gestores das escolas pesquisadas, para pedir a sua autorização, a fim de prosseguir com a pesquisa nas escolas escolhidas.



Neste segundo momento, fiz um questionário com doze professores, sendo cinco professores da Rede Estadual de ensino e sete professores da Rede Municipal de Ensino, com uma média de idade de 43 anos, sendo, o/a professor/professora mais novo/nova com trinta e dois anos de idade e o/a professor/professora mais velho/velha com 60 anos de idade. Constatamos também que o tempo médio dos professores/professoras em exercício no magistério são de dezesseis anos, e que o professor/professora mais novo/nova no exercício do magistério é de um ano e o professor/professora mais velho/velha no exercício do magistério são de trinta e cinco anos.

Ainda com este questionário que foi aplicado nessas duas escolas, constatamos que a maioria dos professores é do sexo feminino, perfazendo um total de quatro professores e oito professoras. Nesse sentido, percebe-se que ainda continua feminização da educação básica. Sendo dois professores formados em Letras, dois professores formados em Matemática, dois professores formados em Biologia, um professor formado em Geografia, um professor formado em Educação Física e um professor formado em Física.

Quando questionados sobre a participação deles em alguma formação sobre tecnologias educacionais, eles foram enfáticos garantindo a participação em algum curso de formação, que trata sobre tecnologias educacionais, mas em coro disseram não conhecer a web 2.0. Apenas uma professora disse que nunca participou de nenhum curso de formação que tratam-se das tecnologias educacionais. Todos confirmaram ter e-mails e alguns confirmaram ter conta em rede social, no caso aqui, facebook.

**Figura 3 - Recorte do Facebook – Professores**



A conversa foi ficando interessante e resolvi falar com eles, através de um questionário semiestruturado anexo, a respeito do seu dia a dia de sala de aula, com relação às tecnologias educacionais. Perguntei a eles quais eram as suas dificuldades com relação às tecnologias da informação e comunicação, e obtive as seguintes respostas:

PF1 = *Na verdade, eu não tenho muita intimidade com as novas tecnologias, mas quando necessito usá-las me dou bem.*

PF2 = *No início, a burocracia imperava na escola. Para levar o aluno à sala de tecnologia era necessário preencher papéis, que acho eu, nunca eram lidos. Manusear as máquinas sem auxílio do técnico é moroso e temos apenas alguns minutos por turma. Levar o aluno à sala de tecnologias é trabalhoso, pesquiso sites de acordo com o nível da turma, selecionando-os. A aula deve ser ministrada pelo professor, a complementação para melhor fixação do aluno é mais interessante usando as tecnologias.*

PM1 = *Sim*

PM2 = *Apesar de existir tecnologia disponível na escola, ainda existem muitas dificuldades, pois não temos na escola pública, espaço e equipamento suficientes para todos.*

PF3 = *No início foi um pouco difícil, pois não tinha muito contato com as novas tecnologias.*

PF4 = *As dificuldades estão relacionadas ao funcionamento dos aparelhos, ao cancelamento das aulas por motivo de força maior.*

PF5 = *Quase não temos dificuldades em relação às novas tecnologias, tendo em vista que a maioria dos alunos tem acesso a internet e também à sua disposição a sala multimídia.*

PF6 = *As dificuldades por mim enfrentadas se relacionam às condições e a disponibilidade na utilização da sala de tecnologia.*

PF8 = *Não*

PM3 = *No início, depois consegui assimilar o processo.*

PM4 = *Pouca disponibilidade para ser utilizado.*

Nesse sentido, percebe-se que todos os professores têm algum tipo de dificuldade relacionada com as tecnologias educacionais. Pouco conhecimento e prática com a utilização dos recursos midiáticos, formação insuficiente para utilização dos mesmos, falta de recursos

materiais suficientes que atendam a todos ao mesmo tempo, muita burocracia para a utilização de alguns recursos midiáticos. E isso tem contribuído para que os professores não consigam ter um “bom relacionamento”, ou seja, conhecendo e compreendendo tais recursos para que se apropriem de métodos e técnicas contribuindo com enriquecimento de sua aula com as novas tecnologias da informação e comunicação.

Também conversamos sobre as facilidades que as novas tecnologias da informação e comunicação nos proporcionam; eles disseram o seguinte:

PF1 = *Nunca foi tão fácil encontrar novidades para trabalhar, como agora, por exemplo, eu que trabalho com geografia preciso estar sempre me atualizando, e nada melhor que os recursos midiáticos p/ me auxiliar.*

PF2 = *Desperta maior interesse dos alunos, complementa os conteúdos, fixa-os.*

PM1 = *Não*

PM2 = *Existe facilidades*

PF3 = *A utilização das novas tecnologias, propicia aos alunos realizar atividades e pesquisas diferenciadas, envolvendo a participação de todos, aguçando a imaginação e prendendo a atenção de forma prazerosa.*

PF4 = *As facilidades dizem respeito à agilidade na apresentação da aula, as aulas ficam mais interessantes e atrativas. Facilita para o professor e para o aluno na apresentação dos conteúdos.*

PF5 = *Os alunos têm agendamento para a sala multimídia, onde tem uma professora que nos dá o suporte para trabalharmos os conteúdos programados.*

PF6 = *No meu ver as tecnologias contribuem para o processo ensino aprendizagem porque dinamizam as aulas, tornando-as mais atrativas e conseqüentemente facilitando a aprendizagem.*

PF7 = *.....*

PF8 = *Contribui para o desenvolvimento do trabalho, despertando o interesse do aluno.*

PM3 = *Após a aprendizagem e cursos.*

PM4 = *Sim*

Portanto, ao mesmo tempo em que eles veem dificuldades com relação às tecnologias educacionais, percebem o quanto é importante a utilização das mesmas. Eles reconhecem que as tecnologias educacionais facilitam o trabalho educacional de todos, o quanto é rico navegar na internet em busca de informação e o quanto é prazeroso utilizar as tecnologias educacionais nas aulas, tornando-as prazerosas e divertidas.

Falamos mais sobre os recursos pedagógicos utilizados, sobre a participação dos alunos, sobre o planejamento e sobre o apoio da coordenação, com relação às novas tecnologias da informação e comunicação.

PF1 = *Livros didáticos, vídeos e a internet. Vamos dizer que é boa, na maioria das vezes eu obtenho resultado esperado. Eu avalio e considero como importante o uso da internet para realização de atividades e pesquisas pelo educando. Nenhum.*

PF2 = *Sites especializados, filmes, livros, textos, etc. A maioria adora fugir da rotina diária da sala de aula (professor e aluno), mas de forma produtiva. Na minha opinião, continua sendo uma burocracia, não há papéis, mas há uma tela de computador que deve ser preenchida o mais belo possível, sem erros, o mais perfeito possível. Tudo isso é horrível para o professor, demora-se mais tempo planejando do que cumprindo. Nunca o planejado foi realmente efetivado nas datas propostas, professor e aluno, não são máquinas. Planejar é necessário, diariamente, com modificações que levam a um melhor ensino, tudo depende do professor e aluno. A coordenação da nossa escola (2013) deve estar sobrecarregada, muita burocracia, muitos papéis a serem preenchidos, são professores que chegam ou saem, novos horários são produzidos, etc. Isso afeta o lado simples e prático da Escola, os recursos tecnológicos estão disponíveis, cada um (professor) que corra atrás. Esqueci de citar, que a coordenação responde pelos alunos indisciplinados, fazendo papel de inspetor de aluno.*

PM1 = *Sim. Sim. Sempre que preciso usar a S.T.E. Conto com apoio da gerente do PROJETEC. Sim*

PM2 = *Livro didático, filmes e documentários, recursos disponíveis na internet em geral. Os alunos participam com muito interesse quando usamos recursos tecnológicos mais avançados. A coordenação costuma apoiar e incentivar o uso de tecnologias que buscam dinamizar o ensino e aprendizagem.*

PF3 = *Data show, sala de tecnologia, sala de projeção, giz, quadro negro, sala de leitura. Os alunos gostam de trabalhar de maneira diferenciada. A experimentação de novos recursos é muito importante para a aprendizagem dos mesmos. As novas tecnologias servem*

*como suporte, um apoio para o desenvolvimento do aluno. Isso faz com que a aprendizagem ocorra de forma significativa. Todas as vezes que solicitei o apoio da coordenação, fui atendida da melhor maneira possível.*

*PF4 = Computador, Internet, Datashow, TV, DVD. Participam razoavelmente nas aulas com o uso de quadro e giz. Participam melhor quando é para ir no laboratório de informática, porque pedem para poderem participar de algum jogo ao terminarem as atividades da aula. O planejamento não foge dos planos de aula é preciso listar o conteúdo, as habilidades, a metodologia, os recursos, a avaliação, o número de aulas, etc. O apoio da coordenação é o mesmo com relação ao trabalho em sala de aula. O que pode fornecer. Procura auxiliar na disciplina, no interesse dos alunos e com algum material extra.*

*PF5 = Ainda utilizamos a lousa, usamos mapas, livros didáticos, textos. Os alunos são participativos, interessados, são um grupo de alunos que têm metas para o futuro. A participação assídua do aluno na área de tecnologia, tendo em vista de que eu como professora ainda estou "gatinhando" para esses novos desafios que a cada dia surgem, mas que, com muita garra e determinação tenho certeza de que irei superá-los. A coordenação, sempre atende quando solicitamos algumas sugestões para trabalharmos nessas atividades tecnológicas.*

*PF6 = Todos os recursos oferecidos pela escola são ótimos e disponíveis para a utilização. A participação dos alunos quando envolve tecnologia torna-se maior e com melhores resultados nas avaliações. O planejamento deve conter mais elementos tecnológicos como a utilização de vídeos e simuladores disponíveis na web. O apoio pedagógico é eficiente, mas necessita de uma melhor organização, facilitando a rotatividade de professores na sala de tecnologias.*

*PF7 = Não há dificuldades com as novas tecnologias, pois a escola dispõe de salas para pesquisa, como sala de informática e vídeo. Os professores responsáveis por essas salas passam por capacitação, nos dando maior apoio em caso de dúvidas. Os alunos gostam de fazer pesquisas nessas salas, acho que sai um pouco da rotina de estudar somente em sala de aula.*

*PF8 = Data show, home theater, caixa de som, tv e dvd e computador. Total. São considerados todos os recursos já citados. É total principalmente da gerenciadora da sala de informática, professora Elzita que está sempre disposta ajudar.*

PM3 = Vídeos, mapas, literaturas variadas. Os alunos aumentaram gradativamente a participação. A inserção do conteúdo no contexto midiático. No início foi complicado depois houve uma relação de estreitamento e tolerância.

PM4 = Vídeo trabalhos, vídeo aula, trabalho em grupo. Fraca. Vídeo aula, trabalhos de interatividades. No possível sendo falho no acesso ao recurso de xerox para apostilas.

Enfim, os professores e professoras pesquisados nestas duas escolas públicas passam as mesmas facilidades e dificuldades com relação às novas tecnologias da informação e comunicação. Percebe-se que a prática de todos ainda é quadro negro e giz, mas que de uma maneira um pouco tímida essa situação está sendo modificada, não por força de uma resolução ou normatização e sim por força do meio, em que os professores e todos da comunidade escolar estão sendo envolvidos pelas tecnologias educacionais.

Os dispositivos tecnológicos para a interação ser humano-máquina são incorporados à vida humana como uma segunda natureza. A história, a economia, a política, a cultura, a percepção, a memória, a identidade e a experiência estão todas elas hoje mediadas pelas tecnologias digitais. Estas penetram em nosso presente não só como um modo de participação, mas como um princípio operativo assimilado à produção humana em todas as suas áreas. (SANTAELLA, 2010, p. 33).

De acordo com (SANTAELLA), os aparatos tecnológicos estão incorporando na vida de todos, que está cada vez mais difícil desassociar as máquinas de nosso cotidiano. Por isso, os professores e professoras, acima citados, estão incorporando gradativamente as tecnologias digitais em suas práticas docentes diárias, utilizando-as de maneira responsável.

De acordo com Santaella (2010), estamos vivendo num mundo onde passamos do status de "estar conectado" para "ser conectados", e isso vai mexer profundamente com a nossa perspectiva de educar nesse status, pois a evolução das coisas serão bastante rápidas e se nós professores não ficarmos atentos a isso, sofreremos graves consequências. Pois a web 2.0 requer sujeitos que ressignificam a sua postura enquanto professor e passem a dialogar com seus pares.

Essa é a perspectiva de uma educação intercultural, uma educação voltada para o diálogo. Nessa perspectiva, tanto Candau (2010) quanto Fleuri (2001) concebem a educação intercultural crítica, que promove uma educação para o reconhecimento do "outro", para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação voltada para a negociação cultural. Uma educação capaz de favorecer a construção de um projeto comum,

pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas, configurando-se como uma pedagogia do encontro, até suas últimas consequências. E o educador, nesse sentido, é propriamente um sujeito que se insere no processo educativo de um grupo e interage com os outros sujeitos.

Outra situação, bastante intrigante, é com relação à interculturalidade da cultura digital, ou seja, a invasão das novas tecnologias de informação e comunicação dentro da escola. Como vamos pensar numa educação intercultural permeada pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

Segundo Moran (2000, p.11)

Todos estamos experimentando que a sociedade está mudando nas suas formas de organizar-se, de produzir bens, comercializá-los, de divertir-se, de ensinar e aprender. O campo da educação está muito pressionado por mudanças, assim como acontece com as demais organizações.

Nesse sentido, os professores e professoras das escolas brasileiras empenhados e esperançosos em uma educação brasileira de qualidade, devem primar pelo seu aperfeiçoamento em busca de novas ideias, pois o mundo hoje em dia está rodeado por tecnologias e a cada dia surgindo novas tecnologias, com isso, o professor/professora não tem como dizer “não é comigo”, “sou das antigas”, frases que já não cabem mais no repertório escolar.

“As práticas educacionais como ocorrem nas escolas devem ser repensadas, e a escola deve ter o papel de desmistificar a linguagem tecnológica e iniciar seus alunos ao domínio de seu manuseio, interpretação e criação”, conforme diz Sampaio e Leite (1999, p.17), por isso a possibilidade da web 2.0 como entendimento de criação e não passividade tanto do professor quanto do aluno, possibilitando uma educação nos moldes da web 2.0.

O papel do professor num ambiente de aprendizagem, permeado pelo computador, é determinante para o sucesso da tarefa proposta, pois ele precisa ajudar o aluno a explicitar o problema que está sendo tratado. Conhecendo o aluno, compreendendo a forma como ele pensa, incentivando diferentes níveis de descrição e reflexão, facilita a depuração e incentiva as relações sociais.

Faz-se necessário falar a respeito da representação do docente com relação às novas tecnologias digitais, sua visão e opinião a respeito de como eles são vistos em sala de aula e como essas tecnologias podem ajudar o professor a mudar o cenário brasileiro, com uma educação de primeiro mundo.

Durante os anos de 2012 e 2013, período que cursei as disciplinas do PPGE da UCDB, na linha Diversidade Cultural e Educação Indígena, e principalmente nos momentos de aulas nas disciplinas de Interculturalidade e Educação Escolar e Formação do Professor Para Uma Realidade Intercultural, que eu passei a adquirir alguns conhecimentos que se fizeram necessários para a compreensão da representação<sup>14</sup>. Dentre eles, os Estudos Culturais.

Mas afinal, o que são estudos Culturais? Estudos Culturais são estudos sobre a diversidade dentro de cada cultura e sobre as diferentes culturas, sua multiplicidade e complexidade. São, também, estudos orientados pela hipótese de que entre as diferentes culturas existem relações de poder e dominação que devem ser questionadas.

Mas para que isso ocorra é necessário que sejam questionadas as relações de poder que se manifestam nas atitudes preconceituosas e excludentes em relação às mulheres, diferentes aparências físicas, formas de orientação sexual e contra as etnias e raças de origem não-europeia, bem como as tecnologias quando apresentadas aos professores.

Segundo Hall (1997 p. 3),

[...] é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano.

O professor e o aluno ao mesmo tempo em que conseguem entender o que significam as tecnologias dentro da escola como algo inovador, que vá contribuir tanto no ensino quanto no aprendizado. Por outro lado, eles acabam caminhando em sentido contrário, pois o professor vai ter uma visão negativa e o aluno com uma visão positiva de todas as tecnologias, que estão chegando às escolas por todo Brasil.

Segundo Silva (2000), é pelo conceito de representação que expressamos a identidade como “significado – culturalmente e socialmente atribuído”, ou seja, a “representação como um sistema de significação”, ou, ainda, como a “marca ou traço visível,

---

<sup>14</sup> Derivação fem. sing. de representar. Representação: *s. f.*, Exposição, exibição. Quadro, escultura ou gravura que reproduz uma coisa ou pessoa. Exposição verbal ou escrita do que temos na mente. Observação feita em termos persuasivos. Reclamação em que se fundamentam os direitos ao que se pede. Récita. Tratamento; ostentação inerente a um cargo. Corporação dos representantes de uma nação. Representar – Conjugação: *v. tr.* Patentear, revelar, mostrar. Reproduzir pela pintura, escultura, gravura, etc. Trazer à memória, significar, simbolizar. Expor (por meio de representação). Ser mandatário, procurador, embaixador ou agente de. Fazer as vezes de. Figurar, parecer ter. Pôr em cena. Ter na peça um papel. *v. intr.* Dirigir uma representação *a.* Fazer um papel. *v. pron.* Figurar-se. (dicionário)



exterior”, “uma forma de atribuição de sentido”, como um “sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder”.

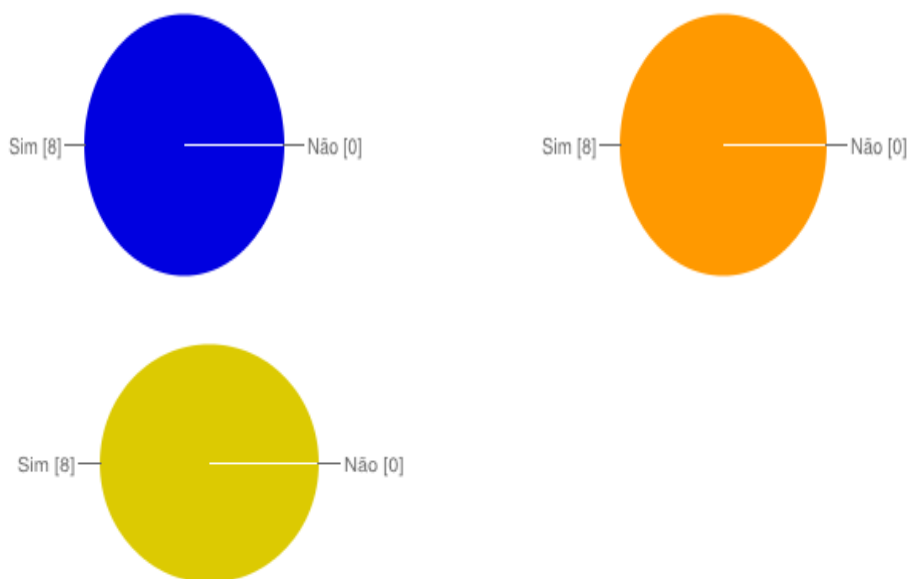
As representações podem ser pensadas como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”(CHARTIER, 1990, p. 187).

Interessa, nessa pesquisa, entender o dizer, o falar ou mesmo o pensar dos professores sobre as tecnologias educacionais, principalmente o computador e a internet, os alunos, sabendo que tanto um quanto o outro não está livre de entrar em contato com as tecnologias.

Confesso para vocês que fiquei bastante atordoado com o que ouvi, vi dos professores e alunos sobre a sua prática diária com relação ao uso das tecnologias em sala. Sobre os seus procedimentos a respeito de alguns aparatos tecnológicos. Trabalhando neste terceiro momento com um questionário via google.drive, com os professores das duas escolas pesquisadas.

Comecei esse questionário com perguntas básicas, como: Você tem interesse em discutir sobre as tecnologias educacionais? Você tem computador em casa? Você tem celular? Seu celular possui câmera fotográfica? Obtendo as seguintes respostas:

**Gráfico 1: Aparelhos tecnológicos**

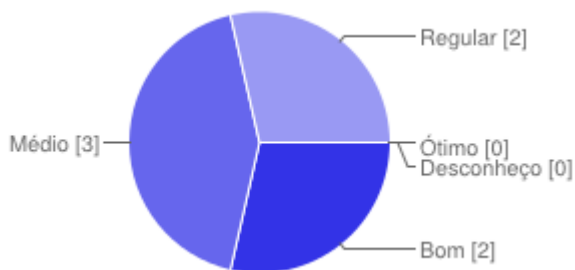


**Fonte: Questionário**

De acordo com os gráficos apresentados, em que todos se mostraram favoráveis às perguntas acima, isso nos mostra claramente que o professor está cada vez mais antenado com as questões tecnológicas que cerca o mundo moderno. Ele, o professor, tem acesso, sabe manusear e sempre quer estar atualizado, adquirindo novos lançamentos de aparatos tecnológicos, mas ainda não sente seguro em trabalhar em sala de aula utilizando as tecnologias digitais.

Outra situação que comecei a indagar-me foi com relação às seguintes perguntas: Como você avalia seu conhecimento sobre os seguintes programas: Word, Excel, Power Point, Media Player, Internet Explorer, Redes Sociais? Você faz parte de alguma rede de relacionamentos? Caso sim, quais?

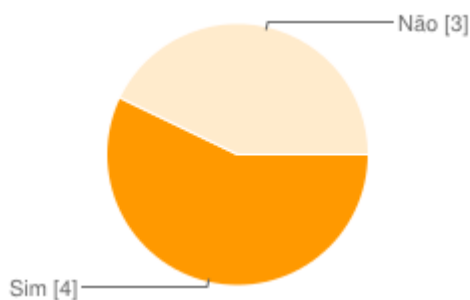
**Gráfico 2: Software**



**Fonte: Questionário**

Ótimo	<b>0</b>	0%
Bom	<b>2</b>	29%
Médio	<b>3</b>	43%
Regular	<b>2</b>	29%
Desconheço	<b>0</b>	0%

**Gráfico 3: Participação em rede social**

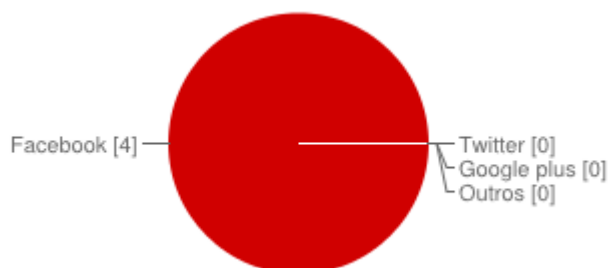


**Fonte: Questionário**

Sim	<b>4</b>	57%
-----	----------	-----

Não 3 43%

**Gráfico 4: Rede social**



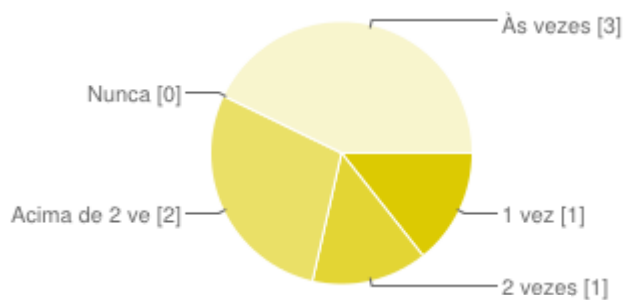
**Fonte: Questionário**

Facebook	<b>4</b>	100%
Twitter	<b>0</b>	0%
Google plus	<b>0</b>	0%
Outros	<b>0</b>	0%

Com relação ao office, internet e redes sociais percebemos que o conhecimento dos professores é moderado, necessitando de melhor aprofundamento, para poder ter uma boa desenvoltura com os alunos. E com relação às redes sociais eles dividiram, pois 57% disseram que participam de alguma rede social, e outros 43% disseram que não participam de nenhuma rede social, e 100% disseram que a rede social que participam é o facebook.

Fiz a seguinte pergunta aos professores: Você tem interesse em aprender sobre o quê, quando o tema é tecnologia educacional? E as respostas que obtive me deixou ainda mais intrigado com o que o professor está pensando. Respostas como: "a lidar com data show", "Utilizar recursos de vídeo para tornar as aulas mais interessantes", "todos", "Novidades, assuntos atuais", "produção de vídeos", "power point", respostas que nos levam a pensar que, os professores ainda não deram o devido valor para as tecnologias.

Questionei aos professores quantas vezes na semana utilizam as novas tecnologias da informação e comunicação em seu planejamento, eles me disseram o seguinte:

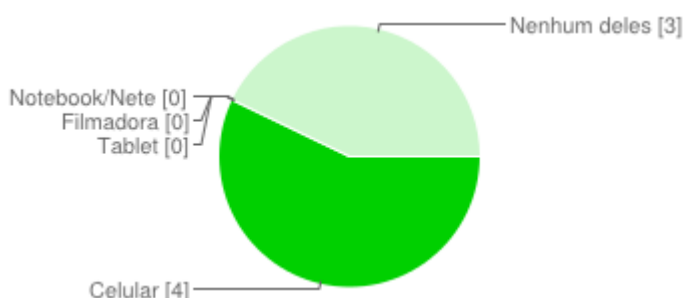
**Gráfico 5: Utilização do recurso**

Fonte: Questionário

1 vez	1	14%
2 vezes	1	14%
Acima de 2 vezes	2	29%
Nunca	0	0%
Às vezes	3	43%

Analisando as respostas apresentadas neste gráfico, percebe-se que a maioria dos professores ainda não atentaram para as mudanças que estão ocorrendo na sociedade com relação às tecnologias, pois 43% dos professores disseram que às vezes usam alguma tecnologia como recurso em sala de aula.

Outra situação bastante preocupante é com relação ao dispositivo móvel, conhecido como celular, perguntei o seguinte aos professores: Em sala de aula, você proíbe o quê? E eles responderam:

**Gráfico 6: Proibição do recurso**

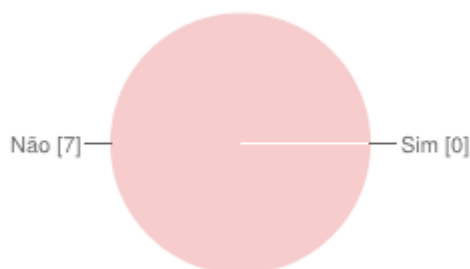
Fonte: Questionário

Celular	4	57%
Notebook/Nete	0	0%
Filmadora	0	0%
Tablet	0	0%
Nenhum deles	3	43%

Confirmando as minhas expectativas, a maioria disse que proíbe o celular em sala de aula, bem como a própria escola restringe esse tipo de tecnologia dentro da escola, sem a devida orientação de tal proibição.

E por último, e não menos importante, perguntei se eles conheciam a web 2.0?

**Gráfico 7: Termo web**



**Fonte: Questionário**

Sim	<b>0</b>	0%
Não	<b>7</b>	100%

E de acordo com esta resposta, ficou evidente que os professores responderem que não conhecem a web 2.0, simplesmente por uma questão de nomenclatura, e que no fundo do seu fazer pedagógico eles acabam aplicando algum fazer da web 1.0, 2.0 e 3.0, pois vivemos um mundo informatizado e globalizado.

### **3.4 OS ALUNOS E SUAS CONCEPÇÕES**

Quanto aos alunos pesquisados das escolas Pedro Paulo de Medeiros(PPM) e Julia Gonçalves Passarinho(JGP), foi bastante interessante e prazerosa. Primeiramente, após reunião em sala de aula com os alunos, passei a interagir com os mesmos via chat na plataforma do facebook. E isso me motivou ainda mais continuar com a pesquisa, como veremos a seguir, na sequência de conversas realizadas com os alunos de ambas as escolas. Foram vários dias de conversas, trocando ideias e colhendo informações para a pesquisa com os alunos das duas escolas.

Figura 4 – Chat 1



Fonte: Facebook

Figura 5 – Chat 2



Fonte: Facebook

Figura 6 – Chat 3



Fonte: Facebook

Figura 7 – Chat 4



Fonte: Facebook

Figura 8 – Chat 5



Fonte: Facebook

Figura 9 – Chat 6



Fonte: Facebook



Nesse sentido, a interação posta acima só confirmam algumas suspeitas com relação à participação dos alunos em querer ajudar, interagir, comunicar. E isso Piaget (2010) é bastante atual, conforme ele diz:

Em suma, a imagem, o filme, os processos audiovisuais de toda pedagogia que quer passar por moderna, em nossos dias, nos enchem os ouvidos, são preciosos auxiliares, mas a título de adjuvantes ou de apoios espirituais, e é claro que estão obviamente em progresso com relação ao ensino puramente verbal. Mas existe um verbalismo da imagem, assim como existe um verbalismo da palavra, e, confrontados com os métodos ativos, os métodos dos intuitivos [baseados em imagens] apenas substituem – embora esqueçam o primado irredutível da atividade espontânea e da pesquisa pessoal ou autônoma da verdade – o verbalismo tradicional pelo verbalismo mais elegante e mais refinado (PIAGET, 2010, p. 66 – 67).

De acordo com Mattar (2013), a educação fundada na imagem (cujas origens ele localiza na Gestalt), essencial quando pensamos nos ambientes virtuais multimídia, ressoam com muita propriedade ainda hoje, quase 50 anos depois. Por isso, esse mundo virtual é bastante, nos moldes de hoje, aceito pelos nossos estudantes.

Piaget entende que o processo de aprendizagem envolve transformação e construção da realidade por parte do sujeito, sendo por isso também classificado como construtivista (MATTAR, 2013), e também colaborativa.

Nesse sentido, o trabalho feito com os alunos das duas escolas pesquisadas foi bastante produtivo, com relação à compreensão do mundo dos adolescentes escolares. O trabalho feito com a ferramenta facebook, onde criei uma comunidade nesta plataforma para a minha interação com os alunos do 9º ano das referidas escolas. Essa comunidade intitulada Entre Lugares possui 40 membros ativos, alunos pertencentes às escolas pesquisadas.

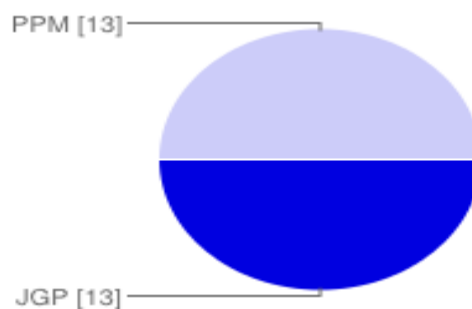
**Figura 10 – Recorte do Facebook – Alunos**



Fonte: [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

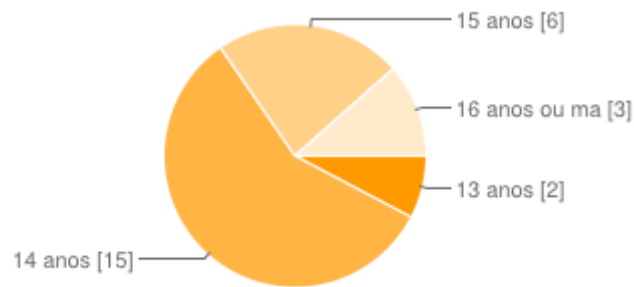
Depois da interação via chat no facebook, trabalhei via google.drive, fiz um questionário, que foi enviado para os alunos dessa comunidade, sendo as suas respostas as seguintes:

**Gráfico 8: Identificação**



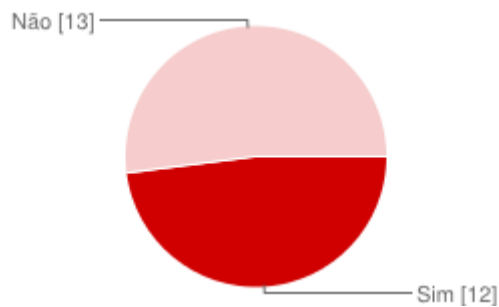
Fonte: Questionário

Sendo JGP 13 50% e PPM 13 50% do total deste universo dessa comunidade.

**Gráfico 9: Faixa etária**

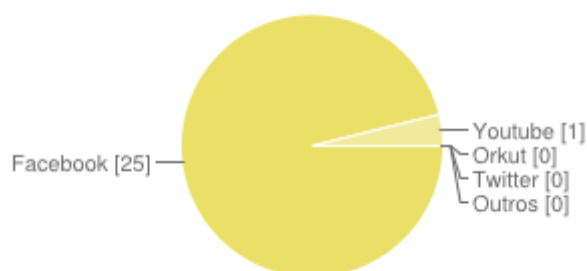
**Fonte: Questionário**

13 anos (2) 8%, 14 anos (15) 58%, 15 anos (6) 23% e 16 anos ou mais (3) 12%, logo percebe-se que a maioria está na sua faixa etária certa para o 9º do ensino fundamental.

**Gráfico 10: Termo WEB 2.0**

**Fonte: Questionário**

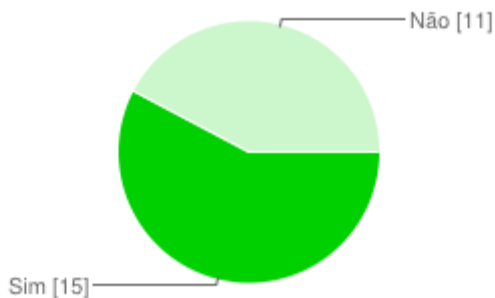
Com relação a web 2.0, perguntei se eles conheciam, obtive a seguinte resposta: Sim (12) 48%, Não (13) 52%. Nesse sentido, eles ainda não compreendem o termo da web 2.0, mas entendem que a web 2.0 é a que o mundo vive hoje, centrada nos mecanismos de busca como Google e nos sites de colaboração do internauta, como Wikipedia, YouTube e os sites de relacionamento social, como o Facebook e Twitter.

**Gráfico 11: Rede social**

**Fonte: Questionário**

Orkut (0) 0%, Twitter (0) 0%, Facebook (25) 96%, Youtube (1) 4% e Outros (0) 0%, nesse gráfico só pude confirmar o que eu já esperava, a maioria faz parte da rede relacionamento facebook.

**Gráfico 12: Navegar na web**



**Fonte: Questionário**

Neste caso perguntei se quando estavam na escola, costumavam acessar a sua rede social, e obtive as seguintes respostas: Sim (15) 58%, Não (11) 42%. No caso das respostas negativas, eles responderam o seguinte:

Aluno 1: *pq não pode*

Aluno 2: *estamos em aula só na hora do recreio ou na entrada*

Aluno 3: *Pq a escola é lugar de estudar e aprender e também brincar mas n mexer em celular*

Aluno 4: *por que eu vou na escola para estudar não entrar nas redes sociais*

Aluno 5: *Porque não pode. segundo os professores*

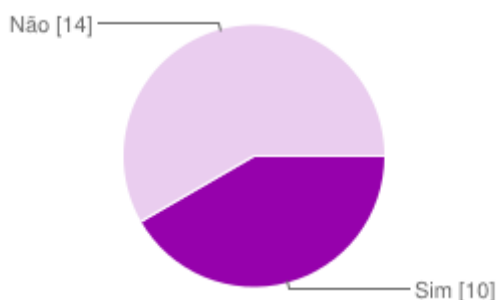
Aluno 6: *a net da escola é muito lenta.*

Aluno 7: *porque eu vou para estudar e não ficar no facebook.*

Aluno 8: *por que a lugar da escola é pra estudar não entrar em redes sociais.*

Aluno 9: *porque não dá*

Aluno 10: *porque a escola é um lugar aonde vou para estudar.*

**Gráfico 13: Navegar na web**

Fonte: Questionário

E quando você está dentro da sala de informática, você acessa a sua rede social? Sim (10) 42%, Não (14) 58%. Os que responderam justificaram as suas respostas das seguintes maneiras:

Aluno 1: *pq não pode*

Aluno 2: *porque eu tenho medo da minha senha ficar gravada .*

Aluno 3: *Porque não pode*

Aluno 4: *não pode*

Aluno 5: *por que a professora não deixa*

Aluno 6: *só quando é algo sobre o grupo*

Aluno 7: *porque os professores levam a gente para outro tipo de coisa, tipo leva a gente para pesquisas trabalhos..*

Aluno 8: *porque a professora não deixa*

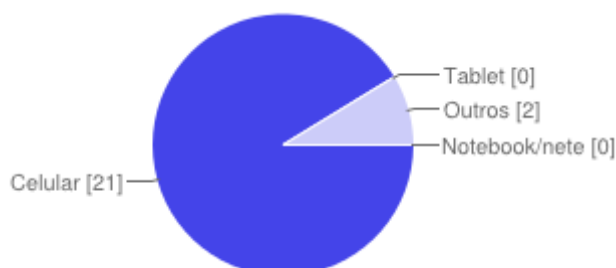
Aluno 9: *Porque não pode. Segundo os professores*

Aluno 10: *Porque a professora não deixa*

Aluno 11: *por que não podi*

Aluno 12: *É proibido*

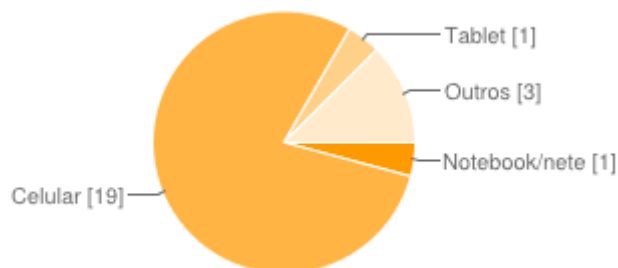
Aluno 13: *poraue não pode*

**Gráfico 14: Restrição de uso**

Fonte: Questionário

Em sala de aula, o professor proíbe o uso ou o manuseio de que aparato tecnológico? Notebook/netebook (0) 0%, Celular (21) 91%, Tablet (0) 0% e Outros (2) 9%. Todos foram unânimes em responder que o celular é a bola da vez em proibição dentro da escola.

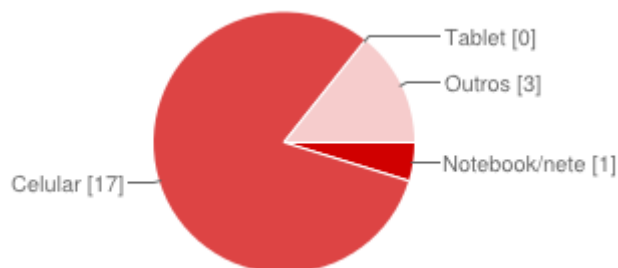
**Gráfico 15: Restrição de uso**



**Fonte: Questionário**

Na escola é proibido o uso ou o manuseio de que aparato tecnológico? Notebook/netebook (1) 4%, Celular (19) 79%, Tablet (1) 4% e Outros (3) 13%. Agora na escola como um todo é proibido o uso do celular.

**Gráfico 16: Restrição de uso**



**Fonte: Questionário**

Na sala de informática é proibido o uso ou o manuseio de que aparato tecnológico? Notebook/netebook (1) 5%, Celular (17) 81%, Tablet (0) 0% e Outros (3) 14%. Nesse sentido em todos os ambientes da escola é proibido o uso ou manuseio dos dispositivos móveis que a maioria dos alunos devam ter, não só os alunos bem como, os professores, os coordenadores, a direção, o pessoal da secretaria escolar, o pessoal da cozinha e o pessoal da manutenção, com certeza, possuem algum tipo de dispositivo móvel. Por isso questiono, por que só para os alunos é proibido ter este dispositivo móvel em mãos.

Com relação à sala de informática, pode acessar qualquer site, ou tem restrições? Quais? Foram os questionamentos que eu trabalhei com os alunos nessa comunidade criada no facebook, e obtive as seguintes respostas:

Aluno 1: *Não apenas as atividades dos professores*

Aluno 2: *acho que pode acessar qualquer site sim..*

Aluno 3: *não pode acessar*

Aluno 4: *Não*

Aluno 5: *não pois não deixam tem que acessar oque eles pedem*

Aluno 6: *não , só alguns ! de acordo com o que o professor pede !*

Aluno 7: *não*

Aluno 8: *Não, pois só vamos de vez enquanto a sala e quando vamos somos totalmente monitorados e não deixam a gente acessar nada além do assunto que eles mandam*

Aluno 9: *não pode entrar no facebook*

Aluno 10: *não nós só entramos no que eles mandão*

Aluno 11: *naum. São proibidas as redes sociais*

Aluno 12: *só podemos entrar em sites ditos pelos professores*

Aluno 13: *site de pesquisa*

Aluno 14: *não, só site escolar*

Aluno 15: *nojojais*

Aluno 16: *Em sala de informática não pode entrar em REDE social e muito menos em jogos violentos ou assuntos de maiores de 18 anos, só pode pesquisar e ver jogos educativos.*

Aluno 17: *Temos que acessar só o que nos pedem*

Aluno 18: *só podemos acessar sites recomendados pelos professores.*

Aluno 19: *Acho q as redes sociais n podem ser acessadas*

Aluno 20: *não*

Aluno 21: *Pode-se usar apenas o que a professora pede, redes sociais, são proibidos.*

Aluno 22: *tem restrições. Não pode entrar no face e nem jogar jogos*

Aluno 23: *Não, não pode. Não é permitido.*

O que podemos perceber é que tudo é proibido para o aluno e isso nos leva a pensar, por que é tudo proibido para o aluno? Será que é negada à sua formação a plena liberdade de escolha? Nesse sentido, precisa tomar rumos mais claros com relação a essas tecnologias que estão chegando às nossas escolas brasileiras, para que possamos fazer reflexões acerca disso.

Fazendo uma comparação com a mitologia grega, o fogo de prometeu, que dizia que o deus que lutou pelo bem estar dos homens, inclusive dando-lhes o fogo. Descendente dos titãs, destronado por Zeus, chegou à terra e descobriu-a abandonada pelos céus, habitada por plantas e animais, mas faltava a criatura que fosse o senhor da terra. Por isso, apanhou um bocado de argila e molhou com um pouco de água de um rio e com essa massa fez o homem, à semelhança dos deuses, e pegou as almas boas e más dos animais, animando sua criatura. Atena, deusa da sabedoria, admirou a criação do filho dos titãs e soprou naquela imagem de argila o espírito divino. Assim surgiram os primeiros seres humanos, que logo povoaram a terra, mas faltavam-lhes os conhecimentos sobre os assuntos da terra e do céu e vagavam sem saber a arte da construção, da agricultura, da filosofia. Ele se aproximou e ensinou às suas criaturas todos esses segredos da inteligência e todas as artes necessárias ao desenvolvimento da humanidade. Como último dom para que pudessem manter-se vivos, deu-lhes o fogo, que ele roubara da carruagem de Febo, o Sol. Zeus, porém, irritou-se ao ver que o homem possuía o fogo contra sua vontade e criou Pandora para desenvolver sua vingança. Depois de mandar Pandora para sua vingança contra a humanidade, Zeus dirigiu então sua fúria contra o titã, mandando que Hefesto e seus serviçais Crato, o poder e, Bia, a violência, acorrentarem o titã a um despenhadeiro do monte Cáucaso. Mandou ainda uma águia para devorar diariamente o seu fígado que, por ser ele um titã, sempre se regenerava. Seu sofrimento durou por numerosas eras, até que Hércules passou por ali e viu o sofrimento do gigante. Abateu a gigantesca águia com uma flecha certa e libertou o cativo das suas correntes. Entretanto, para que Zeus tivesse sua vontade cumprida, o gigante passou a usar um anel com uma pedra retirada do monte. Assim, Zeus poderia sempre afirmar que ele mantinha-se preso ao Cáucaso.



Nesse sentido, os alunos tem que permanecer sem o "fogo", que aqui bem cabe dizer que esse fogo nada mais é que conhecimento e cabe dizer que o detentor maior desse conhecimento, em sala de aula, é o "professor", sendo assim, o professor não iria gostar de ver que não é apenas ele o senhor do conhecimento, que seus alunos, principalmente aqueles alunos que vivem conectados e dominam as novas tecnologias com mais facilidade, são os novos detentores dos "saberes".

Outra coisa que observei, e que aparece constantemente nas nossas conversas é forma como esses alunos se comunicam. O repertório de palavras adotadas em comunicações via Internet apropriou-se de significados tradicionais da língua, deu-lhes novos sentidos, introduziu estrangeirismos e neologismos de forma contínua e dinâmica, de tal forma que muitos deles já constam nos dicionários mais utilizados da língua portuguesa; por exemplo as palavras "site", "deletar", "ciberespaço" e "link". E esses internautas, cada vez mais ávidos por simplificação e praticidade, foram mais além: palavras vêm sendo abreviadas, privilegiando a informação em si mesma, em processos onde apenas uma ou duas letras são suficientes para o entendimento do conteúdo da mensagem, por exemplo, "kd vc?"(cadê você?).

De acordo com alguns especialistas em estudos da linguagem, estes encaram o internetês como uma variedade de língua, como tantas outras. Segundo Possenti (2006. P. 24) "uma coisa é a grafia, outra, a língua. Não há linguagem nova, só técnicas de abreviação. As soluções gráficas são até interessantes, pois a grafia cortada é a vogal". Desta forma, as abreviações trariam soluções práticas, com intuito de agilizar a comunicação.

A primeira vista, à luz da escrita formal, percebemos que algo está errado, mas fazendo uma nova leitura, percebemos que está havendo uma comunicação entre si, mesmo com algumas palavras erradas, ou mesmo a falta de palavras nas frases. Segundo Mercado (2010, p. 80) diz que:

Se você tem mais de 40 anos, não convive com adolescentes, nem é adepto de blog, Orkut, Twitter, salas de chat deve desconhecer a linguagem que a maioria dos jovens utiliza no seu dia-a-dia. O internetês é uma linguagem surgida em meados do final do século XX em ambientes virtuais, baseada na simplificação, na abreviação ou na supressão de letras em palavras, utilizadas nos enunciados da comunicação interpessoal.

Essa linguagem é oriunda da familiarização dos jovens com a proliferação das tecnologias digitais. Nesses espaços interativos, os usuários se comunicam por meio de enunciados rápidos e criativos, criando signos com menos letras para interlocução, adicionando desenhos à escrita. E isso tem causando grandes conflitos de relacionamento

entre os professores e os alunos, quando eles se comunicam na virtualidade. Por isso, para os professores com relação aos alunos internautas, tudo é negado e tudo é criticado quando se trata das novas tecnologias da informação e comunicação. Cabe abrir uma discussão a respeito dessa comunicação, aluno x professor, na internet, para que não haja conflito e que ambos possam entender-se.

## CONSIDERAÇÕES IN/FINAIS

Não quero aqui esgotar, e nem pretendo, todas as possibilidades de reflexões acerca das tecnologias educacionais. A intenção é sempre levantar um ponto de interrogação sobre tudo se que apresenta à escola, com intuito de mudanças, melhorando o processo ensino x aprendizado.

Penso que a proposta inicial das salas de informática nas escolas públicas no município de Corumbá, teve a intenção para que houvesse alguma mudança na prática do professor e um melhoramento na aprendizagem do aluno; hoje em dia, essas salas ainda permanecem com pouco uso e as mudanças aceleradas na era da informação fazem com que as referidas salas permaneçam estáticas. Se a proposta era a utilização dos recursos midiáticos que estejam conectados nas salas já não têm efeito, pois podemos estar conectados em qualquer lugar, sem precisar de um lugar específico, o entre lugares da conexão.

Percebe-se também com relação ao regimento interno das escolas em questão, que não há uma preocupação com relação às novas tecnologias da informação e comunicação, no caso, com relação aos diversos aparatos tecnológicos, que podem conectar-se à internet. A reflexão a este respeito ainda está aquém das reais necessidades desse novo fazer pedagógico.

Outra coisa que bastante me chamou a atenção é com relação ao Projeto Político Pedagógico(PPP) das escolas em que eu trabalhei, que em nenhum momento se faz uma referência em relação as tecnologias digitais, dentro do processo ensino aprendizagem.

E, de acordo com a fala dos professores, percebemos que todos têm alguma perspectiva de mudança. Precisa-se de políticas públicas educacionais, voltadas para uma formação que contemple as tecnologias pulsantes nas escolas brasileiras.

As avaliações da tecnologia e de suas repercussões no contexto social precisam seguramente tomar rumos mais claros e intensos nas atividades didáticas. Discussões sobre as tecnologias tornaram-se permanentes, na maioria das instituições de ensino do mundo, realçando a pertinência e reforçando a necessidade dessa reflexão nas escolas brasileiras, a respeito do uso de ferramentas tecnológicas. Educar na sociedade digital não é apenas ensinar como usar os aparatos tecnológicos no ambiente escolar, mas posicionar-se criticamente em relação a esses dispositivos, especialmente num contexto social em que os discursos ressaltam

a necessidade de indivíduos adaptáveis, conectados e disponíveis para lidar com a rapidez na fluência de informações, tornando-se parte delas.

Com relação aos alunos trabalhados no chat, no mural da comunidade e questionários via google.drive, percebe-se uma intimidade bem maior com as tecnologias digitais, pois eles passam a maior parte do seu tempo em contato com essas tecnologias. Esses alunos estão sempre buscando novas informações, querendo estar sempre um passo à frente.

A pesquisa demonstra que há um grande avanço no campo legal, com relação ao uso das tecnologias pelos professores e alunos, como um recurso a mais na produção do ensino e conhecimento. Entretanto, há grandes desafios a superar rumo à construção de uma educação que contemple todas as formas de ensinar e aprender valendo-se de todos os recursos disponíveis que a sociedade moderna oferece.

Conclui-se que o uso dos recursos tecnológicos tem se tornado necessário à participação do indivíduo na sociedade atual, no mercado de trabalho e também nos diferentes grupos sociais e culturais. Esta necessidade está se refletindo na comunidade escolar e em especial no meio acadêmico, uma vez que o setor educacional está sendo estimulado e cobrado a investir na inserção destes instrumentos tecnológicos nas práticas pedagógicas, visando preparar os alunos para interagirem no novo cenário social.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **Informática e Formação de Professores**. Brasília: Parma, 2000.

AMÂNCIO, Lázara N. B. **Ensino de leitura na escola primária de Mato Grosso: contribuição para o estudo de aspectos de um discurso institucional do século XX**. Marília: 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Unesp/Marília.

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. **Apontamentos metodológicos iniciais sobre a netnografia no contexto pesquisa em comunicação digital e cibercultura**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2611-1.pdf>> Acesso em 17/10/2013.

AUGÉ, Marc. **“Não-Lugares - Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade”** 2005, 90 Graus Editora, Ltda. (Trad. Miguel Serras Pereira) ISBN: 972-8964-02-1

AUGÉ, Marc. **Não lugares. Introdução uma antropologia da Supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Tradução: Mauro Gama & Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 272p.;

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola Aprendente: comunidade em fluxo** In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). Cibercultura e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 23-40.

BRASIL/MEC. **Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (LDBN)**, nº 9.394/96, de 20/12/1996.

CAMPUS DO PANTANAL. Educação Física  
[http://cpan.ufms.br/old/includes/Archive/ed\\_fisica/Projeto\\_Pedagogico\\_Ed\\_Fisica.pdf](http://cpan.ufms.br/old/includes/Archive/ed_fisica/Projeto_Pedagogico_Ed_Fisica.pdf) Acesso em 15/10/2012.

CAMPUS DO PANTANAL. Pedagogia  
[http://cpan.ufms.br/old/includes/Archive/pedagogia/PPC\\_Pedagogia.pdf](http://cpan.ufms.br/old/includes/Archive/pedagogia/PPC_Pedagogia.pdf) Acesso em 15/10/2012.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: uma construção plural, original e complexa**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Communication Power**. California: Oxford Press, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990. p. 187.

CHARTIER, Roger. **As revoluções da leitura no ocidente**. Campinas – SP. Bartira Gráfica. 2000.

FLEURI, Reinaldo Matias. **DESAFIOS À EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO BRASIL**. Educação, Sociedade e Cultura, nº 16, 2001, 45-62.

GADOTTI, Moacir (1994). "**Pressupostos do projeto pedagógico**". Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos. Brasília: MEC, 28/ago. a 2/set.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.  
HINE, Christine. How can qualitative Internet Researchers Define the Boundaries of Their Projects? In: MARKHAM, Annette N., BAYM, Nancy K. Internet Inquiry. Conversations about Method. California: Sage, 2009.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964- 1985)**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GOMES, Luiz Fernando et al. **NETNOGRAFIA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS PARA PESQUISAS EM EDUCAÇÃO**. QUAESTIO, Sorocaba, SP, v. 13, n. 2, p. 185-202, nov. 2011.

GOMEZ, Renato C. (2000). **Que faremos com essa tradição? Ou: relíquias da casa velha**. Revista Brasileira de Literatura Comparada. V. 5 n. 1. Rio de Janeiro: Abralic. P. 43-54.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. 111 p.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.). **Representation. Cultural Representations and Signifying Practises**. Sage/Open University: London, New Delhi, 1997.

HÉBRARD, Jean. **Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural**. [ Trad. Christian Pierre Kasper]. In: ABREU, Marcia (Org). Leitura, história e história da leitura. Campinas, SP: ALEB; FAPESP; Mercado de letras, 2002.

HOBBSAWM, Eric. **A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914.** In: HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. (Org). **A invenção das tradições.** Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. P.271-316

<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/08/o-que-e-voip-e-como-unciona.html>

HUTMACHER, W. **A Escola em Todos os Seus Estados: das Políticas de Sistemas às Estratégias de Estabelecimentos:** in NÓVOA, (org.) *As Organizações Escolares em Análise.* Lisboa, Dom Quixote, 1995.

JACOMELI, Mara Regina Martins. **A instrução pública primária em Mato Grosso na Primeira República: 1891-1927.** Campinas: 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas.

LARAIA, R. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 63.

LÉVY, P. (2007). **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 5. ed.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Glaucio José Couri. **Educação e Ciberespaço: estudos, propostas e desafios.** Org. 2010. p. 80 – 107.

MARCONI & PRESOTTO. **Antropologia: uma introdução.** São Paulo: Atlas, 2005 .313.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Comunicação: troca cultural?** Ed. Paulus, 2005.

MATTAR, João. **Web 2.0 e Redes Sociais na Educação.** Artesanato Educacional. São Paulo, 2013.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.** Ed. Cultrix, São Paulo, 1964.

MERCADO, Elisângela Leal de Oliveira Mercado. **INTERNETÊS NA ESCOLA: AVANÇO, RETROCESSO OU DIVERSIDADE DA LINGUAL?** IE 2010 Congresso Iberoamericano de Informática Educativa Jaime Sánchez, Editor Santiago, Chile, 2010.

MITOLOGIA GREGA: PROMETEU  
<<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MGPromet.html>> Acesso em 15/12/2012.

MONTARDO, Sandra, PASSERINO, Liliana. **Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações.** RENOTE, Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 4, 2006.

MONTARDO, Sandra. ROCHA, Paula J. **Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura.** Revista E-compós, volume 4, Brasília, 2005. Disponível em: <[http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/dezembro2005\\_paula\\_sandra.pdf](http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/dezembro2005_paula_sandra.pdf)> Acesso em 17/10/2013.

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas.** In: MORAN, J. M; MASETTO, M. M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica.* 8ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá.** 2º Ed. PAPIRUS. São Paulo. 2007.

O'REILLY, Tim. *Web 2.0 Principles and Best Practices.* 2005.

PALÁCIOS, Marcos. **O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos.** In: RUBIM, A. A. (org.). *Idade mídia.* Salvador: UFBA, 2001.

PARO, Vitor Henrique. *Gestão Escolar, Democracia e qualidade de ensino.* São Paulo: Ática, 2007.

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vítor. **Facebook: rede social educativa?** In I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 2010. ISBN 978-989-96999-1-5.

PERÉZ-GOMÉZ, A. I. (...) **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal.** Tradução: Ermani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia.** Trad. Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. 10. Ed. Ver. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

POSSENTI, Sírio. *Revista Língua Portuguesa – A Revolução do Internetês. Segmento , nº 5, 2006. P. 22 – 27.*

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras.** Gedisa Editorial. Colección Límites de La Ciencia. Barcelona, 1994.

ROSA, Maria da Glória Sá. **Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida.** Campo Grande: UFMS, 1990.

SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. **Alfabetização Tecnológica do professor.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **INTERSUBJETIVIDADE NAS REDES DIGITAIS: REPERCUSSÕES NA EDUCAÇÃO.** Disponível em: [http://api.ning.com/files/Sb\\*4boFSxeOH5mVJ\\*doJyVGfCIsCxxhSNkDrxavhpx9FFiRa0IWV-hpyabq2sMY5A625-Ud8HKWVOp7hhKYXhiHEvKC4sPU7x/textoSantaella\\_interacoes.pdf](http://api.ning.com/files/Sb*4boFSxeOH5mVJ*doJyVGfCIsCxxhSNkDrxavhpx9FFiRa0IWV-hpyabq2sMY5A625-Ud8HKWVOp7hhKYXhiHEvKC4sPU7x/textoSantaella_interacoes.pdf). Acesso em 05/09/2013

SANTOS, Claudio A.B, MENEZES, Paulo M.L. **Geonímia do Brasil: Pesquisa, reflexões e aspectos relevantes.** Disponível em: <http://lsie.unb.br/index.php/rbc/article/view/112>. Acesso em: 05/set/2011.

SANTOS, Claudio A.B. **A padronização dos nomes geográficos num estudo de caso dos municípios fluminenses.** Disponível em: [http://www.ngb.ibge.gov.br/App\\_doc/Geonomia do Brasil.pdf](http://www.ngb.ibge.gov.br/App_doc/Geonomia do Brasil.pdf). Acesso em: 02 set. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo e identidade social: territórios contestados.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.* Petrópolis: Vozes, 1995, p. 190-207.



SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados.** In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 119-141.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Lições da escola primária.** In: SAVIANI, Dermeval et al. O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 111. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Campus do Pantanal.** <<http://cpan.sites.ufms.br/>> Acesso em 15/10/2012.

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia.** Editora Moraes. São Paulo, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.

ZABOT, Nircélio. **O regimento escolar como instrumento de organização administrativa e pedagógica da comunidade escolar.** Revista Brasileira de Administração da Educação. Porto Alegre, v.4, n.2, p. 63-66, jul./dez.1986.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1

### UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

#### Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação

Modelo de Roteiro de Entrevista semiestruturada

#### IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR

01. Nome:

02. Data de nascimento:

03. Escola:

04. Formação:

05. Primeira vez que leciona nesta escola?

06. Tempo de atuação no magistério:

07. Qual metodologia segue?

08. Participou de alguma formação para utilizar as novas tecnologias da informação e comunicação?

09. Conhece a web 2.0?

10. E-mail?

11. Facebook?

12. Já conhecia o contexto local da Escola e dos alunos?

13. Fale sobre o seu dia a dia em sala de aula

a – Dificuldades com relação as novas tecnologias da informação e comunicação

b – Facilidades com relação as novas tecnologias da informação e comunicação

c - Recursos pedagógicos utilizados

d - Participação dos alunos

e – Planejamento (o que é considerado) com relação as novas tecnologias da informação e comunicação

f – Apoio pedagógico da coordenação com relação às novas tecnologias da informação e comunicação

## APÊNDICE 2

## REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS FRENTE À WEB 2.0 EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CORUMBÁ/MS



[Editar este formulário](#)

1. Você tem interesse em discutir sobre as tecnologias educacionais?

Sim

Não

2. Você tem computador em casa?

Sim

Não

a. Caso sim, você leva para escola?

Sim

Não

3. Você tem celular?

Sim

Não

4. Seu celular possui câmera fotográfica?

Sim

Não

5. Como você classificaria seu uso do celular:

Domino todos os aplicativos

Utilizo apenas para telefonar e mandar mensagens

Utilizo a maioria, mas ainda há aplicativos que desconheço o funcionamento

Outro:

6. Como você avalia seu conhecimento sobre os seguintes programas: Word, Excel, Power Point, Media Player, Internet Explorer, Redes Sociais

Ótimo

Bom

Médio

Regular

Desconheço

7. Você faz parte de alguma rede de relacionamentos?

Sim

Não

8. Caso sim, quais?

- Facebook
- Twitter
- Google plus
- Outro:

9. Você já fez curso de informática?

- Sim
- Não

10. Caso sim, há quanto tempo?

- Este ano
- Há um ano atrás
- Mais de um ano atrás

11. O curso contribuiu na preparação das suas aulas?

- Sim
- Não

12. Você tem interesse em aprender sobre o quê, quando o tema é tecnologia educacional?

13. Você já fez algum curso a distância?

- Sim
- Não

14. Você já desenvolveu algum projeto em sala de aula utilizando as tecnologias?

- Sim
- Não

15. Caso sim, qual foi o tema?

16. Você já participou de alguma formação que discutisse o uso das tecnologias em sala de aula?

- Sim
- Não

17. Caso sim, quais tecnologias foram abordadas

18. Quantas vezes na semana você utiliza as novas tecnologias da informação e comunicação em seu planejamento

- 1 vez
- 2 vezes
- Acima de 2 vezes
- Nunca
- Às vezes

19. Em sala de aula você proíbe:

- Celular
- Notebook/Netebook

- Filmadora
- Tablet
- Nenhum deles

20. A escola que o senhor trabalha professor, é aceitável a presença das novas tecnologias da informação e comunicação?

- Sim
- Não
- Às vezes

21. Qual é a sua formação

- Letras
- Matemática
- Geografia
- História
- Biologia
- Inglês
- Educação Física
- Espanhol

22. Tem Pós-Graduação ?

- Especialização
- Mestrado

- Doutorado
- Nenhuma das alternativas anteriores

23. Você conhece a WEB 2.0?

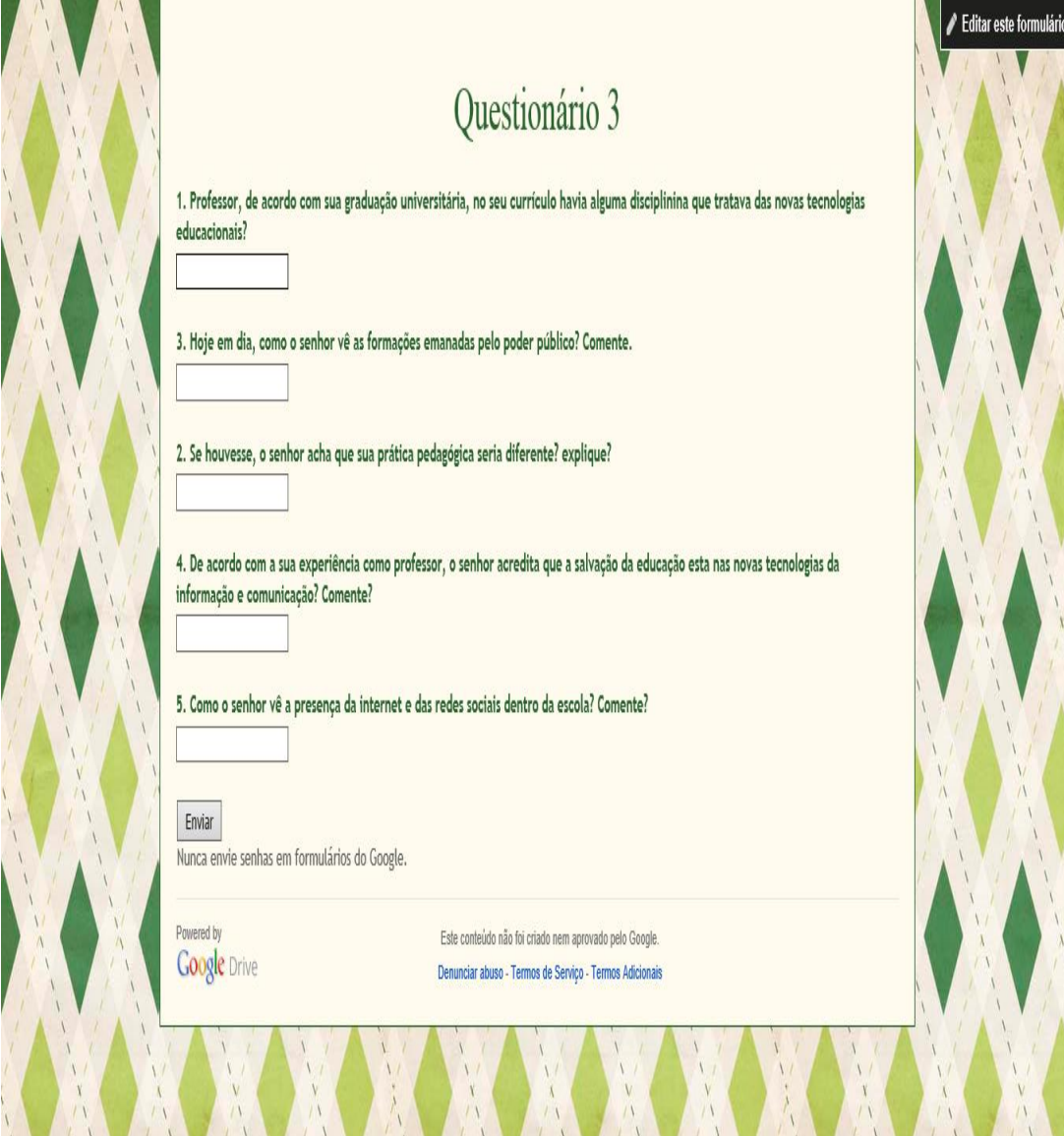
- Sim
- Não

Nunca envie senhas em formulários do Google.

Powered by  
 Drive

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.  
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

## APÊNDICE 3



✎ Editar este formulário

## Questionário 3

1. Professor, de acordo com sua graduação universitária, no seu currículo havia alguma disciplina que tratava das novas tecnologias educacionais?

3. Hoje em dia, como o senhor vê as formações emanadas pelo poder público? Comente.

2. Se houvesse, o senhor acha que sua prática pedagógica seria diferente? explique?

4. De acordo com a sua experiência como professor, o senhor acredita que a salvação da educação esta nas novas tecnologias da informação e comunicação? Comente?

5. Como o senhor vê a presença da internet e das redes sociais dentro da escola? Comente?

Enviar

Nunca envie senhas em formulários do Google.

---


Powered by  
Google Drive

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.  
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)



## APÊNDICE 4

## Aluno 1



[Editar este formulário](#)

Qual é o seu nome?

Qual é a sua escola?

JGP

PPM

Qual é a sua idade?

13 anos

14 anos

15 anos

16 anos ou mais

Conhece a web 2.0?

Sim

Não

Com relação as redes sociais, qual você participa?

Orkut

Twitter

Facebook

Youtube

Outros

Quando você esta na escola, você costuma acessar a sua rede social?

Sim

Não

Caso a sua resposta for não, por que?

E quando você esta dentro da sala de informática, você acessa a sua rede social?

Sim

Não

Caso sua resposta for não, por que?

em sala de aula, o professor proíbe o uso ou o manuseio de que aparato tecnológico?

Notebook/netebook

Celular

Tablet

Outros

Na escola, é proibido o uso ou o manuseio de que aparato tecnológico?

- Notebook/netebook
- Celular
- Tablet
- Outros

Na sala de informática, é proibido o uso ou o manuseio de que aparato tecnológico?

- Notebook/netebook
- Celular
- Tablet
- Outros

Com relação a sala de informática, pode acessar qualquer site, ou tem restrições? Quais?

Enviar

Nunca envie senhas em formulários do Google.

Powered by  
 Google Drive

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.  
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

**ANEXOS**

**ANEXO 1****Estrutura Curricular do Curso de Educação Física - Licenciatura/CPAN**

<b>COMPONENTES CURRICULARES/DISCIPLINAS</b>	
<b>1. CONTEÚDOS DE FORMAÇÃO AMPLIADA</b>	
<b>1.1. DIMENSÃO: Relação Ser Humano-Sociedade (Fundamentos da Educação Física)</b>	<b>CH</b>
Fundamentos Sócio-Antropológicos e Educação Física	68
Fundamentos Históricos e Educação Física	68
Fundamentos Filosóficos e Educação Física	68
Psicologia e Educação	68
Ética e Legislação Profissional	34
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>306</b>
<b>1.2. DIMENSÃO: Biológicas do Corpo Humano (Bases Anátomo-Fisiológicas e Saúde Coletiva/Saúde Pública)</b>	
Anatomia Humana Aplicada à Educação Física/Esporte I	68
Anatomia Humana Aplicada à Educação Física/Esporte II	68
Fisiologia Humana e do Exercício I	68
Fisiologia Humana e do Exercício II	68
Saúde Pública/Saúde Coletiva	51
Crescimento e Desenvolvimento Humano	51
Bases cinesiológicas e biomecânicas do movimento humano	51
Primeiros Socorros	34
Nutrição e atividade física	34
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>493</b>
<b>1.3. DIMENSÃO: Produção do Conhecimento Científico e Tecnológico (Ciência, Pesquisa e Produção do Conhecimento)</b>	
Leitura e Produção de Texto	68
Pesquisa e Educação Física	68
Introdução ao Trabalho Acadêmico e Científico	68
Trabalho de Conclusão de Curso I	34
Trabalho de Conclusão de Curso II	34

Trabalho de Conclusão de Curso III	34
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>306</b>
<b>2. CONTEÚDOS DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA</b>	
<b>2.1. DIMENSÃO: Cultura do Movimento Humano (Cultura do Movimento Humano)</b>	
Dança I	68
Dança II	68
Ginástica I	68
Ginástica II	68
Atletismo I	68
Atletismo II	51
Atividades Esportivas I	68
Atividades Esportivas II	68
Atividades Esportivas III	68
Atividades Esportivas IV	68
Atividades Aquáticas I	68
Atividades Aquáticas II	51
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>782</b>
<b>2.2. DIMENSÃO: Técnico-Instrumental (Cultura e Lazer)</b>	
Lazer e Educação Física	68
Avaliação e Medidas em Educação Física	51
Jogos Populares	34
Aprendizagem Motora	51
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>204</b>
<b>2.3. DIMENSÃO: Didático-Pedagógica (Formação Pedagógica)</b>	
Fundamentos de Didática	68
Currículo e Didática em Educação Física	68
Educação Especial	68
Tendências Pedagógicas na Educação Física	68
Política Educacional e Organização da Educação Básica	68
Libras	68
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>408</b>
<b>3. CONTEÚDOS DA DIMENSÃO PRÁTICA</b>	
<b>3.1. DIMENSÃO: Práticas de Ensino</b>	
Prática de Ensino I	68
Prática de Ensino II	68
Prática de Ensino III	68
Prática de Ensino IV	68
Prática de Ensino V	68
Prática de Ensino VI	68
Prática de Ensino VII	85
<b>3.2. DIMENSÃO: Estágio Curricular Supervisionado de Ensino</b>	
Estágio Obrigatório I	119
Estágio Obrigatório II	136
Estágio Obrigatório III	136
Estágio Obrigatório IV	102
<b>3.3. DIMENSÃO: Atividades Complementares</b>	
Atividades Complementares	255
<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>1241</b>

## ANEXO 2

## Estrutura Curricular do Curso de Pedagogia - Licenciatura/CPAN

ANO DE IMPLANTAÇÃO: 2010	
COMPONENTES CURRICULARES/DISCIPLINAS	C.H
1. NÚCLEO DE ESTUDOS BÁSICOS	
1.1. NÚCLEO DE ESTUDOS BÁSICOS INSTITUCIONAL	
Didática	85
Educação Brasileira	68
Educação Especial	68
Estudo de LIBRAS	68
Filosofia da Educação	85
Fundamentos Sociológicos da Educação	68
História da Educação	68
História da Pedagogia	68
Políticas Educacionais	68
Psicologia e Educação	85
Trabalho Acadêmico I	34
Trabalho Acadêmico II	34
CARGA HORÁRIA	799
1.2. NÚCLEO DE ESTUDOS BÁSICOS COMPLEMENTAR	
Currículo e Ensino	68
Didática e Organização do Trabalho Pedagógico	68
Educação e Ludicidade	85
Educação e Saúde	68
Sociologia Geral	85
Estágio Obrigatório em Educação Infantil I	68
Estágio Obrigatório em Educação Infantil II	68
Estágio Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I	68
Estágio Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental II	68
Estudos Aprofundados em Educação Especial	68
Fundamentos e Metodologia da Alfabetização I	68
Fundamentos e Metodologia da Alfabetização II	68
Fundamentos e Metodologia do Ensino de Artes	68
Fundamentos e Metodologia do Ensino de Ciências Naturais	68
Fundamentos e Metodologia do Ensino de Geografia	68
Fundamentos e Metodologia do Ensino de História	68
Fundamentos e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa	68
Fundamentos e Metodologia do Ensino de Matemática	68
Infância e Sociedade	85
Leitura e Produção de Texto	68
Literatura Infantil	68
Organização e Funcionamento do Ensino	68
Pesquisa em Educação I	51
Pesquisa em Educação II	51
Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	85
Seminário de Pesquisa I	34
Seminário de Pesquisa II	34
Fundamentos da Educação Infantil	68
Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Infantil	68
CARGA HORÁRIA	1.955

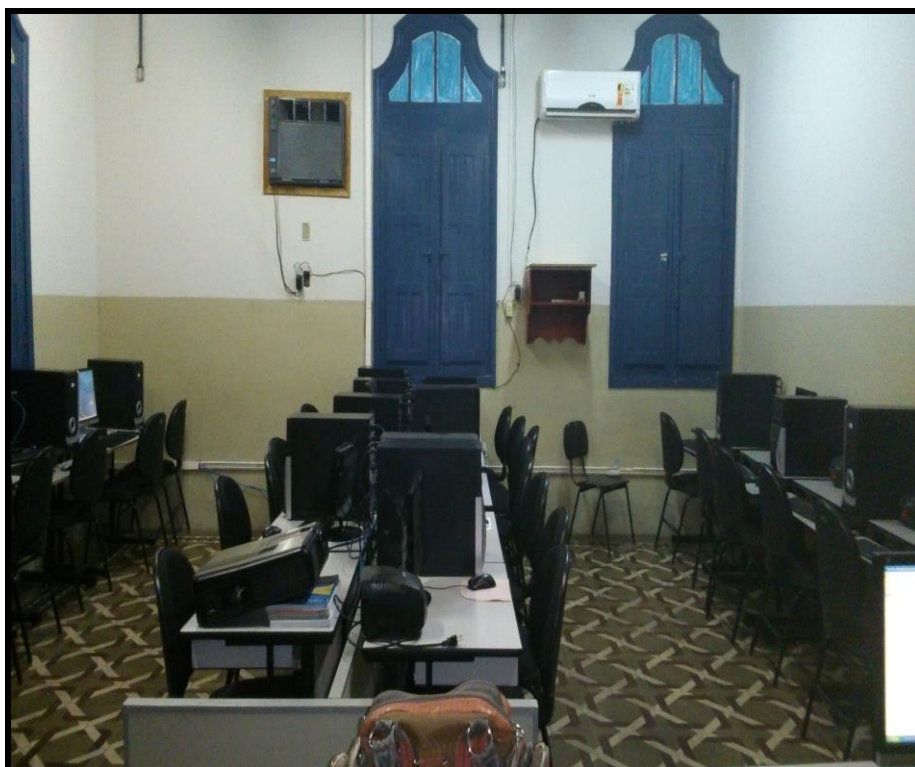
Fonte: [http://cpan.ufms.br/old/includes/Archive/pedagogia/PPC\\_Pedagogia.pdf](http://cpan.ufms.br/old/includes/Archive/pedagogia/PPC_Pedagogia.pdf)

**ANEXO 3**

Escola Municipal Pedro Paulo de Medeiros

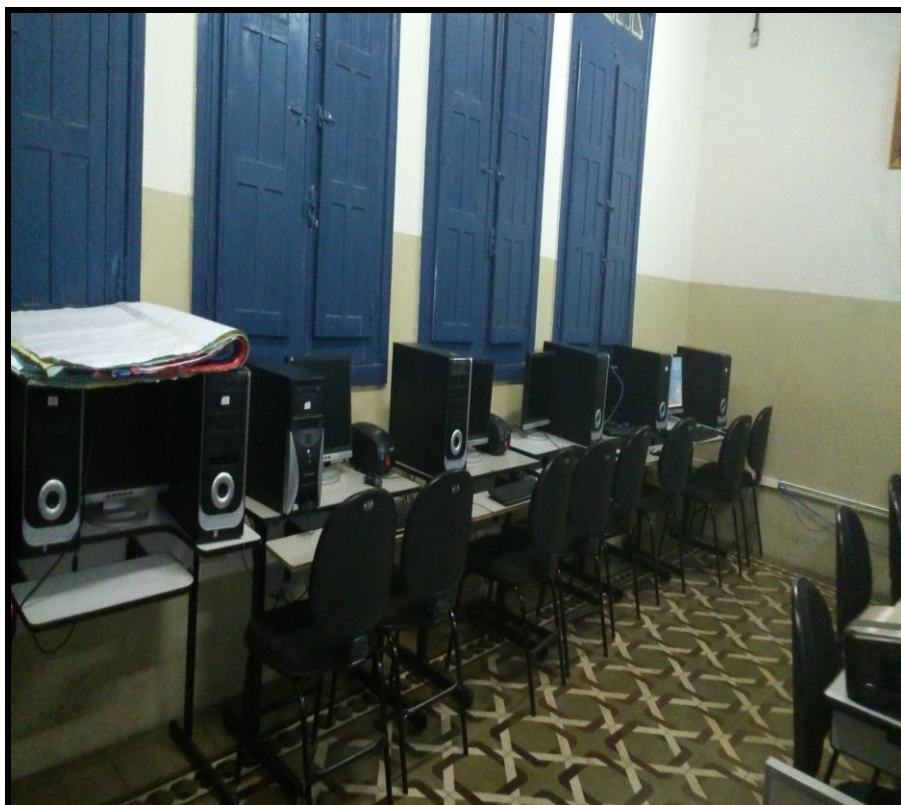


Fonte: MIRANDA, Pedro Rodrigues – 2013.



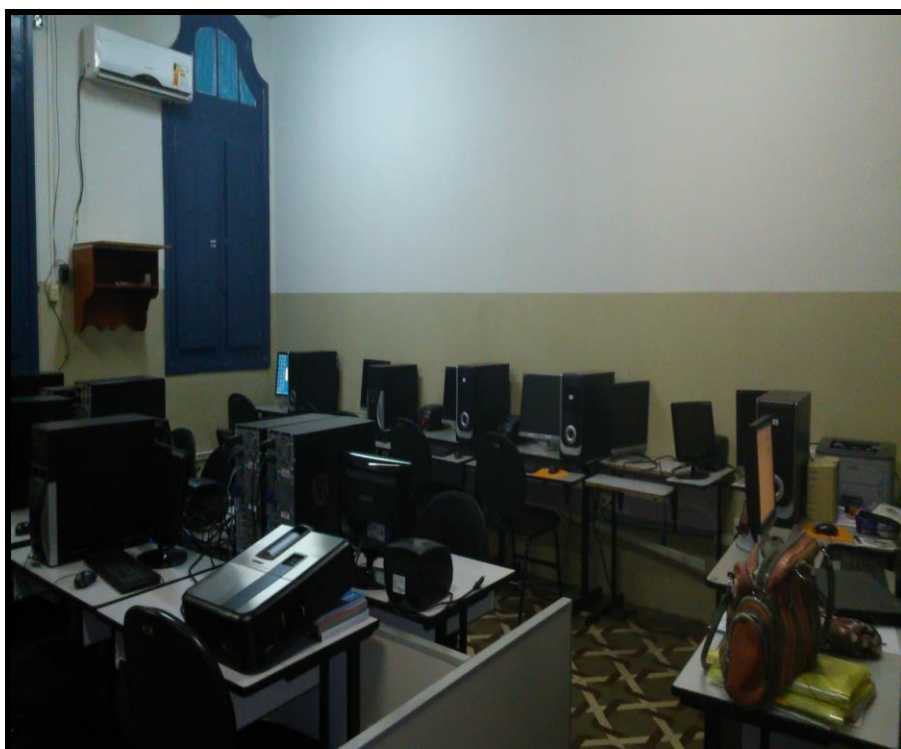
Sala de Informática

Fonte: MIRANDA, Pedro Rodrigues – 2013.



Sala de Informática

Fonte: MIRANDA, Pedro Rodrigues – 2013.



Sala de Informática

Fonte: MIRANDA, Pedro Rodrigues – 2013.



## ANEXO 4

Escola Estadual Julia Gonçalves Passarinho

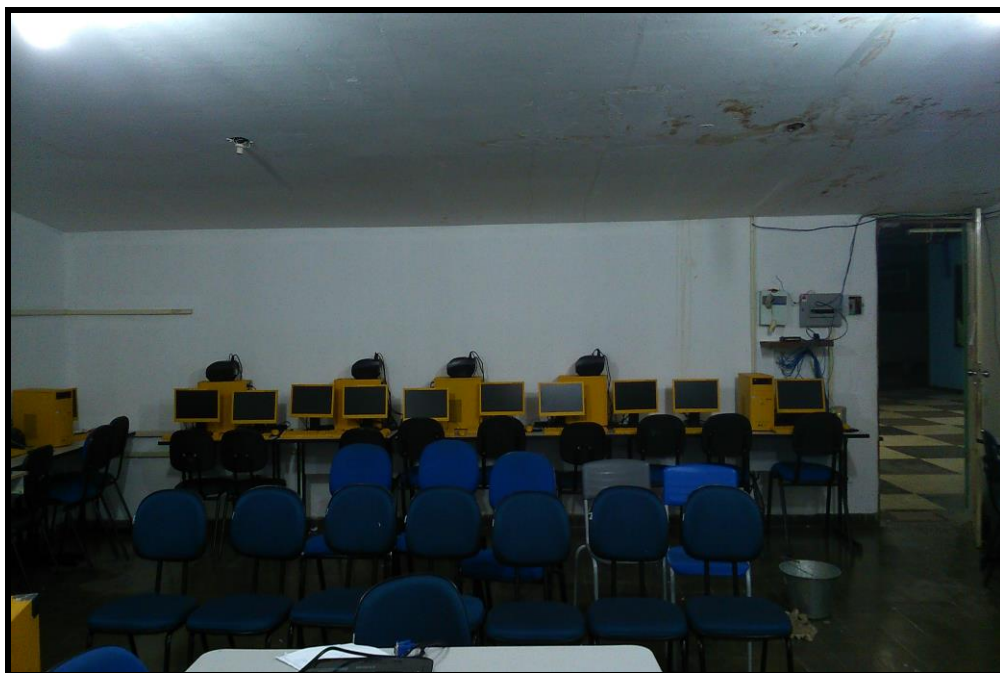


Fonte: MIRANDA, Pedro Rodrigues – 2013.



Sala de Informática

Fonte: MIRANDA, Pedro Rodrigues – 2013.



Sala de Informática

Fonte: MIRANDA, Pedro Rodrigues – 2013.



Sala de Informática

Fonte: MIRANDA, Pedro Rodrigues – 2013.